UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TESE DE MESTRADO

"Ceci n'est pas une pipe"
René Magritte, 1926

Isto não é uma pesquisa-ação:

margeando o imprevisível

Elisabete Gonçalves Zuza

Orientadora: Profa. Dra. Maria Helena Salgado Bagnato

Este exemplar corresponde ao texto apresentado para o Exame de Mestrado de Elisabete Gonçalves Zuza sob orientação da Profa. Dra. Maria Helena Salgado Bagnato.

Data: 15/09/2003

UNICAMP, Setembro de 2003

Aos meus amados André e Isadora,
sem os quais este trabalho não seria possível.

Agradecimentos:

À Prof. Dra. Maria Helena Salgado Bagnato, orientadora, pelo carinho e respeito com que me recebeu no PRAESA, pela amizade que desenvolvemos com o passar do tempo, pelo acolhimento nos momentos difíceis, por estar sempre por perto, permitindo-me alçar vôos e arriscar-me por diferentes territórios, e, principalmente, pela confiança em mim depositada, "não soltando a âncora". Navegamos juntas. Como você, Maria Helena, tão bem poetizou: " Ah! Nossa danação de condenados que somos.A vagar a ermo na companhia de histórias descontínuas, Uma viagem..."

Aos membros das bancas de Qualificação e Defesa, Profs. Drs. Emerson Elias Merhy, Guillherme Do Val Toledo Prado e Antonio Carlos Amorim, pela enorme generosidade, cuidado e respeito com que leram a dissertação, cujas contribuições durante a qualificação, foram instigantes, desafiadoras, exasperantes e absolutamente decisivas para que eu procedesse uma operação de raspagem na superfície do meu olhar, encarnando-o, permitindo-me resgatar o sentido da experiência, o acontecimento, devolvendo a vida ao processo de elaboração do trabalho.

À Florianita pela leitura pacienciosa e por ter aceito o convite para participar da banca de defesa.

Um agradecimento especial aos colegas, Luis Carlos Marcelino, Marilda Colichio Pikwinas, Renata Lúcia Gigante, Sandra Donizete Pasquini Silva, Rita Del Gallo, Paulinho Bonilha, Mônica Grippo, Tereza Cristina Nascimento, Maria do Carmo Ferreira, e Taís Fernanda Klenz que deram sentido a essa experiência. Não fosse por suas presenças, suas vozes, este corpo não teria esta materialidade.

Aos meus queridos amigos do CETS, Adriane, a quem agradeço especialmente pelo

apoio enquanto coordenadora do serviço, pela constante provocação a nos tirar dos lugares comuns e por ter me presenteado com aquele gravador maravilhoso que me acompanhou durante todo o processo. Duda, Viviane, Adilson, Marirene, Silvia, Vânia, Helô, Luciane, Bet Lelo, Fátima Seixas, Giovanne, Gerson, Jeanete, Fátima Faleiros, Fernando, Marcelinho, Laércio e Maria das Graças pelo aprendizado de convivência. Com vocês aprendi muito sobre a amizade, autonomia, generosidade, responsabilidade, criatividade, cumplicidade, o trabalho em equipe. Compartilhamos bons e maus momentos, nos achamos, nos perdemos, mas seguimos adiante inventando diferentes histórias, porque afinal, "o importante é que nossa emoção sobreviva!"

Às enfermeiras e enfermeiros da Secretaria Municipal de Saúde e do Departamento de Enfermagem da Faculdade de Ciências Médicas- UNICAMP, que trabalharam no Projeto de Qualificação das Práticas de Enfermagem, companheiros de cotidiano, que insistiram, apesar das adversidades, na perspectiva de transformar os espaços de trabalho, os serviços, em lugares de produção de saberes e de vida.

À Luciane e Guilherme, amigos de todas as horas, por terem me incentivado a prestar o exame para o mestrado, pelas presenças e apoio constantes durante os momentos de alegria e angústia que pontuaram esta minha trajetória.

À Taninha, pelo apoio inestimável na fase de transcrição das fitas. Obrigada pelo carinho e gentileza.

Ao André Pietsch por termos compartilhado divertidos momentos elocubrando Deleuze, "deleuzeando".

Ao Antonio Carlos por ter me recebido carinhosamente nas reuniões do FORMAR.

Aos colegas do PRAESA, com os quais compartilhei meus saberes e ignorâncias.

À Faculdade de Educação da UNICAMP e seus funcionários que sempre me atenderam com cordialidade.

Aos meus colegas do COAS, Maria do Carmo, Flora, Raulita, Rosângela, Heloisa, Clarisse, Valkiria, Ana, Glaciele e Almir, bem como à Cristina, Regina e Valdete pelo incentivo, compreensão e solidariedade no período em que necessitei me ausentar para terminar de escrever o trabalho.

À Elisa, pela convivência e pelo carinho com que vem cuidando há anos de minha família, nossa casa, nos proporcionando o conforto e a tranquilidade necessária para que eu me dedicasse ao mestrado.

Aos queridos amigos e amigas Ana Cris, Maura, Shirlei, Leila, Carmo e Adilson, Maria e Nacle, João Salsa, Elci, Aninha, Greice, Lála, Marco Aurélio (Mister M), Sissa, Carlos e Regina, Rosilene, Antônio Carlos, Bier, Alexandre, Verônica, Willians, Márcia Ferrão, Eliana Figueiredo, Vitória e Haydée pelas memórias, pelas baladas, tornando a vida mais divertida, pela música, pela mágica, pelas massagens, agulhas, reik, homeopatia, pela bondade e companheirismo, por suportarem minhas chatices, pelo respeito, pelo reencontro, pela força no final deste processo de trabalho, enfim, pelas presenças constantes em minha vida ao longo dos anos.

Ao Wolfgang Lenk, pela gentileza em traduzir o resumo (abstract).

À Vivian Bearzotti, pela cuidadosa leitura e revisão do trabalho.

À Secretaria de Saúde e a todos os meus velhos e novos companheiros de rede, juntos vamos tecendo diferentes tramas, alargando os limites do que temos em comum: O cuidar da vida nas suas diferentes manifestações, a defesa de novas possibilidades de vida...

"...Severino, retirante,
...se quer mesmo que lhe diga
é difícil defender,
só com palavras, a vida,
ainda mais quando ela é
esta que vê, severina
mas se responder não pude
à pergunta que fazia,
ela, a vida, a respondeu
com sua presença viva.

E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida
como a de há pouco, franzina
mesmo quando é a explosão
de uma vida severina.

Trechos de Morte e Vida Severina

João Cabral de Melo Neto

SUMÁRIO

Lista de Figuras..... xiii
Resumo..... xv
Abstract..... xvii
CAPÍTULO I - A título de introdução (ferramentas)..... 1
CAPÍTULO II - Molaridades..... 15
Considerações a respeito do Centro de Educação para os Trabalhadores da Saúde (CETS)..... 28
Proposta em Análise: Projeto de Qualificação das Práticas de Enfermagem - Módulo III..... 31
Educação continuada em Saúde: outras possibilidades..... 48
CAPÍTULO III - Memorial (subjetivações)..... 55
"Como se chega a ser o que se é"..... 57
Migração/ Deslocamentos..... 65
CAPÍTULO IV - Acontecimentos..... 79
Prolegômenos..... 80
Ruínas..... 91
Ah meu Deus, como é que é isso?..... 99
E essa pesquisa-ação da UNICAMP?..... 107
Como escapar da ordem dentro da ordem?..... 123
A Caixa de Pandora?..... 135
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA..... 147
BIBLIOGRAFIA..... 155

Lista de Figuras

FIG. 1 – Ruína.....89

FIG. 2 – Ai meu Deus, como é isso, como é que eu entro nessa história?.....97

FIG. 3 – E essa pesquisa-ação da Unicamp?.....105

FIG. 4 – Como escapar da ordem dentro da ordem?.....121

FIG. 5 – Caixa de Pandora?.....133

Resumo

Esta dissertação, estabelece um diálogo, com um conjunto de pesquisas contemporâneas, que pretendem produzir saberes sobre as práticas sociais referenciadas em uma concepção do conhecimento como uma prática social, portanto, encarnado no espaço, no tempo e na história. Pesquisas que suspeitam de paradigmas epistemológicos da modernidade, que ao distinguirem o sujeito do objeto nas ciências humanas e sociais, estabelecem clivagens entre a objetividade e a subjetividade, tratando a subjetividade do pesquisador como uma espécie de ruído a ser eliminado do processo de produção do conhecimento.

O presente trabalho, considera a produção da pesquisa como um processo de formação e de subjetivação. Preocupa-se em tornar visíveis os "saberes da experiência", constituídos nos serviços de saúde, concebidos como "locus" privilegiado para o desenvolvimento de propostas de educação continuada. Para tanto, encontra na "pesquisa-ação" e no conceito de "implicação", perspectivas para a interrogação permanente do cotidiano a partir das tensões ocorridas no exercício das práticas. Preocupa-se pois, em transformar "problemas" em desafios, e em buscar nos resultados do trabalho não um fim em si mesmo, mas saídas múltiplas para outros territórios.

Palavras-chave: ***Saúde e educação, Educação permanente, Pesquisa-ação em educação, Implicação, Acontecimento.***

Abstract

This dissertation establishes dialog to a collection of contemporary research which intend to produce knowledge on social practices, embodied, therefore, in space, time and history. Researches that suspect the epistemological paradigms of today which, by distinguishing subject from object in human and social sciences, establish cleavages between objectivity and subjectivity and treat the subjectivity of the researcher as a sort of noise to be eliminated from the process of knowledge production.

The present work considers research production as a process of formation and "subjectivation". It concerns with making visible the "knowledge by experience" constituted in health services, conceived as the priviledged locus for the development of continuous education proposals. To achieve this, it finds in "action research" and in the concept of "implication" prospectives to the permanent interrogation of the quotidian based on the tensions ocurred in the exercise of practice. It concerns, therefore, with transforming "problems" into challenges and with seeking the work results not as ends in themselves, but as multiple gateways to other fields.

Key-words: health and education; permanent education; action-research in education; implication; occurrence.

CAPÍTULO I - A título de introdução (ferramentas)

Retrato do Artista Quando Coisa

Manoel de Barros

13

Desde criança ele fora prometido para lata
Mas era merecido de águas de pedras de árvores
de pássaros.
Por isso quase alcançou ser mago.
Nos apetrechos de Bernardo, que era o nome dele,
achei um canivete de papel.
Servia para não funcionar: na direção que um
canivete de papel não funciona.
Servia para não picar fumo.
Servia para não cortar unha.
Era bom para água mas obtuso para pedra.
Havia outro estrupício nos guardados de Bernardo.
Tratava-se de um *Guindaste para Mosca.*
Esse engenho, pra bem funcionar, havia que estar
ligado por uma correia aos ventos da manhã.
Funcionava ao sabor dos ventos.
Imitava uma instalação.
Mas penso que seja um desobjeto artístico.

Quando iniciei o mestrado no ano de 2000, trabalhava no Centro de Educação dos Trabalhadores da Saúde (CETS) e, dentre outras atividades, participava de um grupo de trabalho que vinha desenvolvendo uma proposta na Secretaria de Saúde da Prefeitura Municipal de Campinas, intitulada "Projeto de Qualificação das Práticas de Enfermagem". A princípio, esta proposta compunha em conjunto com duas outras, "Capacitação dos Clínicos" e "Projeto de Desenvolvimento e Gestão/PDG", um 'tripé' de projetos a partir dos quais pretendia-se mudar o modo de produzir a atenção à saúde oferecida aos usuários do SUS-Campinas.

Durante o ano de 2000, devido às mudanças políticas ocorridas na gestão da Secretaria de Saúde e às dificuldades impostas aos trabalhadores da Prefeitura Municipal de Campinas pelo governo municipal, apenas o "Projeto de Qualificação das Práticas de Enfermagem" (PQPE) sobreviveu.

Foi um período marcado por crises trabalhistas que culminaram em praticamente dois anos intermitentes de movimentos grevistas e em mudanças no núcleo de governo da Secretaria da Saúde. Porém, em meio ao descrédito e desesperança, seguimos com a execução do projeto. Havia um envolvimento grande da enfermagem em número e em compromisso com a proposta do PQPE; criou-se ali um espaço de discussão de políticas institucionais e públicas, um espaço de debates e, conseqüentemente, de crescimento e amadurecimento profissional; e o CETS, como área estratégica, por ocupar-se prioritariamente da educação continuada dos trabalhadores da Secretaria Municipal de Saúde, à medida que as grandes diretrizes eram discutidas coletivamente pelo conjunto da secretaria, possuía, e ainda possui, grande agilidade em agregar parcerias para a elaboração e a execução das propostas. Creio serem essas, entre outras, algumas das justificativas para a manutenção do projeto até o final da mesma gestão.

No início do ano de 2001, depois das eleições, toma posse o novo governo com novas diretrizes para o modelo técnico-assistencial,[1] encerrando-se naqueles moldes, conforme será posteriormente demonstrado, a proposta do "Projeto de Qualificação das

[1] A definição de modelo técnico-assistencial encontra-se na página 17.

Práticas de Enfermagem".

Naquela ocasião (2000), o que me inspirou, o que agenciou meu projeto para a dissertação foi possibilidade de pensar a pesquisa, no campo da educação e saúde, enquanto um dispositivo capaz de convocar o trabalhador a inquirir o seu fazer, abrindo novas possibilidades de responder aos desafios de seu cotidiano, transformando a cultura da "falta" em novas provocações agenciadoras do desejo.

A falta, segundo a esquizo-análise, é produzida socialmente, e não constitutiva do desejo, como sugere a psicanálise quando teoriza sobre complexo edipiano.

> *" a falta é arrumada, organizada, na produção social (...) a produção nunca é organizada em função de uma falta anterior mas sim, a falta que se aloja, se vacualiza, se apropria, segundo a organização de uma produção prévia. É a arte de uma classe dominante, essa prática da razão como economia de mercado: organizar a falta na abundância da produção(...) (DELEUZE e GUATTARI, 1996:32-33).*

Pareceu-me, logo no primeiro momento, um antídoto contra a cegueira situacional, um antídoto contra a cegueira produzida pelo signo da racionalidade técnica, que, não raras vezes, nos impede de ver, de enxergar as singularidades da vida cotidiana, tornando nosso trabalho burocratizado e, por isso mesmo, embrutecedor, tanto para aqueles que o realizam, quanto para aqueles que por ele são assistidos.

Cabe ressaltar que entre os gestores do SUS Campinas, trabalhadores e usuários, sempre houve uma constante preocupação pela busca de aprimoramento dos profissionais da rede pública, e, conseqüentemente, da própria instituição pública.

Investe-se permanentemente no preparo dos mesmos para a gestão dos equipamentos públicos e processos de trabalho, buscando a melhoria da prestação da assistência à população.

Acompanhamos, ao longo dos anos, a implementação de variados métodos de planejamento para o governo e serviços, advindos de diferentes linhas teóricas e

metodológicas: cursos de formação de gestores, formação de pessoal de nível médio, inúmeros projetos de capacitação para trabalhadores e usuários do SUS.

Imbuídos do desejo de democratizar a organização, implementaram-se ao longo dos anos variadas composições político-organizacionais, tais como, a criação de colegiados de governo, a descentralização de decisões técnicas e políticas para os níveis distrital[2] e local, preocupando-se aqui com o respeito às diferenças e idiossincrasias locais. Estes procedimentos vão alcançando maior ou menor sucesso, dependendo dos interesses em disputa nos diferentes momentos da vida institucional.

Estes processos, na maioria das vezes, são propostos e/ou acompanhados por especialistas externos, convidados das universidades ou de outras esferas de governo (Estadual ou Federal). Enquanto na presença do especialista, e durante um período após, cria-se um grau de mobilização entre os trabalhadores, algumas modificações são realizadas, porém com o tempo, elas tornam-se datadas, incorporadas ou não às rotinas.

À medida que estes saberes são capturados pelo organizado, pelo instituído[3], tornam-se parte da cultura institucional, memória, patrimônio público, e, mesmo que aparentemente percam sua força instituinte, podem ser, como são, acessados em diferentes momentos como ferramentas na solução de problemas ou na produção de novas experiências.

Na época, como uma das responsáveis por desenvolver e executar projetos de educação continuada junto aos trabalhadores a partir do campo[4] da educação e saúde,

---

[2] A Secretaria Municipal de Saúde de Campinas subdivide-se em cinco distritos ou regiões sanitárias (Leste, Norte, Noroeste, Sul, Sudoeste). Cada um dos distritos possui um núcleo gerencial composto por um coordenador, apoiadores de diferentes categorias profissionais e um núcleo de vigilância epidemiológica e sanitária, que, junto com os coordenadores das unidades de saúde, compõem um colegiado, responsável pelas ações de saúde daquela área.

[3] Instituinte: São momentos de transformação institucional, são forças que tendem a transformar as instituições ou fundá-las (quando ainda não existem). São forças produtivas de códigos institucionais.
Instituído: é o efeito da atividade instituinte (leis, normas, pautas, padrões etc.); o instituinte aparece como o processo, enquanto o intituído aparece como o resultado. O instituinte transmite uma característica dinâmica, o instituído transmite uma característica estática, congelada. (BAREMBLITT, 1994:178)

[4] Refiro-me a campo como um conjunto de interesses articulados em torno de um conjunto de referências comuns. Estar em um determinado campo é estar em jogo. PIERRE BOURDIEU (2001:139-141), nos traz o conceito de illusio, "palavra latina que vem da raiz ludus (jogo), poderia significar estar no jogo, estar envolvido no jogo, preso pelo jogo, levar o jogo a sério(...) dar importância a um jogo social, perceber que o

preocupava-me - e ainda me preocupa - permanentemente, o fato de que, apesar da discussão e implantação dos diferentes modelos assistenciais tomarem um lugar central no nosso cotidiano, estes raramente contam com a participação direta dos trabalhadores durante sua produção teórica. Os modelos são produzidos por 'experts', a partir de suas experiências como assessores, governantes ou intelectuais da área da saúde. Cabe aos trabalhadores, ao aceitarem o desafio de implementação de tais idéias, a tradução destes referenciais e sua materialização em diferentes práticas, a partir da experimentação e análise, que vão referendar ou não tais pressupostos.

Assim sendo, os trabalhadores, ao inventarem múltiplas maneiras, modos, formas de introduzir diferentes referenciais às suas práticas não estariam reiventando seu cotidiano? Ao abordarem analiticamente tais esperiências não estariam assumindo uma posição de co-autores dos modelos em implantação?

O Projeto de Qualificação das Práticas de Enfermagem (PQPE), propunha-se, a partir de uma reflexão sobre as mesmas, a contribuir para a inversão de um modelo médico e procedimento-centrado para um modelo usuário-centrado.

Segundo Merhy,

"(...) os processos atuais de produção da saúde vivem algumas tensões básicas e próprias dos atos produtivos em saúde, e que estão presentes em qualquer modelo predominante. Dentre estas, destaco as tensões entre:

- *a lógica da produção de atos de saúde como procedimentos e a da produção dos procedimentos como cuidado, como por exemplo, a tensão dos modelos médicos centrados em procedimentos, sem compromissos com a produção de cura;*
- *a lógica da produção dos atos de saúde como resultado das ações de distintos tipos de trabalhadores para a produção e o gerenciamento do cuidado e as intervenções mais restritas e exclusivamente presas às*

---

que se passa ai é importante para os envolvidos, para os que estão nele (...). Entre pessoas que ocupam posições opostas em um campo, e que parecem radicalmente opostas em tudo, observa-se que há um acordo oculto e tácito a respeito das coisas que estão em jogo no campo."

competências específicas de alguns deles, como por exemplo: as ações de saúde enfermeiro-centradas ou médico-centradas, sem ação integralizada e unificada em torno do usuário, ou a clínica restrita do médico e procedimento-centrada e os exercícios clínicos de todos os trabalhadores de saúde" (Merhy, 2002;119)

Ao propor o estudo e posterior utilização da pesquisa-ação ao grupo responsável pelo desencadeamento dos processos de discussão na instituição, minha expectativa era desenvolver coletivamente um dispositivo ou uma ferramenta conceitual capaz de nos favorecer, enquanto trabalhadores envolvidos no projeto, com a possibilidade de, ao interrogarmos o cotidiano a partir das necessidades e dificuldades gestadas na prática, produzirmos novos sentidos e, conseqüentemente, diferentes " linhas de fuga" para os problemas encontrados no cotidiano.

"Sobre as linhas de fuga, só pode haver uma coisa, a experimentação-vida. Nunca se sabe de antemão, pois já não se tem nem futuro nem passado. "Eu sou assim", acabou tudo isso. Já não há fantasia, mas apenas programas de vida, sempre modificados á medida que se fazem... O grande erro, seria acreditar que uma linha de fuga consiste em fugir da vida; a fuga para o imaginário ou para a arte. Fugir, porém, ao contrário, é produzir algo real, criar vida, encontrar uma arma (...)" (DELEUZE, 1998:61-62).

O imprevisto é parte constituinte do trabalho em saúde, e, quando surge, a tendência do trabalhador é, em boa parte dos casos, ao ir se institucionalizando, responder com o conhecido, com a norma, empobrecendo o resultado do trabalho.

Não se trata, pois, de transplantar para fora dos muros da universidade o modelo já legitimado do pesquisador acadêmico, mas criar dispositivos que propiciem novas relações, novas convergências, devires, conexões, alianças entre o trabalhador e seu trabalho. Capturar do pesquisador a curiosidade, as interrogações, a busca de novas

respostas para velhos e novos problemas que se apresentam no cotidiano. No meu entendimento, naquele primeiro contato com a proposta, a pesquisa-ação possibilitaria transformar em vontade de investigar a aflição paralisante provocada pela dúvida ou pelo não saber, colocada pela situação imprevista, que leva o trabalhador a responder com a norma, ou seja, desenvolver a capacidade de transformar problemas em desafios. Conceber o trabalho como fonte de novos acontecimentos, novos conhecimentos, agenciamentos, aprendizagem. Trata-se de possibilitar a produção de conhecimentos que agreguem novas formas de realizar o trabalho no território em que o processo se dá. Território de incompletude, de incertezas, de jurisprudências.

A realidade do trabalho em saúde é complexa, composta de luzes e sombras, de contradições, de simetrias e assimetrias, de ordenamentos e de desordens. Como trabalhadores que lidamos com a vida, temos que perder o medo da vida, temos que amar a razão e a desrazão, a coerência e a incoerência, duvidar das transparências, do óbvio, não nos iludirmos com as profundidades, com o oculto, apreendermos a pele e suas dobras. Proceder por raspagens, raspar as superfícies pelo amor ao belo, à singularidade, amar as superfícies, nada a desvendar, muito a inventar, nada a interpretar, só experimentar.

Outro aspecto fundamental da proposta de pesquisa-ação é o cuidado com o registro, a sistematização e a socialização das experiências do grupo, tendo, obviamente, como pano de fundo uma preocupação com a constituição de um espaço de produção de saberes, construído no cotidiano do trabalho, fora do âmbito da universidade.

Durante todos estes anos de exercício da função pública, venho dedicando-me a construir, junto com os coletivos dos quais faço parte, projetos e propostas que buscam um comprometimento com o aprimoramento das práticas clínicas[5] e com o fortalecimento do caráter público da organização.

O curioso é o modo de captura que estas produções vão sofrendo pelo

[5] "A clínica é um âmbito cujo estatuto não se reduz ao domínio de uma teoria, de um método ou de uma técnica... e muito menos ao que regula as prestações de serviços contratados rentáveis etc...a clínica transcorre num espaço *sui generis* que pode ser constituído em qualquer lugar, toda vez que "vontades de ajuda"...plasmem subjetividades que se encontram para se auxiliar. (Baremblitt apud Saúde Loucura 5,[s.d.]: p.7)

instituído, como a autoria é coletiva, sofre-se uma espécie de desapropriação, e tudo parece escoar para a vala comum do anonimato; ou, toda a obra realizada finalmente é legitimada, quando corroborada pelo projeto do grupo político de plantão. A instituição pública que tem por "princípio" a publicização é paradoxalmente uma máquina de produção de invisibilidade. Não seria essa produção de invisibilidade um procedimento de sujeição, de assujeitamento dos operadores da máquina estatal, necessária à manutenção de um certo "*modus operandis*" ?

Foucault (1995), ao estudar os modos de subjetivação[6] , envolveu-se com a questão do poder, propondo não uma teoria sobre o poder, mas uma nova economia das relações de poder.

> *"(...) que é mais empírica, mais diretamente relacionada à nossa situação presente, e que implica relações mais estreitas entre a teoria e a prática. Ela consiste em usar as formas de resistência contra as diferentes formas de poder como um ponto de partida... Mais do que analisar o poder do ponto de vista de sua racionalidade interna, ela consiste em analisar as relações de poder através do antagonismo de suas estratégias."* (FOUCAULT, 1995:234).

Quando iniciei a elaboração da proposta de pesquisa, pensei meu projeto como uma pequena "máquina de guerra"[7] capaz de produzir fluxos, movimentos, intensidades, que capturasse novos territórios de produção subjetiva e que, na medida em que o projeto fosse capturado pelas ordenações institucionais, pudesse produzir, por

---

[6] "(...). Um processo de subjetivação, isto é, uma produção de modo de existência, não pode se confundir com um sujeito, a menos que se destitua este de toda a interioridade e mesmo de toda a identidade. A subjetivação sequer tem haver com a "pessoa": é uma individuação, particular ou coletiva, que caracteriza um acontecimento (uma hora do dia, um rio, um vento uma vida...). é um modo intensivo e não um sujeito pessoal. É uma dimensão específica sem a qual não se poderia ultrapassar o saber nem resistir ao poder. (DELEUZE,1996:123)

[7] Máquina de Guerra: " Quanto a máquina de guerra em si mesma, parece efetivamente irredutivel ao aparelho do Estado, exterior a sua soberania,anterior ao seu direito: ela vem de outra parte [...]. seria antes como a multiplicidade pura sem medida, a malta, irrupção do efêmero e potência da metamorfose". (DELEUZE,GUATTARI,1997:13)

contaminação, algumas fraturas nas racionalidades ali instituídas, que agregasse outros sentidos ao cotidiano do trabalho em saúde, especialmente ao trabalho de educação em saúde onde desenvolvo minha prática. Ou mesmo, um pequeno platô, uma superfície onde estaria registrada uma singularidade contra um registro de sujeição à individualidade, à identidade, desqualificando modos de funcionamento grupais.

Neste sentido o projeto pretende instaurar-se como uma estratégia de luta "anti-autoritária". Ainda nesse mesmo texto citado , Foucault aponta seis proposições daquilo que as lutas anti-autoritárias têm em comum, gostaria de destacar aqui três delas que mobilizaram esta produção:

> *"4) São lutas que questionam o estatuto do indivíduo: por um lado, afirmam o direito de ser diferente e enfatizam tudo aquilo que torna os indivíduos verdadeiramente individuais. Por outro lado, atacam tudo aquilo que separa o indivíduo, que quebra sua relação com os outros, fragmenta a vida comunitária, força o indivíduo a se voltar para si mesmo e o liga a sua própria identidade de um modo coercitivo...*
>
> *5) São uma oposição aos efeitos de poder relacionados ao saber, a competência e a qualificação: lutas contra o privilégio do saber. Porém, são também uma oposição ao segredo, à deformação e às representações mistificadoras impostas às pessoas.*
>
> *Não há nada de cientificista nisto (ou seja, uma crença dogmática no valor do saber científico), nem é uma recusa cética ou relativista de toda verdade verificada. O que é questionado é a maneira pela qual o saber circula e funciona, suas relações com o poder...*
>
> *6) Finalmente, todas estas lutas contemporâneas giram em torno da questão: quem somos? Elas são uma recusa a estas abstrações, do estado de violência econômico e ideológico, que ignora quem somos individualmente, e também uma recusa de uma investigação científica ou administrativa que determina quem somos.*

> *Em suma, o principal objetivo destas lutas é atacar, não tanto "tal ou tal" instituição de poder ou grupo ou elite ou classe, mas antes, uma técnica, uma forma de poder."*(FOUCAULT, 1995:234/235).

Como uma das pessoas responsáveis pela construção e condução do processo supra citado e que será descrito mais pormenorizadamente no decorrer do trabalho, desafiei-me a pesquisar minha própria prática, ou um modo de subjetivação, que , de acordo com Deleuze (1996:142) " (...) *é a produção dos modos de existência ou estilos de vida".* Meu principal interesse em registrar e sistematizar essa experiência foi *e* continua sendo o de contribuir, à luz de alguns "conceitos-ferramentas"[8], com o trabalho realizado no Centro de Educação para os Trabalhadores da Saúde.

> *"O conceito é o que impede que o pensamento seja uma simples opinião, um conselho, uma discussão, uma tagarelice... A única condição é que eles tenham uma necessidade, mas também uma estranheza, e eles as tem na medida em que respondem a verdadeiros problemas."* (DELEUZE, 1996:170).

A despeito do projeto tomado como suporte para o desenvolvimento da minha análise eventualmente vir a ser considerado datado, não agregar todos os elementos que compõem os trabalhos ali empreendidos e considerando, ainda, que a forma como se deu este processo de trabalho não se prestar a generalizações, ouso afirmar que esta reflexão orientou-se por uma composição estética que singulariza um conjunto de "n" elementos, os quais pretendo explicitar, durante todo o percurso do trabalho, e que são parte de uma proposta de abordagem institucional produzidas pela equipe daquele serviço ao longo dos anos.

Pretendo ir construindo o texto através de alianças com alguns autores que se

[8] "Uma teoria é como uma caixa de ferramentas. Nada tem haver com o significante (...) é preciso que sirva, é preciso que funcione. E não para si mesma. Se não há pessoas para utilizá-la, a começar pelo próprio teórico, é que ela não vale nada, ou que o momento ainda não chegou (...). (DELEUZE apud FOUCAULT, 1979:71)

tornaram uma referência política, ética, estética para minha vida. Autores que através de seus textos me "afectaram"[9], transbordando meus referenciais de vida, meu modo de olhar e me conduzir no mundo. "*Uma compreensão não filosófica, por perceptos e afectos*" (DELEUZE, 1996:193). São meus intercessores na constituição desse trabalho.

> *"A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas- para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas- mas também coisas, plantas, até animais, como em Castañeda. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores. É uma série.(...).Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimiriam sem mim."* (DELEUZE, 1996:156).

Meu desejo é construir esta dissertação como uma "bricolage"[10] onde estarão reunidos elementos do cotidiano, obtidos através da transcrição de reuniões, compreendidos a partir de um conjunto de conceitos que combinam entre si uma intencionalidade política, os conceitos estariam conjugados como um "ritornelo", que, ao se repetirem em suas diferentes dimensões, dariam a unidade a esta obra. *"Repetir repetir- até ficar diferente. Repetir é um dom do estilo."* (MANOEL DE BARROS, 2001).

O principal propósito é dar visibilidade a um conjunto de saberes locais, "saberes da experiência", (FOUCAULT, 2000:15) produzidos por trabalhadores em seu *locus* de trabalho, trabalhadores implicados com a produção de uma política de produção de saberes que, ao longo do tempo, delineia-se no cruzamento de diferentes linhas de ação.

---

[9] "O conceito, creio eu, comporta duas dimensões, as do percepto e do afecto (...). Os perceptos não são percepções, são pacotes de sensações e de relações que sobrevivem aqueles que os vivenciaram. Os afectos não são sentimentos, são devires que transbordam aquele que passa por eles (tornando-se outro)." (DELEUZE, 1996:171).

[10] Bricolage, é uma palavra intraduzível em português que designa o aproveitamento de coisas usadas, partidas, ou cuja utilização se modifica adaptando-as a outras funções. (nota dos tradutores do Anti-Édipo, VARELA e CARRILHO, 1996:7). O conceito de bricolage foi desenvolvido por Lévi-Strauss em sua obra "O Pensamento Selvagem", a esse respeito consultar: (LÉVI-STRAUSS,2002:32-37)

Linhas que traçam diferentes trajetos, compostos por um "jeito" muito peculiar de trabalhar a vida institucional nas suas variadas manifestações. Mas enfim, tratam-se ainda de "saberes sujeitados", desse lugar freqüentemente se ouve: "quem você pensa que é?" ou "de que lugar você pensa que está falando?". Daí, nesse momento a necessidade de uma "genealogia" para "desprender os saberes locais", (FOUCAULT, 2000:16) e com eles compormos linhas de força contra as tentativas de rebaixamento e pela dignidade de dizermos por nós mesmos. Pop filosofia.

> *"Chamemos, se quiserem, de "genealogia" o acoplamento dos conhecimentos eruditos e das memórias locais, acoplamento que permite a constituição de um saber histórico das lutas e a utilização desse saber nas táticas atuais. Será essa, portanto, a definição provisória dessas genealogias [...] não se trata de forma alguma de opor à unidade abstrata da teoria a multiplicidade concreta dos fatos; não se trata de forma alguma de desqualificar o especulativo para lhe opor, na forma de um cientificismo qualquer, o rigor dos conhecimentos bem estabelecidos [...]. Trata-se, na verdade, de fazer que intervenham saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados, contra a instância teórica unitária que pretenderia filtrá-los, hierarquiza-los, ordená-los em nome de um conhecimento verdadeiro [...]. As genealogias são, muito exatamente, anticiências [...]. Trata-se da insurreição dos saberes. Não tanto contra os conteúdos, os métodos ou os conceitos de uma ciência, mas de uma insurreição sobretudo e acima de tudo contra os efeitos centralizadores de poder vinculados à instituição e ao funcionamento de um discurso científico organizado no interior de uma sociedade como a nossa."* (FOUCAULT, 2000:13-14).

Com este modo de produção, expresso uma possibilidade de construção estética, que provavelmente poderá e deverá ser questionada canonicamente, mas que

anseia por constituir um lugar.

O encontro com Deleuze, por paradoxal que possa parecer, devido à complexidade de seu pensamento, de sua obra, me encorajou. Encontrei ressonâncias muito intensivas. Um encontro legitimador, um encontro que tornou possível um registro, um encontro que me possibilitou compreender que o que nos constitui não é uma falta ou uma insuficiência, mas é uma possibilidade de ser, uma singularidade, um estilo. Deleuze (1996:172) dizia de si mesmo em Conversações:

> *"Eu não sou um intelectual, porque não tenho cultura disponível, nenhuma reserva. O que sei, eu o sei apenas para as necessidades de um trabalho atual, e se volto ao tema vários anos depois preciso reaprender tudo. É muito agradável não ter opinião nem idéia sobre tal ou qual assunto (...)."*

Entendo essa observação como um convite a insubordinação. A extrair o máximo do processual, a construir alianças provisórias. Como sugere o "Movimento Tribalista: Pé em Deus e Fé na Taba"[11]. Pé nos valores absolutos e universais. Pé nas formas totalizantes. Fé na proliferação. Fé na disjunção. Fé no múltiplo. Fé nas diferenças.

[11] Tribalistas, é uma canção composta em parceria por Arnaldo Antunes, Carlinhos Brow e Marisa Monte da qual vou destacar algumas frases:

"*Os tribalistas já não querem ter razão*
Não querem ter certeza, não
querem ter juízo nem religião
Os tribalistas já não entram em questão
Não entram em doutrina, em fofoca ou discussão (...)
O tribalismo é um antimovimento
Que vai se desintegrar no próximo momento (...)."

CAPÍTULO II - Molaridades

Livro sobre o Nada

Manoel de Barros.

III

Não é por me gavar
Mas eu não tenho esplendor
Sou referente pra ferrugem
Mais do que referente pra fulgor.
Trabalho arduamente para fazer o que é
desnecessário.
O que presta não tem confirmação
o que não presta tem.
Não serei mais um pobre-diabo que sofre de
nobrezas.
Só as coisas rasteiras me celestam.
Eu tenho cacoete pra vadio
As violetas me imensam.

IX
A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá
mas não pode medir seus encantos.
A ciência não pode calcular quantos cavalos de força existem
nos encantos de um sabiá.

Quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar: divinare.

Os sabiás divinam.

A saúde coletiva constitui-se em um campo no qual diferentes modelos tecno-assistenciais são colocados em disputa pelos diversos atores sociais.

Segundo Cecílio (1994:23)

> *"Ao se falar de modelo tecno-assistencial, estamos falando tanto da organização da produção de serviços, a partir de um determinado arranjo dos saberes da área, bem como de projetos de construção de ações sociais específicas como estratégia política de determinados agrupamentos sociais (...) Entendendo deste modo, que os modelos tecno-assistenciais estão sempre se apoiando em uma dimensão assistencial e uma tecnológica, para expressar-se como um projeto de política."*

No campo privado, temos o clássico modelo liberal-privatista sofrendo as variações impostas pelo neoliberalismo, estruturando-se a partir das medicinas de grupo, empresas de seguro-saúde, em que até o ato médico é capturado pela racionalidade do mercado[12]. No campo público-estatal, temos o Serviço Único de Saúde - S.U.S. definido, na Constituição de 1988, como um direito social e universal à saúde, garantido pelo Estado, de forma gratuita, igualitária, integral.

> *"O SUS se organiza nacionalmente tendo como eixos a descentralização e a hierarquização de serviços, ou seja, a partir do SUS os municípios passam a compartilhar com os governos federal e estaduais a responsabilidade pela gestão do sistema, ampliando sua autonomia, inclusive financeira [...] O Ministério da Saúde disponibiliza para o município um conjunto de recursos [...] cuja forma de utilização será decidida e administrada pelo próprio município [...] Todo o sistema é, em tese, controlado pelos Conselhos de Saúde (controle social), locais, municipais, estaduais e nacional, composto por representantes indicados pelos usuários(comunidade), trabalhadores da saúde, prestadores de serviços e governo. Digo "em tese" porque a*

[12] A este respeito consultar o livro: "Saúde - a cartografia do trabalho vivo" (Merhy:2002)

> *efetividade do controle social exercido por estes conselhos depende do grau de mobilização e engajamento das respectivas comunidades no processo"* (FONSECA, 2002, s/n).

O SUS é, reconhecidamente, resultado das lutas sociais ocorridas a partir da década de 70, quando a sociedade civil se reorganiza, sob a bandeira de luta contra o regime militar, das mais variadas formas: comunidades eclesiais de base, associações de moradores, organizações sindicais, organizações partidárias de esquerda, e vários outros movimentos populares que apontavam entre suas reivindicações a melhoria das condições de vida e saúde da população.

> *"No Campo Político, através do chamado 'Movimento Sanitário' (Escorel, 1987), articulou-se uma proposta de democratização da sociedade, tendo como estratégia a 'Reforma Sanitária' (Arouca, 1988). O marco desta estratégia foi a 8ª Conferência Nacional de Saúde (1986), onde foram lançadas as bases para a formulação e construção de uma nova política de saúde (...)"* (SILVA Jr., 1996:17).

Este movimento culminou no projeto do SUS, posteriormente regulamentado e ainda em construção.

Em Campinas, a Secretaria de Saúde, em que pesem as diferentes gestões pelas quais passou o município, apoiada por parcelas importantes da sociedade civil organizada por meio dos conselhos municipal e locais de saúde, mantém como a sua principal diretriz o fortalecimento do modelo SUS desde 1988.

A incorporação de uma proposta como a do SUS, cujo principal mérito, na minha compreensão, é reivindicar o direito universal à saúde pública, gratuita e de qualidade para todos os cidadãos, demanda um Estado comprometido com as políticas públicas nos moldes do Estado de Bem Estar Social. Porém, infelizmente, fomos assistindo, com o passar dos anos, a um alto grau de comprometimento do Estado com as políticas neo-liberais, e, conseqüentemente, uma proliferação de políticas compensatórias, para aqueles

que se encontram na franja, no limite da exclusão social.

Na área da saúde, são inúmeros programas que "descem" verticalmente do Ministério da Saúde ou das Secretarias do Estado, atrelando o repasse de verbas para os municípios ao cumprimento de metas que, ao serem elaboradas, desconsideram a heterogeneidade do país. Em que pese a incansável militância no setor, o investimento financeiro não cobre as necessidades, tornando quase obrigatória a corrida dos municípios em direção ao ouro (de tolo) acenado pelo Ministério, contrariando muitas vezes todo um conjunto de estratégias articuladas a nível local. O Ministério da Saúde, até então, ao atrelar os recursos a determinados contratos de metas, parece considerar os municípios incapazes de indicar suas prioridades e o modo como se articulam para atingi-las.

Nossa oferta de serviços à população é precária diante das necessidades, os equipamentos são feios, inadequados. A Lei de Responsabilidade Fiscal e a política de Recursos Humanos proposta pelo Governo Federal (Gestão 1994/2002) dificilmente nos assegura a possibilidade de contratar um número suficiente de profissionais para prestação dos cuidados necessários às demandas da população (problema agravado pelo aumento da migração das populações para os grandes centros urbanos, como é o caso de Campinas). A esses fatores somam-se os freqüentes ataques advindos das próprias esferas governamentais e dos '*media'* aos trabalhadores públicos, quando ao longo dos anos, fabrica-se a imagem do funcionalismo ineficiente e oneroso. Esta imagem colabora para um tensionamento permanente entre a população e os trabalhadores.

A população usuária percebe-se desprestigiada e diminuída por 'consumir' serviços oferecidos pelo Estado como benesse e não como direito, e, por outro lado, este processo de desqualificação da prestação pública de serviços, amplifica os problemas do setor ao atrair para o mesmo os que consideram o trabalho público um "bico", disputando o espaço e os sentidos da produção desse trabalho com aqueles realmente comprometidos com as políticas públicas.

O aumento da concentração urbana nos grandes centros, a exemplo de Campinas, e o crescente empobrecimento da população provocado pelo alto índice de

desemprego e queda dos salários reais (incluindo a classe média, que abandona os planos privados de saúde), faz crescer desordenadamente a procura pelos serviços de saúde públicos, em um ritmo muito superior à capacidade de resposta do Estado.

O trabalho em saúde acaba por realizar-se em condições altamente desagregadoras de vínculos cooperativos.

> *"Os trabalhadores municipais de Campinas, como os trabalhadores do setor público em geral, para não terem suas condições de vida e de trabalho totalmente deterioradas, nos últimos anos, enfrentaram condições adversas no seu cotidiano, chamados a responder com freqüentes paralisações à política de recursos humanos que ameaçava com demissões, corte de benefícios, alteração nas datas e parcelamento de pagamentos... São muitos os trabalhadores que, em função da precarização das condições de trabalho, se vêem obrigados a mais de um vínculo empregatício."* (CAMPINAS , 2000; a).

A precarização das condições de trabalho afeta necessariamente a qualidade do atendimento à população, tornando compreensíveis o desprestígio e a desconfiança apresentados em relação a nossa prestação de serviços. Este processo de desqualificação do setor público favorece claramente a defesa da privatização das áreas sociais, principal pedra de toque do "neo-colonialismo" em relação aos Estados nacionais.

O modelo neoliberal surgiu justamente para fazer frente ao Estado de Providência. Chauí,[13] nos chama a atenção para algumas características do capitalismo contemporâneo, cuja compreensão é fundamental para todos os que fazem a opção pelo trabalho no setor público e defendem, como papel do Estado, a garantia de justiça social:

A partir dos anos 70, os pensadores neoliberais explicavam a crise do capitalismo pela incompetência estrutural do Estado como regulador da atividade econômica, papel este que o próprio mercado deve desempenhar (a famosa mão invisível de

[13]Apresento um brevíssimo resumo do texto de Chauí, "Ideologia Neoliberal e Universidade" com a finalidade de contextualizar o conceito de neoliberalismo. (CHAUI,1997)

Adam Smith) e pelo fortalecimento excessivo dos sindicatos e movimentos trabalhistas que haviam imposto uma redução significativa da expectativa de lucro das empresas, seja pelo aumento dos salários, seja pelo aumento dos impostos e encargos sociais destinados a financiar as políticas sociais de distribuição de renda, desestimulando a expansão dos investimentos privados.

Com base neste diagnóstico, a política econômica neoliberal orientou-se fundamentalmente pela redefinição do papel do Estado na economia:

a) A principal prioridade passa a ser a manutenção da estabilidade monetária e o combate à inflação, assegurando-se o chamado equilíbrio fiscal às custas, fundamentalmente, da redução dos gastos públicos, nas formas tanto da redução do investimento estatal em setores produtivos da economia (agressiva política de privatização das empresas estatais), quanto da redução dos gastos sociais com saúde, educação, previdência, seguro-desemprego etc.

b) Redução dos impostos sobre o capital e as grandes fortunas, compensado em parte pelo aumento do imposto sobre a renda individual (trabalho e consumo) e pela forte redução do gasto público, particularmente o social.

c) Redução do poder de barganha dos sindicatos e movimentos trabalhistas pela diminuição, fragmentação e dispersão da base de apoio sindical nas empresas, seja através da imposição da chamada flexibilização dos contratos de trabalho e sua conseqüente precarização, acelerando a rotatividade de mão-de-obra, seja através do estímulo à terceirização de parte importante da produção e atividades de apoio, seja através do estímulo à incorporação acelerada de tecnologias substitutivas de mão-de-obra, seja, ainda, pelo apoio ao endurecimento e à intransigência nas negociações trabalhistas, através da promulgação de leis anti-greve e do uso abusivo do aparelho repressivo do Estado.

Ainda segundo a autora, como conseqüência destes processos, tornam-se estruturais, em termos mundiais, o desemprego, a terceirização dos serviços e das atividades de apoio à produção e a hipertrofia do capital financeiro relativamente aos capitais produtivos e comerciais na definição dos rumos e dos ritmos da acumulação

capitalista. A necessidade ditada pelo capital financeiro de eliminar todos os obstáculos a sua livre movimentação na busca, sempre, da melhor remuneração a curto prazo, acelera desmedidamente o processo de transnacionalização da economia mundial, impondo-se aos Estados nacionais um conjunto de constrangimentos que, no limite, questionam a própria existência do Estado nacional. O centro econômico, jurídico e político do capitalismo mundial encontra-se no FMI e no Banco Mundial.(CHAUI,1997:1-5)

Esta "nova ordem" social coloca permanentemente em xeque a concepção do cidadão como um sujeito portador de direitos, substituída pelo cidadão-consumidor, cuja cidadania é diretamente proporcional ao seu poder de compra de bens e serviços. Encontramo-nos, trabalhadores e usuários, também em permanente tensão, devido ao fosso que nos divide em incluídos e excluídos desta ordenação. De um lado encontra-se um número cada vez maior de excluídos das possibilidades de consumo, dentre os quais, aqueles que fazem uso dos recursos públicos, dos nossos serviços de saúde, e de outro lado, estamos nós, a 'equipe técnica', os 'prestadores de serviços', o homem médio cidadão.

> *"A equação contemporânea, diz Châtelet, é de uma clareza matemática: Mercado = Democracia = Homem médio. Ou, em outros termos, a Mão Invisível do Mercado não só dirige o Consenso democrático, mas faz de nós esse gado cibernético que pasta mansamente entre os serviços e mercadorias ofertadas. Ao mesmo tempo, assistimos com um estranho deleite a fluidificação absoluta de tudo, fronteiras, mercados, informações. Fazemos apologia a flexibilização total, desde as condições de contratação e de trabalho até as relações conjugais. Acabamos nos admirando com a volatilização final não só do capital, dos serviços, do trabalho, do homem. O homem fluido, o trabalho flexível, o capital volátil. Desmaterialização universal e consensual, em um grande magma feito de turbulência e equilíbrio, de volúpia e desencanto. O resultado é uma extraordinária operação de anestesia social, fundada na unidade atômica indispensável, o homem médio estatístico, o consumidor ideal, de bens e serviços, de*

entretenimento, de política, de informação, o ciber-zumbi(...). "(PELBART,2000:60).

A educação formal, que é basicamente profissionalizante, tanto no ensino médio, como no ensino superior, vem contribuindo para a produção deste "homem médio estatístico" bem qualificado na lógica da super especialização.

"O mercado exige das instituições e órgãos formadores da saúde profissionais clonados pela indústria, aptos a fazerem uso de tecnologias cada vez mais sofisticadas"(CETS, 2000; a). Porém, este modo de produzir a formação profissional, pouco permite a contextualização, no cuidado, dos nexos complexos a serem estabelecidos nos processos saúde/doença. Momento que supõe uma delicadeza, que sugere a produção de sentidos entre os sujeitos para aquele evento. Este momento, no geral, é tratado como um campo, objeto para mera aplicação de diferentes tecnologias, formatando-se, esquadrinhando-se as necessidades dos usuários a partir de uma lógica objetivadora, "(...) *desconsiderando as necessidades dos usuários, sua vida, seus valores, relações, desejos, cultura, enfim, suas idiossincrasias, como requer a produção dessa 'nova' ordem."* (CAMPINAS, 2000; a).

Lidar com a dificuldade requer a capacidade de lidar, ou de estar aberto a aprender a lidar, com um certo estranhamento, com uma dose de desterritorialização. Mover-se em terrenos movediços, permitir-se novas alianças para a criação de novos modos ou formas de existência.

> *"Quando dizemos: 'é complexo, é muito complexo!', com a palavra 'complexo' não estamos dando uma explicação, mas sim assinalando uma dificuldade para explicar [...] por isso é que existe um pensamento complexo, este não será um pensamento capaz de abrir todas as portas...mas um pensamento onde estará sempre presente a dificuldade."* (MORIN,1996:274).

O trabalhador de saúde independente de sua formação nuclear, seja ele enfermeiro, médico, engenheiro sanitário, psicólogo, veterinário, dentista ou outro, quando se depara com o desafio de comunicar-se socialmente, implementar, socializar propostas que pretendam influenciar o comportamento de indivíduos, de pequenos ou grandes grupos, está trabalhando diretamente com a produção de vetores de subjetividade. No exato momento em que trabalhamos com a produção/reprodução de sentidos, ou até mesmo com a produção/reprodução de 'verdades', estamos incidindo diretamente na produção desejante do *socius*, estamos agenciando coletivamente desejos, produzindo significações para a vida das pessoas e das instituições das quais fazemos parte. Oferta de sentidos demandando respostas comportamentais. Desta perspectiva, o trabalho em saúde exige um esforço permanente de revisão de nossa intencionalidade política, ética e estética.

> *"(...) a constituição de modos de existência ou estilos de vida não é apenas estética, é o que Foucault chama a ética por oposição a moral. A diferença é esta: a moral apresenta-se como um conjunto de regras que coagem, regras de um tipo especial que consistem em julgar as ações e as intenções a partir de valores transcendentes (está bem, está mal...); a ética é um conjunto de regras facultativas que fixam o valor do que fazemos, do que dizemos, segundo o modo de existência que isto implica. Diz-se isto, faz-se aquilo: que modo de existência isso implica? Há coisas que não se pode fazer ou dizer a não ser por baixeza da alma, por uma vida odiosa, ou por vingança contra a vida. Por vezes basta um gesto ou uma palavra. São os estilos de vida, que estão sempre implicados nos gestos e nas palavras, que nos constituem como este ou aquele."* (DELEUZE, 1996:79-80)

As propostas de educação continuada para os trabalhadores de saúde, necessariamente, estão comprometidas com a "formação social", sendo assim, é fundamental a proposição de dispositivos que favoreçam o despertar das sensibilidades

política, ética e estética, e que promovam fraturas nos totalitarismos que herdamos da nossa formação disciplinar.

Despertar as sensibilidades para a produção de procedimentos que concirnam com a noção de desprivatização do espaço público. Dispositivos que despertem os trabalhadores para o compromisso com o exercício da democracia e da cidadania, favorecendo a ampliação de espaços que acolham os sofrimentos e as alegrias, enfim, os fluxos de afetos relacionados à produção da vida. E ainda, que traduzam e dêem continência aos conflitos advindos do encontro com um mundo ordenado e segmentado em gêneros, geração, raças, classes sociais e outros. Estas ordenações estão subsumidas a valores presentes e, em boa parte naturalizados, na composição da formação disciplinar, nas práticas que produzimos, na composição dos nossos saberes, e constituem um aprendizado social, ainda que não constem explicitamente de boa parte de nossos currículos universitários.

> *"A efetivação do SUS deve contar com profissionais comprometidos com políticas de inclusão social, que atuem criticamente, buscando romper com a lógica privatista, objetivadora, onde se produz e reproduz um sistema de relações de trabalho formal, serializado. Eis o nosso desafio, este profissional não está a disposição no mercado. No mercado circulam os especialistas, em todas as áreas. São sem dúvida competentes, porém preparados para agir em função de demandas bastante seletivas. A proposição de qualificação no sentido de um agenciamento dos trabalhadores enquanto sujeito coletivo é uma demanda completamente estranha ao mercado. Isto posto, devemos considerar os espaços de trabalho, compreendidos em sua dinâmica social de lugares de trocas, negociações de saberes, sentidos, conflitos. Como espaços fundamentais de formação/educação continuada."* (CAMPINAS,2000;a)

No território do SUS, temos variadas propostas de modelos tecno-

assistenciais, diferentes estratégias para a reorganização da assistência à Saúde, *"em consonância com o ideário da Reforma Sanitária*" (SILVA Jr, 1996:18). Cartografias para os macro e micro universos que compõe a rede de ofertas de serviços públicos assistenciais.

Como diferentes cartografias, a título de exemplo, temos no campo do SUS, como principais projetos em disputa[14]: "SILOS BAHIA" (Sistema Local de Saúde); "SAÚDECIDADE"; e "EM DEFESA DA VIDA". Estas propostas são formuladas a partir de posições políticas, éticas e metodológicas, que guardam diferenças, mais ou menos significativas, quanto às concepções de sociedade, saúde e doença, hierarquização dos serviços, organização do nível primário de atenção à saúde, organização dos níveis de referência, posição do hospital no sistema e articulação intersetorial, não havendo, entretanto, diferenças entre as propostas quanto à regionalização e à integralidade na oferta dos serviços.

A implantação do SUS exige dos trabalhadores a postura do cartógrafo, atento às transformações que ocorrem no tecido social, fazendo-se acompanhar de uma ampla caixa de ferramentas que contém diferentes saberes e práticas aliadas a uma postura reflexiva e crítica, que possibilitem operacionalizar as propostas para o setor, "*Aqui a reflexão é entendida como 'categoria de resistência', um instrumento de mediação da ação, procurando romper com o instituído*" (BAGNATO, 1999:19).

É necessário ter domínio intelectual, técnico e político de um campo de saberes próprios da saúde coletiva que se expressam e se organizam em níveis macro e micro moleculares. No nível macro, saberes referentes à construção e ou compreensão das diretrizes políticas de governo, à gestão de equipamentos públicos, contratos, convênios com setores privados, à incorporação de tecnologias de ponta, de categorias profissionais, modelos de gestão... e outros. No micro, os conhecimentos incluem o estímulo ao protagonismo social, à organização dos processos de trabalho com todas as suas derivações: implementação de modelos, organização dos fluxos entre os diversos setores,

[14] A este respeito consultar a tese "Modelos Tecno-Assistenciais em Saúde: O Debate no Campo da Saúde Coletiva" (Silva Júnior, mimeo, 1996)

favorecimento da intersecção entre os diversos núcleos de saberes institucionais. Ou seja, significa a incorporação de tecnologias [15]que podemos classificar como:

> *"(...) leve (como no caso das tecnologias de relações do tipo produção de vínculo, autonomização, acolhimento, gestão como uma forma de governar processos de trabalho), leve-dura (como no caso de saberes bem estruturados que operam no processo de trabalho em saúde como a clínica médica, a clínica psicanalítica, a epidemiologia, o taylorismo, o fayolismo) e dura (como no caso de equipamentos tecnológicos do tipo máquinas, normas, estruturas organizacionais)*." (MEHRY, 2002;49).

Portanto, para que o SUS se legitime socialmente, além dos investimentos macro e micro políticos, faz-se necessária uma grande mudança na cultura institucional, de forma que os trabalhadores se co-responsabilizem pela produção social dos diferentes saberes tecnológicos no campo da saúde coletiva.

Diante de tal desafio e da necessidade de

> "*desenvolver metodologias e ações de educação na saúde junto aos trabalhadores da rede municipal de saúde, com o objetivo/finalidade de promover processos educativos que visem a desalienação, a problematização da realidade, contribuindo na construção da identidade profissional e do sujeito coletivo na Saúde Pública, a partir dos pressupostos do SUS, adotando um enfoque de Educação, Saúde e desenvolvimento na área da Gestão dos Serviços e das Relações de Trabalho*" (CAMPINAS,1999)

foi criado, em1992, pela Secretaria Municipal de Saúde, o Centro de Educação dos Trabalhadores da Saúde (CETS).

---

[15] Merhy, utiliza a noção de tecnologia de maneira "mais ampla daquela pela qual corriqueiramente é traduzida, pois não a confundo de maneira específica com equipamentos e máquinas, já que também incluo como tecnologia certos saberes que são constituídos para a produção de produtos singulares,e mesmo para organizar as ações humanas nos processos produtivos, até mesmo em sua relação inter humana" (Merhy,2002:44)

Considerações a respeito do Centro de Educação para os Trabalhadores da Saúde (CETS)

Com a finalidade de constituir um centro formador e de desenvolvimento de Recursos Humanos[16] no âmbito do SUS, o CETS foi criado como serviço, e, em 1995, foi incluído no organograma da Secretaria Municipal de Saúde como um setor de Desenvolvimento e Treinamento em Saúde, integrando a Coordenadoria Setorial das Relações de Trabalho, inserida no Departamento de Planejamento e Gestão[17]. A atual equipe é composta por profissionais que ali trabalham desde a sua fundação em 1992, e por outros que entraram através de processos seletivos ocorridos em 1997 e 1998.

A equipe trabalha na lógica transdiciplinar, possui uma coordenação própria, e conta com profissionais de diversas áreas de conhecimento, dentre elas, psicologia, enfermagem, medicina, sociologia, odontologia e apoio administrativo. Apesar de não ser uma pré-condição, até este momento, todos os profissionais que ali trabalham possuem formação em saúde pública.

O CETS é originário do Núcleo de Educação e Saúde, que foi criado em 1989, inserido no então Departamento de Recursos Humanos, e situava-se no nível central da Secretaria de Saúde, tendo como objetivo apoiar metodologicamente as unidades básicas nas questões educativas.

> *"Nesse período as principais metodologias utilizadas eram a problematização (Paulo Freire) e o Psicodrama Pedagógico. Paralelamente a DIR XII (então ERSA 27), em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde, trabalhava na elaboração do Projeto Larga Escala para a formação do Auxiliar de Enfermagem, utilizando para tanto a metodologia*

[16] Hoje, a terminologia "Gestão de RH" vem sendo substituída por "Gestão dos Serviços e das Relações de Trabalho"
[17] Atualmente, existe uma proposta de reforma administrativa na secretaria de saúde que situa o CETS no Núcleo de Apoio e Gestão das Relações de Trabalho e Pessoal.

> *Problematizadora de Juan Diaz Bordenave". [...] Foi idealizado na perspectiva de envolver todos os projetos e 'processos de ação educativa em um mesmo espaço institucional' ".* (CAMPINAS, [s.d.][18]

Nos dias 28 e 29 de Junho de 1997, a IV Conferência Municipal de Saúde definiu como uma de suas diretrizes o fortalecimento e a estruturação deste órgão como uma das estratégias para a construção do Sistema Municipal de Saúde.

Nos anos de 1997 e 1999, durante processos de planejamento, a equipe do CETS amplia sua finalidade original.

Em 1997, caracteriza como sua "missão"(finalidade) o *"trabalho junto às equipes de saúde do SUS Campinas, no sentido de rever os processos de trabalho e qualificar a gestão a partir do modelo de concepção de acolhimento, vínculo, responsabilização e resolutividade."* (CAMPINAS,1998)[19]

Em 1999, considerando as necessidades da construção do SUS, amplia-se a missão do serviço, somando-se a ela o objetivo de.

> "*(...) qualificar os processos de trabalho em saúde, mediante: seleção / capacitação / acompanhamento e avaliação dos trabalhadores da Secretaria Municipal de Saúde (projetos conjuntos com a Coordenadoria de RH); apoio à gestão através de uma metodologia participativa, buscando aumentar o grau de autonomia das equipes (trabalhar com o conceito de sujeito coletivo), proporcionando espaço para repensar sua prática, considerando a opção do modelo assistencial de gestão."* (CAMPINAS,1999)[20]

É importante acrescentar aqui, a título de esclarecimento, que, quando os trabalhadores do CETS tratam da opção pelo "modelo assistencial de gestão", estão a

[18] Esta citação encontra-se no texto: Educação e Saúde: Retrospectiva histórica do CETS
[19] Registros da Coordenadoria Setorial das Relações de Trabalho
[20] Registros do processo de planejamento realizado no ano de 1999

defender o princípio (da gestão e assistencial) que coloca o usuário no centro do processo de trabalho, e neste caso, cabe ressaltar, houve uma identificação com os princípios advindos do modelo "Em Defesa da Vida"[21],quais sejam:

> "*a) Gestão democrática; b) Saúde como direito de cidadania; c) Serviço público de saúde voltado para a defesa da vida individual e coletiva".* (SILVA JUNIOR, 1996:96)

Esta ampliação das finalidades decorreu da avaliação permanente do processo de trabalho realizado pela equipe.

Ao longo dos anos, foram elaboradas diferentes abordagens para os trabalhos implementados junto à rede municipal de saúde. Percebeu-se, então, que os projetos de educação continuada para e com os trabalhadores desenvolvidos pelo CETS, assim como os de educação e saúde realizados pelas equipes das unidades de saúde junto aos usuários, ou, até mesmo, o trabalho de cidadania institucional (voltados à criação de espaços auto-analíticos)[22], onde quer que fossem desenvolvidos, com suas diferentes finalidades, só ganhariam potência caso estivessem organicamente vinculados à gestão, inseridos no fluxo da organização dos processos de trabalho. Observou-se a partir de várias experiências, dentre elas, os processos de dispersão dos módulos I e II do Projeto de Qualificação das Práticas de Enfermagem, que a não organicidade dificulta o vínculo e a responsabilização do conjunto da equipe em relação às propostas (mesmo quando há consenso quanto à necessidade de implementação das mesmas). Os projetos, na grande maioria das vezes, desde a sua publicização até sua execução, tornam-se compromissos

---

[21] Esta proposta tem origem na sistematização de idéias e trabalhos do LAPA (Laboratório de Planejamento e Administração em Saúde/FCM/UNICAMP). Tal proposta foi apresentada em um manifesto publicado por MERHRY e col. (1991) na Revista Saúde em Debate e divulgado na IX Conferência Nacional de Saúde (1992). (SILVA Jr. 1996:95-96)

[22] Auto- Análise: "processo de produção e re-apropriação, por parte dos coletivos autogestionários de um saber acerca de si mesmos, suas necessidades, desejos, demandas, problemas, soluções e limites. Esse saber se acha em geral apagado, desqualificado pelos saberes cientifico-disciplinários, que não só estão em boa medida a serviço das entidades dominantes (Estado, Capital, Raça etc.), como também operam com critérios de Verdade e Eficiência, que são imanentes aos valores de tais entidades. A auto-análise possibilita aos coletivos o conhecimento e a enunciação das causas de sua alienação"(Baremblitt,1994:156)

daqueles que os propõem, recaindo a responsabilidade sob o profissional ou área de onde partiu a "sugestão", permanecendo como um território não apropriado pelo conjunto da equipe.

> "O trabalho do Centro de Educação dos Trabalhadores vem buscando instituir a articulação entre as propostas técnicas e os modelos de gestão e a educação continuada, através do necessário trânsito e articulação viva com os diferentes espaços de organização da Secretaria Municipal de Saúde." (CAMPINAS, 2000;b)

Embora a área de Educação e Saúde seja objeto permanente de disputas pelos diferentes atores institucionais, em função do lugar estratégico que ocupa na organização, e, em que pese o fato das necessidades de "capacitações", "treinamentos", "reciclagens" serem frequentemente evocadas, ou , que as Conferências Municipais de Saúde (momentos em que as principais diretrizes para a saúde são contratadas, entre governo, população e trabalhadores) venham indicando a necessidade da "estruturação do CETS, e sua construção como Centro de Formação e Desenvolvimento de RH."[23]Ainda assim, é pouquíssimo priorizada políticamente, com parcos recursos materiais e financeiros destinados à produção de projetos, desenvolvimento de pessoal e incremento de quadros técnicos ao serviço.

Proposta em Análise: Projeto de Qualificação das Práticas de Enfermagem - Módulo III

Ao longo do ano de 1997, em parceria com os gerentes dos serviços da rede municipal de saúde, o CETS realizou uma série de seminários gerenciais[24] com o objetivo

[23]Ver relatório da IV Conferência municipal de Saúde (CAMPINAS 1997)
[24] Os Seminários Gerenciais foram planejados como um desdobramento do projeto de capacitação em gerência de unidades básicas de saúde, projeto GERUS - Desenvolvimento Gerencial de Unidade Básica de Saúde- Com o término da formação os coordenadores de unidades de saúde em parceria com o CETS,

de discutir questões relacionadas ao cotidiano da gestão. Os temas eram bem amplos, definidos previamente pelos gestores, cujas reflexões teriam como objetivo subsidiar os modos de produção de oferta de serviços à população. Os conceitos oferecidos para a análise seriam futuramente tratados como referenciais acordados coletivamente, transformados em ferramentas de gestão, de onde poderiam ser revistos os princípios e a organização dos processos de trabalho. Ao final de cada oficina, um grupo de trabalho, em conjunto com o CETS, responsabilizava-se por pensar a dinâmica dos próximos encontros, propor os textos que contribuiriam conceitualmente para as discussões e a coordenação dos mesmos.

Vale ressaltar que todos os procedimentos de construção coletiva das propostas adotados pelo CETS e aqueles incorporados em ato durante os encontros são parte do seu arsenal, da sua caixa de ferramentas, articulados à concepção de educação e saúde que está em permanente construção pela equipe, a partir das reflexões geradas pelos trabalhos desenvolvidos junto a rede.

Ao final dos seminários, o coletivo apontou como necessidade o redirecionamento do então denominado modelo médico-centrado[25] para a implementação de um modelo de atenção "usuário-centrado". Estes seminários, dentre outros indicadores produzidos nesse período pela Secretaria da Saúde, apontaram a necessidade de desenvolver processos instituintes que culminaram na proposição de três projetos de capacitação, quais sejam, "Projeto de Desenvolvimento Gerencial (PDG)", "Projeto de Capacitação dos Clínicos" e o "Projeto de Qualificação das Práticas de Enfermagem". O Departamento de Saúde e a Coordenadoria das Relações de Trabalho responsabilizaram-se pela condução do processo.

Os seminários permitiram, a partir das reflexões teóricas e do nosso olhar

---

desenvolveram a proposta destes encontros onde se avaliava o modelo técnico-assistencial e elaboravam-se propostas a serem implementadas na Secretaria Municipal de Saúde. O registro dos seminários gerenciais podem ser encontrados na biblioteca do CETS

[25] Estas referências ao modelo médico-centrado, procedimento-centrado e usuário-centrado decorreram da leitura e reflexão de textos e debates produzidos pelo Laboratório de Planejamento e Administração (LAPA) da FCM/UNICAMP- com o qual os trabalhadores da Secretaria Municipal de Saúde mantiveram, durante a década de 90, um relacionamento muito profícuo.

sobre as práticas produzidas pelas diferentes instituições no campo da saúde coletiva, obter uma melhor configuração do modelo de organização e oferta das ações de saúde nas unidades de serviços. Por conseguinte, apesar de termos avançado, a nível macro, nos modos de organização do estabelecimento que democratizavam tomadas de decisão, *"os serviços, expressão final dessas formulações no contato com a clientela"* (CAMPINAS, 2000) estavam organizados a partir de uma lógica médico-centrada, ou seja, centrada na figura do profissional médico, que, por sua vez, reproduzia uma clínica medicalizante, geradora de um excessivo pedido de exames, estimulando um alto grau de dependência de consultas por parte dos usuários, além de baixa responsabilização e autonomia dos pacientes para com a sua própria saúde.

> *"Há que se realizar toda uma reavaliação da prática clínica, do atendimento individual, atualmente comprometido por sua articulação muito estreita com as normas de mercado, o que tem provocado uma série de distorções que se convencionou denominar de "medicalização" e também por sua separação radical do saber epidemiológico preventivo e da educação e saúde, ruptura que tem diminuido ainda mais a eficácia da clínica"*(CAMPOS,1991:146)

Quanto a enfermagem, o diagnóstico foi o de que a equipe, em que pesem as exceções, subordinava suas ações ao trabalho médico, procedimento-centradas e pouco resolutivas, predominando a racionalidade técnica. Consequentemente, produziam-se práticas que não privilegiavam a produção de vínculos entre usuários os profissionais e serviço, bem como, a escuta, o contrato, a história de vida, as relações afetivas, de trabalho, a inserção social dos usuários como fonte geradora de saúde e, principalmente, a co-responsabilização dos mesmos com a administração dos cuidados à própria saúde.

> *" A enfermagem, portanto, neste modelo de saúde individual que é o clínico, "passa a ser um instrumento ou um meio do processo de trabalho médico"(Castellanos et alii,1989). [...] esta subordição do trabalho de*

enfermagem não se dá em relação ao profissional médico, mas ao trabalho médico. E mais, a prática médica não tem autonomia plena, pois o seu conteúdo técnico subordina-se às necessidades da articulação das práticas na divisão social do trabalho". (ALMEIDA & ROCHA 1997:20)

Vimos, ainda, que profissionais de outras áreas, como saúde mental odontologia e outros trabalhavam reproduzindo o modelo privado da clínica. Como conseqüência, o usuário, em diferentes ocasiões, recebia um atendimento fragmentado, sem a proposição de um projeto terapêutico único que garantisse a integralidade das ações oferecidas. A grande maioria dos pacientes neste modelo tornam-se consumidores passivos de atos médicos. Concluindo-se à época, portanto, que o trabalho produzido nas unidades estava contaminado por uma clínica que não produzia autonomia para os usuários, tampouco para os trabalhadores. Trabalhava-se muito, porém com resultado final insatisfatório para todas as partes.

Segundo Campos,

"(...) as instituições de saúde deveriam existir para ajudar cada cliente a melhor utilizar os recursos próprios, partindo sempre do reconhecimento da vontade do desejo de cura de cada um, como para lhes oferecer recursos institucionais também voltados para melhorar as condições individuais e coletivas de resistência á doença. Neste sentido faria parte fundamental de qualquer processo terapêutico todo esforço voltado para aumentar a CAPACIDADE DE AUTONOMIA do paciente, para melhorar seu entendimento do próprio corpo, da sua doença, das suas relações com o meio social e, em consequência, da capacidade de cada um instituir normas que lhe ampliem as possibilidades de sobrevivência e a qualidade de vida.

A aplicação dessa diretriz não só revalorizaria a prática clínica, como estimularia o combate a medicalização..." (CAMPOS,1994:50)

A mudança desta conjuntura dependeria da vontade política dos diversos atores sociais e, principalmente, da capacidade de associar valores éticos e técnicos na condução das ações de saúde.

Diante das reflexões produzidas pelo “Seminário Gerencial", cujo tema foi “Papel da Equipe de Enfermagem”, e, tomando como base as análises dos prontuários gerenciais, os dados de produção fornecidos pelo DID, e por fim, os dados dos planejamentos distritais, constatou-se que houve pouco investimento institucional no momento da inserção dos profissionais enfermeiros nos anos de 1992 a 1997, e que boa parte do trabalho da enfermagem estava voltado para ações administrativas e para cuidados individuais.

Se, por um lado, o cotidiano do trabalho na rede municipal de saúde, ao demandar diferentes inserções da enfermagem nos processos de trabalho, possibilitou uma diversificação das áreas de atuação, ampliando o universo das suas práticas, por outro, naquele momento, era interesse da Secretaria de Saúde que os enfermeiros ampliassem a prestação direta de cuidados individuais e coletivos à saúde dos usuários. Esta necessidade evidenciou-se nos resultados de uma pesquisa realizada junto aos enfermeiros, citada a seguir.

A proposta que constitui o suporte desta dissertação de mestrado, o "Projeto de Qualificação das Práticas de Enfermagem", teve início em março de 1998 e término no final de 2000. A Secretaria de Saúde contava com 234 enfermeiros, 88 auxiliares de saúde pública e 961 auxiliares de enfermagem, sendo, portanto, a categoria com o maior número de trabalhadores na rede de serviços e, segundo informações da área de RH, caracterizando-se por uma alta estabilidade no emprego. (CAMPINAS, 1998/1999)

Diante deste contexto, a Coordenadoria Setorial das Relações de Trabalho e o Departamento de Saúde buscaram parceria com as universidades PUCC e UNICAMP, com o objetivo de discutir uma proposta de intervenção junto `a categoria. Como forma de implementá-la, organizou-se um grupo que foi denominado “grupo condutor”, composto por profissionais da Coordenadoria e do CETS, pelas supervisoras de enfermagem dos

Distritos de Saúde, representantes das Unidades Básicas e docentes das Faculdades de Enfermagem da UNICAMP e PUCC, com o objetivo de elaborar um projeto de pesquisa que foi denominado "Identidade e Prática da Enfermagem na Rede Básica de Saúde" e posteriormente, planejar uma intervenção junto aos profissionais de enfermagem, que redundou no "Projeto de Qualificação das Práticas de Enfermagem" (CAMPINAS,1999).

O que se entende por "Qualificação das Práticas"?

> *"As práticas são simplesmente o que as pessoas fazem. Este fazer, entretanto, é produto de forças em luta permanente, configurando determinadas condições sócio-histórico-políticas."* (BENEVIDES, 1997:17)

Segundo Silva, desde a década de 80, são produzidas pesquisas científicas que tratam a enfermagem enquanto trabalho (SILVA et al. 2001:990).

> "*Uma das premissas às quais nos referimos, portanto, é concebermos a enfermagem enquanto prática social. E o que significa isso? Significa que ela é trabalho, que se desenvolve de forma articulada a outros trabalhos na sociedade, não se dando isoladamente, sendo que em cada momento histórico, em cada contexto onde esta prática se desenvolve, ela vai adquirindo feições e características próprias, no atendimento das necessidades de saúde." (FORTUNA et all,(s.n.) 2000).*[26]

O conceito de práticas, além do já explicitado acima, ganha no projeto uma outra dimensão, que é a de situar-se no bojo de discussões que ganharam corpo internacionalmente no sentido de buscar classificações para o trabalho dos enfermeiros que atuam na saúde pública.

> "*O uso da expressão práticas para designar as ações que compõem o trabalho das enfermeiras, justifica-se em função de vários processos que ocorrem na atualidade, dentre os quais destacamos o movimento*

[26] Texto apresentado no 1º Seminário de Enfermagem de Campinas (SP), promovido pela Secretaria Municipal de Saúde.

internacional de classificação das práticas de enfermagem (ICN)[27]*. Uma análise preliminar dos sistemas de classificação de enfermagem existentes evidenciou um predomínio das classificações para assistência hospitalar. Diante dessa realidade, o ICN iniciou um projeto internacional para a saúde pública. No Brasil, esse movimento tem sido conduzido pela Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn, 1997) em parceria com o ICN, com apoio da fundação Kellog, e corresponde ao Projeto de Enfermagem em Saúde Coletiva."* (SILVA et al. 2001:995).

E, finalmente, para a abordagem do conceito de Qualificação, usarei como referência o texto produzido pela equipe do atual Núcleo de Apoio às Relações de Trabalho e Gestão de Pessoal. Tomo a liberdade de uma citação um pouco mais extensa por tratar-se de um texto elaborado por toda a equipe desse grupo, quando foi demandado um grande esforço de produção para o Projeto de Qualificação das Relações de Trabalho. Projeto este que mereceria um maior espaço de publicização dada a relevância de sua contribuição para a já tão desgastada área de Recursos Humanos.

"*Tradicionalmente, a noção de qualificação encontra-se intimamente associada ao conteúdo prescrito das tarefas e funções vinculadas a um determinado posto de trabalho. O processo de formação profissional, portanto, se orienta desde a escola para permitir que o trabalhador preencha os pré- requisitos necessários para a ocupação de cada posto de trabalho. Por outro lado, a definição dos atributos adscritos a cada posto de trabalho podem ser definidos unilateralmente pelo poder contratante, ou, bilateralmente, dentro de um processo de negociação entre o capital e o trabalho, numa conjuntura de negociações sindicais e profissionais fortes e atuantes(...).*

Recentemente, com o processo de reestruturação produtiva... o conceito de

[27] International Council Nursing

qualificação aparece cada vez mais associado ao conceito de "competência" [...]. A noção de qualificação, antes intrinsecamente associada às características do posto de trabalho enquanto tal, passa a ser associada aos atributos do próprio trabalhador, principalmente a sua capacidade de desempenhar um conjunto variado de tarefas, antes associados a diferentes "postos de trabalho". Este é o chamado trabalhador "flexível". O que importa não é a qualificação, no sentido tradicional, que é medida pela adequação às normas previamente prescritas, mas a competência que é medida pela capacidade do trabalhador de avaliar uma situação complexa de trabalho e tomar rapidamente a decisão mais apropriada para o momento." (CAMPINAS,200;a)

Após uma avaliação crítica da precarização dos vínculos empregatícios, do conceito de gestão participativa e do modelo de relações que as empresas privadas estabelecem com este trabalhador "flexível", relativizando principalmente o conceito de autonomia, o texto nos remete a uma possibilidade de associar e migrar os conceitos de qualificação e competência para o setor público. Aponta que os trabalhadores,

"(...) diferentemente da situação daqueles que se encontram na iniciativa privada, poderiam vir a desenvolver uma identidade real com os fins e objetivos da instituição pública, na exata medida em que lhes assegure, enquanto trabalhadores e cidadãos, a possibilidade de influir nesta definição, através de uma efetiva gestão participativa.

Uma combinação, nesta perspectiva, dos conceitos de qualificação e competência poderia nos permitir operar nos contextos micro e macro da instituição de forma a desenvolver coletivamente processos de análise e definição dos postos de trabalho e perfis profissionais, relacionando-os ao modelo assistencial. Neste processo de discussão coletiva, estaremos contribuindo para a responsabilização ética e solidária dos profissionais

com suas equipes de trabalho, tendo em vista a construção de um Sistema Único de Saúde, um sistema universal e includente, pluralista e democrático, enquanto um direito inalienável de toda a população. (CAMPINAS,2000;a)

Portanto, sob este aspecto, o Projeto de Qualificação das Práticas, propunha-se, além de contribuir com as discussões do ICN, produzir uma grande negociação entre a organização, a enfermagem e, finalmente, o Conselho Regional de Enfermagem (COREN) das atribuições da enfermagem, considerando o conceito de práticas e o redirecionamento do modelo já discutidos anteriormente.

Resumidamente, o projeto inicialmente indicava sete etapas de trabalho que seriam realizadas em um ano. Propunha a preparação teórica do grupo que conduziria o trabalho (grupo condutor), o levantamento histórico da constituição da rede de Campinas, especificamente da enfermagem, a construção do projeto de pesquisa: Identidade e Prática da Enfermagem na Rede Básica, a preparação da intervenção nas práticas, a preparação dos supervisores, a criação dos critérios de avaliação do trabalho, a intervenção junto aos enfermeiros da rede, a avaliação e publicação, e finalmente, a estruturação dos processos de inserção da enfermagem na rede de educação continuada e de supervisão de enfermagem. Tinha como objetivos: a) diagnosticar as práticas de enfermagem na rede básica de saúde de Campinas; b) sistematizar as práticas que contribuem para a qualificação do trabalho de enfermagem na rede; c) realizar e divulgar pesquisa sobre o trabalho de enfermagem; d) promover a incorporação pela Secretaria Municipal de Saúde de Campinas da Sistematização das Práticas de Enfermagem em relação à inserção dos profissionais, avaliação e supervisão, dentre outras atividades relativas a este pessoal.[28]

A preparação do grupo e da pesquisa foi realizada através de oficinas de trabalho.

[28] A título de consulta, estes e outros detalhamentos das etapas do projeto encontram-se em um caderno intitulado Organização para o Desenvolvimento do Projeto de Qualificação das Práticas de Enfermagem, CETS,1998

> *"Uma das etapas desse diagnóstico foi realizada através de oito oficinas de trabalho nos meses de maio a julho de 1998, as quais contaram com a participação de nove enfermeiras da UNICAMP e da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCC)."* (SILVA et all,2001: 991).

Foi elaborado e aplicado um instrumento de pesquisa, na forma de questionário, respondido por 93% do total dos enfermeiros da rede, com o objetivo de diagnosticar a sistematização das práticas da enfermagem, a forma de inserção dos profissionais, a avaliação e a supervisão, a relação entre os sistemas de informação e as práticas de enfermagem na rede básica de Campinas, organizados nos cinco distritos de saúde do município.

Os resultados dos questionários confirmaram, como evidenciado anteriormente, o que os dados gerenciais já apontavam, ou seja,

> *"(...) a quantificação dessas ações possibilitou visualizar que, do elenco geral das ações, 28% correspondem à atenção de caráter individual, 23,9% coletiva, 33% referem-se a ações do campo gerencial na unidade de saúde e 13,8% são relativas à coordenação, organização, treinamento, controle e supervisão do trabalho de enfermagem*." (SILVA et all, 2001:996).

O consolidado foi apresentado aos enfermeiros durante oficinas realizadas nos cinco distritos de saúde, objetivando ampliar o envolvimento dos mesmos no projeto de qualificação, e, a partir da reflexão sobre os resultados, identificadas as práticas a serem fortalecidas e aquelas a serem redirecionadas em direção ao modelo proposto. (CAMPINAS, 1998/1999).

> *"A intervenção das enfermeiras tem se dirigido às diversas áreas, mas continua centrada nas consult*as *médicas, com pequena ênfase em atividades coletivas e de promoção à saúde."* (SILVA ET ALL,2001:989)

O que nos chamou particularmente a atenção foi o fato dos profissionais, durante as oficinas para a devolução dos resultados da pesquisa, não terem se identificado com as informações recebidas. Como forma de responder a essa questão e de buscar caminhos para novas investigações, foi formulada a seguinte hipótese: as categorias criadas para efetuar a análise do material homogeneizaram excessivamente as respostas, reduzindo, achatando, para uma média, as possíveis diferenças. Foi proposto aos profissionais que elaborassem suas próprias categorias analisadoras para avaliar o resultados dos questionários. A discussão dos resultados foi realizada em vários momentos no transcurso dos módulos, que serão explicitados a seguir.

A partir das discussões do grupo condutor com a rede de serviços de saúde sobre os resultados da pesquisa, optou-se por desenvolver o projeto de educação continuada denominado "Projeto de Qualificação das Práticas de Enfermagem".

No mês de Dezembro de 1998, o grupo condutor adotou como estratégia de trabalho sub-dividir-se. O sub-grupo do qual participei tornou-se responsável pela construção dos módulos teóricos/práticos de capacitação, e o outro sub-grupo responsabilizou-se pela pesquisa do histórico da constituição da enfermagem na SMS de Campinas, que viria a ser incorporada no primeiro módulo.

Para a construção dos módulos, utilizamos como referência a Metodologia da Problematização[29]. Muito resumidamente, os módulos são construídos a partir de um conjunto de conceitos que se quer trabalhar, os conceitos são pertinentes às questões que são relevantes para o grupo. Estas questões são encadeadas obedecendo a uma lógica interna, ou seja, parte-se, sempre, de algum aspecto da realidade identificado como problema pelo coletivo, vamos então levantando perguntas que estimulam reflexões e indagações em torno do mesmo e suas derivações, o debate possibilita enxergar novas possibilidades ou saídas para as questões propostas, até atingirmos o grau da complexidade dos conceitos a serem apropriados pelo grupo durante o processo. Criam-se então espaços para a articulação de hipóteses de solução para os problemas levantados e sua posterior

[29] A Pedagogia da Problematização e o Método do Arco que referenciam estes trabalhos podem ser encontrados na publicação Capacitação Pedagógica para Instrutor/Supervisor- Área da Saúde,1989p: 24

aplicação à realidade. Os conteúdos são encadeados de maneira integrada no processo de elaboração dos diferentes módulos[30].

As questões trabalhadas nos módulos foram negociadas coletivamente entre os integrantes do grupo condutor e os representantes dos serviços, procurou-se incorporar os diferentes interesses e dificuldades apresentadas durante as oficinas de trabalho, realizadas com os enfermeiros de toda a rede no decorrer do projeto.

A composição do grupo de trabalho respeitou alguns critérios. As pessoas convidadas para a elaboração dos módulos deveriam ter conhecimento da metodologia e serem representativas dos diferentes espaços de trabalho da enfermagem na Secretaria Municipal de Saúde. Teoricamente as discussões privilegiaram conceitos da linha histórico-crítica, em consonância com a problematização que é subsidiária do método dialético aplicado à educação.

O módulo I, na sua primeira versão, foi aplicado e avaliado durante uma oficina pelos profissionais que viriam a compor um grupo de multiplicadores. Para tanto, foram convidados trinta e quatro enfermeiros capazes de multiplicar o processo, seguindo alguns critérios: enfermeiros capacitados para trabalhar com a metodologia da problematização e que aplicaram o método no Projeto Larga Escala, enfermeiras supervisoras dos distritos e enfermeiros da rede que se destacaram na realização de projetos em suas unidades, indicados pelas supervisoras. O conteúdo dos módulos foi avaliado coletivamente em relação à metodologia, aos textos de apoio e ao tempo de aplicação.

O trabalho com os demais enfermeiros da rede foi realizado em grupos com, no máximo, vinte e cinco pessoas, acompanhadas por dois "multiplicadores", formando um total de dez turmas.

O segundo módulo foi adaptado de uma proposta de trabalho elaborada anteriormente para o curso de capacitação de conselheiros municipais e locais de saúde, e aplicado de acordo com os mesmos critérios do módulo I.

---

[30]Este modo de organização dos conteúdos referencia-se no modelo do “Currículo Integrado”, definido como um “plano pedagógico e sua correspondente organização institucional que articula dinamicamente trabalho e ensino, prática e teoria, ensino e comunuidade...”(Ibdem: 45)

Em agosto de 1999, realizou-se uma grande avaliação com todos os Instrutores que conduziram a coordenação do processo. Em março de 2000, outra avaliação do resultado do trabalho, considerando as atividades sugeridas para a dispersão, que é o momento em que os trabalhadores voltam para as suas unidades e desencadeiam algumas ações sugeridas ao término do módulo.

Na organização e aplicação dos módulos procuramos levar em consideração a dinâmica da Secretaria de Saúde. Vivenciamos, naquele período, vários movimentos grevistas, entradas e saídas de instrutores, em função de mudanças da conjuntura de seus locais de trabalho, e mudanças de turmas pelos profissionais. Todos esses acontecimentos foram agregados ao processo. É oportuno pontuar que, apesar da previsão inicial de um ano, o projeto se estendeu por quase três - os tempos institucionais obedecem a diferentes regularidades que precisam ser consideradas no momento de avaliar os trabalhos realizados.

Os objetivos dos módulos foram planejados a partir de variadas discussões do grupo condutor, ampliado com representantes de diferentes serviços e setores. Todas as contribuições foram consideradas no momento da síntese, oferecendo um perfil das discussões da enfermagem (na Secretaria de Saúde) no período. Segue-se uma apresentação muito panorâmica dos módulos, a título de demonstrar o que foi produzido, permitindo uma visão sucinta de alguns dos referenciais teóricos que fundamentaram a proposta.

> *" Módulo I*
>
> *O primeiro módulo com o objetivo de discutir a IDENTIDADE PROFISSIONAL - a partir de que elementos e como a identidade profissional vai se produzindo no tempo e no espaço. Seus principais objetivos: analisar como a identidade profissional se constitui, os determinantes da escolha profissional, a inserção no mercado de trabalho, a entrada no setor público;*
>
> *Identificar os marcos conceituais predominantes na formação acadêmica da enfermagem e como estão presentes na produção do trabalho em saúde;*
>
> *Resgatar os diferentes momentos históricos da Secretaria Municipal de*

Saúde, considerando o ano de inserção de cada enfermeiro na rede e a contribuição desses para a constituição do Sujeito Coletivo- Enfermagem.

Os conceitos-chave trabalhados neste módulo são: " identidade profissional; determinantes históricos, políticos e culturais da inserção dos enfermeiros na rede; atribuições do enfermeiro a partir de uma lógica sócio-histórica; e produção do sujeito coletivo". (...)

Módulo II

O segundo módulo, com o objetivo de oferecer uma visão panorâmica do Sistema Único de Saúde - SUS. Objetivos: Diferenciar problemas de ordem social, econômica e jurídica, identificar o papel do Estado como viabilizador de políticas; Resgatar a história das políticas de saúde, conhecendo os artigos da Constituição federal e sistematizando seus princípios e diretrizes; Conhecer e analisar o orçamento do SUS com suas fontes de receita, formas de arrecadação, de financiamento, e sua aplicação;

Sistematizar os conceitos que embasam o modelo Liberal Privatista e o modelo SUS, estabelecendo semelhanças e diferenças; Refletir como se organiza o SUS-Campinas, qual a missão da Secretaria Municipal de Saúde, identificando que concepção de modelo assistencial tem embasado a organização da mesma; Sistematizar os conceitos de Controle Social e Conselho Local de Saúde, fazendo um paralelo da história da formação destes com a construção do SUS-Campinas; Fazer uma reflexão sobre o papel profissional dentro deste sistema.

Conceitos Chaves: Políticas Públicas; SUS; Financiamento; Controle social; Modelos assistenciais.

O módulo foi assim dividido em cinco blocos: " 1º) Políticas públicas, políticas sociais, políticas de saúde e papel do Estado; 2º) SUS -

Constituição, Lei Orgânica Federal, diretrizes, princípios; 3º) Financiamento - fonte, aplicação, fluxo, formas de gestão (plena, semi-plena) e Fundo Municipal de Saúde; 4º) Modelo privatista x modelo SUS, acesso, organização do serviço, financiamento, incorporação de tecnologia, controle social, conceitos de saúde e equipe profissional; 5º) Controle social - constituição dos conselhos, papel, atuação, importância e conferências de saúde.(...) (CAMPINAS,1998/1999)

Módulo III

Objetivos: Contribuir para a inversão do modelo atual, procedimento-centrado e médico-centrado para um modelo usuário-centrado, desenvolvido pela equipe multiprofissional sob a ótica da Vigilância a Saúde; Identificar campos de atuação nos serviços onde a enfermagem gere um maior impacto na saúde coletiva da população adstrita; Estimular o profissional enfermeiro a ter uma participação ativa no processo histórico de transformação da atual prática de enfermagem; Aprimorar e aplicar o conceito de risco biológico- social-psíquico no campo de atenção a saúde; Estimular o desenvolvimento de ações relacionadas a planejamento, avaliação e supervisão de enfermagem; acordar referenciais mínimos para a prática de enfermagem nos centros de saúde.

Conceitos Chaves: Modelo Assistencial; Vigilância a Saúde; Acolhimento; Processo de Trabalho; Planejamento; responsabilização com a equipe e com o usuário; conceito de Obra.

No terceiro módulo, foram elencados como principais eixos de discussão a organização do processo de trabalho centrada no usuário, caracterizando-se pela *produção de acolhimento, vínculo, responsabilização e autonomia.* (Merhy,1994:138). A ampliação da categoria de análise Identidade para a de Sujeito Coletivo, no sentido usado por SADER,

(1988:55),

> *"(...) no sentido de uma coletividade, onde se elabora uma identidade e se organizam práticas através das quais seus membros pretendem defender seus interesses e expressar suas vontades, constituindo-se nestas lutas [...] Trata-se, sim, de uma pluralidade de sujeitos cujas identidades são resultados de suas interações em processos de reconhecimentos recíprocos, e cujas composições são mutáveis e intercambiáveis. As posições dos diferentes sujeitos são desiguais e hierarquizáveis; porém esta ordenação não é anterior aos acontecimentos, mas resultado deles, e, sobretudo, a racionalidade da situação não se encontra na consciência de um ator privilegiado, mas é também um resultado do encontro de várias estratégias."*

Trabalhar com esta categoria - Sujeito Coletivo – foi uma aposta na possibilidade de uma negociação coletiva de novos sentidos para as práticas em questão, como também de encontrar caminhos que colaborassem para a superação das dificuldades que as equipes encontravam e encontram para trabalhar interdisciplinarmente, pois esta noção está "*associada à idéia de projeto [...] elaboração da própria identidade, projetos coletivos e de mudança social a partir das próprias experiências*." (SADER, 1988:53).

Um outro eixo de trabalho são os conceitos de "Campo de Competência e de Responsabilidade" e "Núcleo de Competência e Responsabilidade". Segundo CAMPOS, (1997:248-249) por Núcleo,

> *"(...) entender-se-ia o conjunto de saberes e de responsabilidades específicos a cada profissão ou especialidade. O Núcleo marcaria, desta forma, a diferença entre os membros de uma equipe. Os elementos de singularidade que definissem a identidade de cada profissional ou especialista, conhecimentos e ações de exclusiva competência de cada profissão ou especialidade, a isto convencionaria denominar Núcleo. Por*

Campo, ter-se-iam saberes e responsabilidades comuns ou confluentes a várias profissões ou especialidades. Todo o saber básico, por exemplo, sobre o processo saúde-doença. Conhecimentos sobre o funcionamento corporal, sobre a relação profissional-paciente, sobre risco epidemiológico e regras gerais de promoção e prevenção. Pertenceriam também ao Campo, noções genéricas sobre política, organização de modelos e do processo de trabalho em saúde."

E finalmente, o conceito de Obra, também desenvolvido por CAMPOS (1997:234): "*por Obra, entende-se aqui o reconhecimento, tanto por parte do trabalhador, como do cliente e da sociedade, do resultado do trabalho*". O conceito de Obra teria a função de favorecer a produção de novos sentidos para o resultado do trabalho, subsumido pela racionalidade técnica, esterilizante.

"A Obra somente se realiza quando as pessoas conseguem alçar-se à condição de sujeitos habilitados a lidar com os constrangimentos do contexto para, a partir desses limites impostos pela realidade, construir algo de que se orgulhem. No caso da saúde, o processo de reabilitação ou de produção de saúde, inventado a cada dia." (CAMPOS, 1997:236).[31]

O terceiro módulo seria o momento crucial de todo o projeto, de grande provocação, do agenciamento coletivo do desejo para a produção de novas possibilidades para o trabalho em saúde. Havia uma grande aposta do grupo condutor na convocação do imaginário da instituição para esta re-singularização do cotidiano. O papel da coordenação do projeto seria, dentre outros, propiciar condições para que esse Sujeito Coletivo, além de produzir, pudesse, também, dar visibilidade a sua Obra.

[31] Os registros do Módulo III, até o presente momento, não estão encadernados mas podem ser acessados no CETS.

Educação continuada em Saúde: outras possibilidades

Em relação às propostas de educação continuada, a expectativa era de que viessem a ser desenvolvidas propostas metodológicas que possibilitassem a qualificação e sistematização das práticas de enfermagem pelos enfermeiros no local onde as mesmas eram praticadas, abordando o "trabalho vivo em ato".

> *"O trabalho em saúde é centrado no trabalho vivo em ato permanentemente, um pouco à semelhança do trabalho em educação. Além disso, atua distintamente de outros processos produtivos nos quais o trabalho vivo em ato pode e deve ser enquadrado e capturado globalmente pelo trabalho morto e pelo processo de produção" (Merhy, 2002: 46)*[32]

Nesse sentido, vimos buscar a contribuição da área da educação, relacionadas às experiências em curso, de utilização da pesquisa-ação, na perspectiva do desenvolvimento profissional e da validação dos saberes produzidos pelos trabalhadores.

Para ELLIOT (apud PEREIRA,1998:167) "*a condição necessária, antecedente da pesquisa, é que os práticos sintam a necessidade de iniciar mudanças, de inovar".*

Esta condição pode ser verificada nos relatos ouvidos durante as reuniões do grupo condutor, ou mesmo em conversas com os profissionais da enfermagem nas reuniões de preparação para o trabalho com as turmas. Diferentes linhas de trabalho da enfermagem vêm sendo desenvolvidas nos vários níveis da instituição, e a primeira preocupação foi evitar que tudo isso se perdesse por falta de uma metodologia que favorecesse a consolidação desses saberes.

O que se pretendeu com esta proposta foi buscar na educação bases teóricas que possibilitariam intervir de forma conseqüente e inovadora no contexto dos nossos

[32] Esta tese, de número 7, integra um painel de 17 teses desenvolvidas e apresentadas por Merhy , sobre a teoria do trabalho em saúde e as tecnologias de produção do cuidado (Merhy, 2002:46)

serviços. Introduzir em nossos trabalhos de educação continuada "*a dimensão da pesquisa-ação como meio de produzir conhecimento sobre os problemas vividos pelo profissional, com vistas a atingir uma melhora da situação, de si mesmo e da coletividade*".(ELLIOT apud PEREIRA, 1998:154)

Podemos traçar vários paralelos entre o trabalho na saúde e na educação que justificam esse esforço conjunto. Dentre outros, tanto a saúde quanto a educação são práticas sociais, marcadas pela presença do Estado por meio de suas políticas, o que exige desses sujeitos sociais, trabalhadores da saúde e da educação, uma postura crítica e uma prática comprometida com questões como inclusão social, construção de cidadania e outras. Como trabalhadores sociais, possuem um relativo grau de autonomia no seu espaço de trabalho, colaborando diretamente com a produção de uma subjetividade que pode ser livre ou assujeitada.

> *"Eles [os trabalhadores sociais] se encontram numa encruzilhada política fundamental. Ou farão o jogo desta reprodução de modelos, que não nos permite criar saídas para os processos de singularização, ou, ao contrário, estarão trabalhando para o funcionamento desses processos na medida dessas possibilidades e dos agenciamentos que consigam pôr para funcionar. Isto quer dizer que não há objetividade científica alguma nesse campo, nem uma suposta neutralidade na relação".* (GUATTARI e ROLNIK, 1996:29)

Os trabalhadores da saúde encontravam-se, e ainda se encontram, em um momento histórico propício, momento de revisão de suas práticas, a produção de processos de auto-análise, de forma a contraporem-se ao paradigma da racionalidade técnica.

Nós, que exercemos nossas práticas profissionais em serviços de saúde ou de educação, encontramos hoje a possibilidade de estabelecer parcerias, com pesquisadores acadêmicos, “sujeitos interessados e/ou implicados” (da educação e da saúde), preocupados com o desenvolvimento de referenciais teóricos e práticos que valorizam, subsidiam e

validam o modo de produção de saberes em nossos estabelecimentos/instituições.

Estes referenciais, em que pesem as diferenças de contextos científico, cultural e histórico, dos diferentes diálogos estabelecidos entre pares, da singularidade dos espaços em que se desenvolveram, possuem em comum a necessidade de construir uma crítica aos procedimentos de pesquisa que alinham-se a campos teóricos que fazem a distinção clássica, positivista, entre o sujeito e o objeto no processo de produção e validação das pesquisas. Como também, procuram aprofundar suas diferenças com aqueles estudos que contestam esta divisão.

Na saúde podemos citar o trabalho de Merhy, denominado, "*O conhecer militante do sujeito implicado"*[33] (MERHY, 2002) e na Educação "a *Pesquisa-Ação*"[34].

A proposta desenvolvida por Merhy dialoga com autores comprometidos com a produção de conhecimentos no campo da saúde.

> *"Ler os estudos, já clássicos, produzidos no Brasil - ou na América Latina - sobre a produção do conhecimento na Saúde Coletiva [...]não tem permitido resolver de modo mais explícito ou dar conta das situações vividas, hoje, neste território de saberes e práticas [...]. Pois estas situações não têm se configurado como possíveis de serem capturadas pela construção pressuposta do sujeito epistêmico, para operar, depois com garantias de objetividade e cientificidade. [...] devido a presença cada vez mais significativa de trabalhadores de saúde, ou mesmo de usuários de serviços [...] que buscam parcerias, com núcleos de pesquisadores da universidade ou de ONGs, para estudar seus próprios processos de intervenção [...] na busca da mudança da direcionalidade dos serviços e das práticas de saúde [...] muitos procuram submeter a processos*

[33] Merhy e seu núcleo de trabalho desenvolvem estas investigacões na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

[34] Os estudos e pesquisas relativos à pesquisa-ação na Faculdade de Educação da UNICAMP são desenvolvidos por diferentes grupos de pesquisa, dentre os quais podemos citar o GEPEC: Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada (tendo publicado um livro sobre pesquisa-ação: Cartografias do Trabalho Docente), FORMAR: Grupo de Estudos e Pesquisas em Formação de Professores da Área de Ciências e, PRAESA: Laboratório de Estudos e Pesquisas em Práticas de Educação e Saúde.

investigativos o seu próprio agir [...] O desafio, então, fica pela possibilidade de operar a produção de saberes que são verdades militantes, que fazem sentido para certos coletivos e não outros, mas que permitem aos sujeitos implicados agir sobre o mundo e determiná-lo, na direção de rumos nem sempre previstos, não necessariamente subsumidos às lógicas dos poderes, das ideologias e dos afetos instituídos...". (Ibid. p.3-5)

Dentre outros referenciais, o autor trabalha com os conceitos de implicação/ sujeito implicado/ militante, desenvolvido pelos analistas institucionais franceses, Lourau e Guattari, elaborando ferramentas muito singulares para o desenvolvimento dos trabalhos na saúde.

"(...) um conhecer militante de um sujeito implicado [...] Ou seja, o sujeito que interroga é ao mesmo tempo o que produz o fenômeno sob análise e, mais ainda, é o que interroga o sentido do fenômeno partindo do lugar de quem dá sentido ao mesmo, e neste processo cria a própria significação de si e do fenômeno. Ou mais saber sobre isso mexe no seu próprio agir, imediatamente e de maneira implicada [...] O processo é obrigatoriamente auto-analítico. Este processo é inacabado e desejante, a relação sujeito e objeto é sempre um acontecendo " (Ibid. p.9,10,18)

Merhy busca em Benevides uma aliança para suas reflexões*:*

"A noção de implicação, trabalhada pelos analistas institucionais, não se resume a uma questão de vontade, de decisão consciente do pesquisador. Ela inclui uma análise do sistema de lugares, o assinalamento do lugar que ocupa o pesquisador, daquele que ele busca ocupar e do que lhe é designado ocupar, enquanto especialista, com os riscos que isso implica.
Melhor seria dizer, então, análise das implicações, posto que implicado sempre se está... a recusa da neutralidade do analista-pesquisador procura

> *romper, dessa forma, as barreiras entre sujeito que conhece e objeto a ser conhecido" (*BENEVIDES apud MERHY, 2002:8)

Com o conceito de "conhecer militante do sujeito implicado", busca-se superar as linhas de pesquisa, que embora reconheçam os limites e a necessidade de romperem com o paradigma positivista, nas ciências humanas e sociais, permanecem subsidiárias da mesma racionalidade instrumental, ao "*[criar] métodos de pesquisa que transformam esta 'relação-contaminação' em componentes dos procedimentos epistemológicos, e que devem ser trabalhados da forma mais objetiva possível*". (Ibid.p.2)

Na educação, Geraldi, ao propor que *"a professora tem o direito, a possibilidade e a legitimidade de ser uma pesquisadora de sua prática como projeto de resistência e de desenvolvimento profissional, e que tal processo é produtor de saberes válidos, a partir de novas referências para a pesquisa-ação"*, pretende assinalar a posição do seu grupo de pesquisa na UNICAMP/GEPEC, que "*tem trabalhando no sentido de, junto com outros grupos e autores internacionais, desafiar acadêmicos e práticos para tentar produzir, coletivamente, possibilidades políticas e teóricas para uma epistemologia da prática".* (GERALDI s/d.p.2)

Se estabelece, a partir deste desafio, um posicionamento crítico, uma diferenciação e, conseqüentemente, uma busca de superação da concepção de pesquisa-ação ou pesquisa-participante abordadas pelas ciências sociais,

> *"Inicialmente, porque, diferentemente do que explicita Thiollent, as professoras pesquisadoras não são 'participantes representativos da situação', mas são as pesquisadoras, sem estarem em posição hierárquica inferior aos pesquisadores externos [...] trata-se de tomar as professoras como pesquisadoras e não como participantes de uma pesquisa cujo controle está fora do seu domínio, seja na Universidade, seja nas Secretarias de Educação [...]. Tais tensões entre professores que não querem perder a autonomia e controle sobre o seu trabalho e pesquisadores*

> *externos que não conseguem abrir mão do controle sobre o conhecimento produzido, ocorrem mesmo no interior dessa nova abordagem de pesquisa que está se construindo, apesar de ter como propósito a busca de sua superação. [...] A pesquisa-ação proposta e trabalhada por Zeichnner com professoras dos diferentes graus de ensino e alunos e alunas de graduação, considera a professora como sujeito do processo de produção do conhecimento. São pesquisadoras, tem voz, mantém a propriedade de sua pesquisa, o controle e, portanto, a autoria dos seus resultados e os seus saberes são respeitados [...]. Para Zeichenner a pesquisa-ação apresenta três dimensões: como desenvolvimento profissional, em oposição a racionalidade técnica, reação a dicotomia de quem produz e quem aplica o conhecimento, como prática social e política, e como luta para tornar visível o conhecimento produzido pelos professores"* (Ibid.p.2-7)

Percebemos nas discussões uma grande ênfase na questão da autoria, uma profunda preocupação em proteger o trabalho do professor da expropriação de suas pesquisas pelo pesquisador externo ou acadêmico. Preocupação, esta, incluída nos debates com os acadêmicos, acerca das posturas ético/políticas a serem adotadas nesta relação.

A pesquisa-ação busca uma

> "*imersão dentro da própria realidade, ela interroga essa realidade, ou esse concreto complexo, que é contraditório. As soluções oferecidas para esse concreto são provisórias, o trabalho não será com modelos, mas com processos (...).* "(GERALDI, 2000b)

Como trabalhadora que exerce sua prática em um serviço de saúde, manifesto-me a favor de um diálogo entre estas proposições, considerando as respectivas singularidades dos diferentes contextos a que remetem. O conceito de "conhecer militante do sujeito implicado" teria muito a contribuir, por exemplo, com o debate relacionado à

racionalidade instrumental ou técnica, à qual a pesquisa-ação tem uma certa dificuldade em efetivamente superar (se é que teremos condições de fazer esta superação, talvez fraturar). Já a pesquisa-ação explicita com muito clareza o conflito potencial com o pesquisador externo, e a efetiva produção de pesquisas e/ou saberes pelo trabalhador em sua prática, o que o ato de implicar-se do pesquisador acadêmico para a produção de um "conhecer militante" por si só não resolve.

CAPÍTULO III - Memorial (subjetivações)

À Angela, minha mãe, com quem continuo aprendendo a rir dos absurdos da vida. Ao Antônio (tio pantõe) meu querido tio avô, e ao Tertuliano, meu avô, que me ofereceram colo, dedicação e muito mimo enquanto compartilhamos nossas existências neste mundo. À tia Geralda que me ensinou boas maneiras, embora eu tenha esquecido algumas, e aos meus queridíssimos e impossíveis irmãos, Marco Aurélio e Paulo Gilberto (Marquinho e Paulinho) com quem pude ser menina e menino.

A educação pela pedra

João Cabral de Melo Neto[35]

Uma educação pela pedra: por lições;
Para aprender da pedra, frequentá-la;
Captar sua voz inenfática, impessoal
(pela dicção ela começa as aulas).
A lição de moral, sua resistência fria
Ao que flui e a fluir, a ser maleada;
A de poética, sua carnadura concreta; a de economia, seu adensar-se compacta:
Lições de pedra(de fora para dentro,
cartilha muda), para quem soletrá-la.

Outra educação pela pedra: no Sertão (de dentro para fora, e pré- didática).
No sertão a pedra não sabe lecionar,
E se lecionasse não ensinaria nada;
lá não se aprende a pedra: lá a pedra,
uma pedra de nascença, entranha a alma.

[35] A Educação pela Pedra 1962-65, Ed. Nova Fronteira, 1996, Rio de Janeiro

"Como se chega a ser o que se é"[36]

Diante da necessidade de escrever um memorial e diante dos dilemas impostos pela exigência de falar na primeira pessoa, mesmo correndo o risco de ao expressar-me fazê-lo através de clichês ou transformar-me em um pastiche de mim mesma. Ainda assim, arrisquei-me a integrá-lo ao corpo da dissertação. A princípio perpassada pela proposição de que nossa subjetividade é construída na relação com o *socius.* Depois, movida pela vontade de tentar "*nomear as potências impessoais, físicas e mentais que enfrentamos e combatemos quando tentamos atingir um objetivo, e só tomamos consciência do objetivo em meio ao combate*." (DELEUZE, 1996:111).

Nossa trajetória de vida, mesmo que de uma vida "Severina", é cosida, costurada, tecida, bordada a muitas mãos, visíveis ou invisíveis. Só nos constituímos enquanto tal em relação, no "E". A nossa singularidade reside exatamente no modo, no "COMO" nos compomos, com todas as forças que permitimos ou não que nos atravessem.

Em seguida, para demarcar um território, um platô, uma pequena base de operações, de onde falo? De que lugar?

E por fim, minha principal referência, ao produzir esta narrativa, foi indagar os caminhos e descaminhos da formação, buscando identificar alguns traços, modos de subjetivação, que pudessem permitir uma leitura dos caminhos e descaminhos que me trouxeram até aqui, aos meus atuais interesses, premida pela necessidade de produzir sentidos aos incômodos e, conseqüentemente, interlocução.

> "*O itinerário que leve a um "si mesmo" está para ser inventado, de uma maneira sempre singular, e não se pode evitar as incertezas nem os desvios sinuosos. De outra parte, não há um eu real e escondido a ser descoberto. Atrás de um véu, há sempre outro véu; atrás de uma máscara, outras*

[36] Esta é uma referência ao trabalho de Larrosa. É o título da Primeira Seção do livro Pedagogia Profana "cuja narrativa gira em torno da idéia de formação", que por sua vez faz menção a uma obra de Nietzche. Ecce Homo.(Larrosa,2000,p.8)

máscaras; atrás de uma pele, outra pele. O eu que importa é aquele que existe sempre mais além daquele que se toma habitualmente pelo próprio eu: não está para ser descoberto, mas para ser inventado; não está para ser realizado, mas para ser conquistado; não está para ser explorado, mas para ser criado." (LARROSA, 2000:8-9)

A escultora francesa Louise de Bourgeois, em seu livro autobiográfico coloca uma questão que mobilizou-me por um bom tempo: "*Todo o dia você tem de abandonar seu passado ou aceitá-lo, e, se não conseguir aceitá-lo, torna-se uma escultora*". [37]

Educação pela pedra. Eu optei por aceitá-lo... definitivamente... por aceitá-lo...e o que me tornei? Gosto de andar nas margens, à margem, nas bordas, gosto dessa aflição, da vertigem que maltrata minha fixidez. "*lá não se aprende a pedra: lá a pedra, uma pedra de nascença, entranha a alma."*

Sofro de desconfiança, atávica, que me arruina. Sofro de rebeldia, crônica. Gosto dos interstícios. Desconfio dos "educadores", desconfio da idéia de "formação". Não quero expor minhas vísceras, e creio não ser necessário, aí todos nos igualamos. No grande romance, na grande novela de formação deste século que deixamos para trás, fundada pela psicanálise - papai, mamãe, castração, édipo e a produção de cultura. Aqui um repique, um rebate. Como "*introduzir a produção no desejo e, inversamente, o desejo na produção*" (DELEUZE,1996:28). Como desembaraçar-me de uma escrita que remete a uma linearidade, sem muito talento para escapar e superar a constante tendência de operar a "*redução dos investimentos sociais da libido aos investimentos familiares, rebatimento do desejo sobre coordenadas familiares, ainda o édipo*" (Ibid.p.27)

Gosto da "educação pela pedra", a gramática da pedra é a gramática da rua, da cidade, com seus fluxos, suas linhas, com seus códigos a serem desvelados, com a astúcia característica dos sobreviventes. A gramática dos resilientes, para além dos

[37] Destruição do Pai, Reconstrução do Pai – Escritos e Entrevistas, 1923-27, Cosac & Naify Edições, 2000

decalques da psicologia do desenvolvimento, que advoga uma linearidade, articulada em fases, agenciadoras da libido, que reintroduzem a falta no desejo. Ao desejo nada falta, o que conta são os agenciamentos, na gramática dos resilientes[38], a libido articula-se ao campo social, seguindo fluxos de desterritorialização.

Tive uma infância melancólica, quantos não tiveram, tive uma infância. Tenho uma infância, não no passado, mas no presente. Minha criança desconfiada, sou a criança desconfiada.

Trajetória escolar, ou um mundo sem pertencimento. Educação pela pedra. Pré- didática. *"No sertão a pedra não sabe lecionar*". Cresci numa família em que algumas pessoas eram analfabetas e outras semi-alfabetizadas. Fui para a escola muito cedo, segundo minha mãe, para não ser, ou, para não repetir o mesmo destino dela. Para aprender a ser educada, fina, a ser respeitada, rir baixo, falar pouco, não romper com as clássicas regras da moralidade, enfim, aprender a "ter classe".

Naquela ocasião, já alfabetizada, fui matriculada em uma escola católica, beneditina, para meninas da elite, burguesas. Não podia "confessar", sob pena de ser discriminada, era filha de pais separados, logo, mãe- estado civil: viúva- desfiliação. Aprendi, na escola, a envergonhar-me, sob o peso das diferenças sociais, e da sobrecodificação da moral. Mas as crianças possuem suas sabedorias, e quando não se infantilizam, com certeza desenvolvem suas estratégias de sobrevivência, desenvolvi as minhas, embora não me lembre delas, mas tenho fotos desse período, dançando na festa junina, parecia feliz, primeira comunhão, muito circunspecta... O que ficou registrado foram poucas imagens, memórias e uma certa atmosfera. Como se eu participasse de dois mundos, com poucos canais de interpenetração. Educação pela pedra ou como se chega a ser o que se é. Algumas reminiscências: Meu avô me leva pela mão até a escola, um longo,

[38] Resiliência: "Este termo pertence originalmente ao campo da física, e significa: " propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida quando cessa a tensão causadora da deformação elástica". Enquanto conceito psicológico, tem sido utilizado para designar a capacidade de alguns indivíduos de enfrentarem adversidades acumuladas e stress sem prejuízos para seu desenvolvimento...Têm sido estudados tanto fatores individuais quanto psicossociais...que permitiriam a determinadas pessoas não adoecerem quando submetidas a condições psicopatologizantes" (Valentini W. e Vicente C,1996: 50)

porém agradável percurso a pé, na outra mão carrega minha pasta. Meu uniforme limpo, engomado, lindo, impecável. Nos despedimos na esquina, no topo do morro, atravesso a rua sob o seu olhar atento, a rua, o limite entre mundos. Ele, um funcionário do SENAI, faz o café, serve o lanche para os garotos, capina os jardins. Meu avô não atravessa a rua, temos um acordo tácito, do qual me envergonho, porém o medo da humilhação de classe é ainda maior. Esse mundo não é meu. Dos sete aos dez anos cumprimos esse ritual.

Minha mãe, caçula de onze filhos, nasceu após nove irmãos homens, ficando órfã de mãe aos dois anos. Cresceu sufocada pela ignorância e arrogância daquele universo masculino. Um mundo marcado por preconceitos sexistas, onde todo ato de liberdade feminina era tomado por imoralidade. O riso foi e continua sendo seu refúgio, riso solto, gargalhada.

Funcionária pública estadual aposentada, trabalhou a vida toda na escola, fazia o café para as professoras, a sopa para as crianças e a limpeza da escola. Sentia-me bem mais confortável entrando com ela na escola pela porta da cozinha, embora, aquele também fosse um lugar que me causasse um estranhamento. As escolas em que minha mãe trabalhava sempre eram muito feias, com aquele cheiro característico nos refeitórios, proveniente do pó da sopa, sopa em pó, leite em pó. Pó. Esse mundo também não é meu.

Tornei me desconfiada. Desconfio dos "que tem classe" e dos "desclassificados". Escolho a margem, a borda.

> "*Ele estará dentro e, logo depois, na borda, na borda e logo após, dentro. Quando a matilha se põe em círculo ao redor de seu fogo, cada um poderá ter vizinhos à direita e à esquerda, mas as costas estão livres, as costas estão expostas à natureza selvagem".* (DELEUZE e GUATTARI, 1995:47)

Eu invejo meus dois irmãos que estudaram em escolas públicas, eram livres na relação com a escola, principalmente nas relações sociais. Sobre mim recaiu o compromisso de não cumprir a profecia de que eu não seria uma boa moça, sendo filha de pais separados. Minha mãe apostou na disciplina escolar, e principalmente, na "boa educação" adquirida pela convivência com pessoas de outra condição social. Convivência

que nunca me interessou levar adiante dos limites dos portões da escola. Apenas convivência entre mundos.

Livros: segundo a lenda, os poucos que tínhamos na casa foram queimados no fundo do quintal, ou enterrados sob as bananeiras, pertenciam a um dos tios, na época, simpatizante do Partido Comunista. Medo, infelicidade, silêncio. A informação entrava em casa pelo rádio e um pouco mais tarde pela televisão, não tenho registro da presença de jornais periódicos em casa. O mundo da "cultura" vinha das ruas, íamos muito ao cinema. Experiências vividas nas férias escolares na casa da tia no Rio de Janeiro. Casa confortável, enciclopédias na estante, dicionários ilustrados, "O Mundo das Crianças", " O Tesouro da Juventude", jornais, televisão: novelas, Chacrinha - "quem não se comunica se estrumbica", chacretes, carnaval com direito a fantasias e bailes no clube do Flamengo, Bob's, Leila Diniz e sua barriga grávida a mostra, música negra americana, pier de Ipanema, Copacabana, jovem guarda, tropicalismo. Pop cultura.

Doce alienação da adolescência, finalmente mudança de colégio, manter aquele estranho ideário da tradição, família e propriedade tornou-se um empreendimento muito oneroso e minha mãe, para minha sorte, me matriculou em outro colégio, onde estudei da quarta série até o segundo colegial, quando o colégio fechou. Era um colégio pequeno, de propriedade de uma mulher, que também dirigia a escola, D. Neifa, que conhecia todos os alunos, procurava respeitar nossas diferenças, lá me senti a vontade, estabeleci amizades que duraram toda a minha adolescência. Foi ali que comecei a tomar gosto pela leitura. Fui seduzida pelo Pequeno Príncipe, do Saint Exupéry. Eu e todas as moças que concorriam aos concursos para miss. ("O essencial é invisível aos olhos"). Nas festas do colégio, tínhamos liberdade para criar nossas formas de participação, teatro, música, ginástica. Os temas políticos foram proscritos pela ditadura. Mas nos alimentávamos de contra- cultura.

Agreguei a minha desconfiança, um sentido mítico para a vida, interessava-me pelos mistérios, teosofia, espiritismo, e a bruxaria de D.Juan, Carlos Castãnheda, Hermann Hesse, Cinema, muita música ouvida na casa de amigos, rockn' roll, teatro, e

naturalmente, cigarros ilegais. Calças Lee, revistas, gibis e muita perambulação pelas ruas. Pop cultura.

O colégio infelizmente fechou, e me matriculei na mesma escola em que meus irmãos estudavam desde o início do "ginásio". O diretor era um homem de direita, conservador, e sua prioridade era a disciplina. Foi quando me dei conta que tinha problemas com autoridades instituídas. Fui criada por mãe e avô, uma mãe muito jovem, inexperiente, que, ao se separar do marido, toma os três filhos pelas mãos e volta para a casa do pai. O avô tem com os netos a condescendência que não dirigiu aos próprios filhos. Gostaria de citar aqui uma passagem do livro de Jean Paul Sartre, em seu livro autobiográfico intitulado "As Palavras", em um trecho onde ele comenta sua orfandade com o qual me identifiquei:

> *"Esse pai sequer é uma sombra, sequer um olhar: ele e eu pesamos, por algum tempo, sobre a mesma terra, é só. Mais do que filho de um morto, deram-me a entender que eu era filho de um milagre. Daí provém, sem dúvida alguma, minha incrível leviandade. Não sou chefe, nem aspiro a vir a sê-lo. Comandar e obedecer dão no mesmo. O mais autoritário comanda em nome do outro, de um parasita sagrado - seu pai - e transmite as abstratas violências de que padece. Jamais em minha vida dei ordens sem rir, sem fazer rir; é porque não estou roído pelo cancro do poder: não me ensinaram a obediência(...)."* (SARTRE, 2000:17)

Mas o curso era "puxado", 3º normal, estágios, concentrei-me e percebi também que não tinha maturidade para assumir uma sala de aula.

1977: "Lições de Pedra (de fora para dentro, cartilha muda), para quem soletrá-la".

Fui a primeira pessoa da família a ingressar e concluir o curso superior. Faculdade de Psicologia, nada assim festejado, sem ritos de passagem. Foi uma escolha

intuitiva, mais por afinidade do que por nutrir sonhos de realização profissional, ou ambições materiais, ou objetivos a atingir. Só foi possível iniciar e terminar os estudos devido ao programa de crédito educativo. Para muito além da formação profissional, foi um tempo de muita experimentação, de riscos, de paixões. Vivi intensamente cada dia daqueles dias, fui tragada e me deixei levar pelos acontecimentos: Reconstrução da UNE e UEE, movimento pró construção do Partido dos Trabalhadores. Nem Patrão, Nem General. Encontrei-me, encontrei meu lugar no mundo, sentimento de pertença. Orgulho de ser quem eu era, das minhas origens, abri as portas da minha casa. Meus pontos de apoio, alguns livros, alguns autores: Manifesto Comunista, Escuta Zé Ninguém, O Relatório Hite (feminismo), Boal, Brecht, Trotsky, Dostoiewsky, e, naturalmente, os companheiros, uma época em que a vida era muito gregária, cultura pop ou pop filosofia.

"Outra educação pela pedra: no Sertão
(de dentro para fora, e pré - didática).
No Sertão a pedra não sabe lecionar,
e se lecionasse não ensinaria nada"

Nesse período, eu, como boa parte da juventude da época, estava engajada em uma tendência de esquerda que, digamos assim, tinha um "braço" no movimento estudantil, e um "braço" na construção do Partido dos Trabalhadores, nos reuníamos em grupos denominados células. Na ocasião "caíram" em nossas mãos alguns livros que tiveram um poder devastador, foram eles: "A Revolução Molecular", "A Sociedade Contra o Estado", "O Anti Édipo", "O Discurso da Servidão Voluntária". Passamos a limpo nossa concepção de revolução, classes, psicanálise e, principalmente, como estabelecíamos nossas relações de poder. A micro política passou a ocupar todo o nosso interesse. Ao propor uma micropolítica, Félix Guattari sugeria uma mudança de lógica, apontando para o fato de que as lutas políticas são ao mesmo tempo molares e moleculares. Era uma questão de saber, e continua sendo, como os modelos dominantes, serializantes, são interiorizados pelos grupos que se propõem a romper com a ordem capitalística.

> *"Não há uma lógica de contradição entre os níveis molar e molecular. Os mesmos tipos de elementos, os mesmos tipos de componentes individuais e coletivos, em jogo num determinado espaço social, podem funcionar, a nível molar, de modo emancipador, e coextensivamente, a nível molecular, serem extremamente reacionários e microfascistas. A questão micropolítica é a de como reproduzimos (ou não) os modos de subjetividade dominante."*(GUATTARI, 1996:132-133).

Naturalmente, colocamos em cheque as hierarquias na tomada de decisões, o tão caro centralismo democrático, todo o nosso modo de nos conduzirmos politicamente.

Pierre Clastres trata, entre outras coisas, do poder político como força de coerção e assujeitamento, e de como as sociedades ditas primitivas recusam o UM, no caso o rei, e conseqüentemente, o estado.

> *"A tribo não possui um rei, mas um chefe [...] O chefe não é um comando, as pessoas da tribo não têm nenhum poder de obediência. [...]Um homem se torna chefe em função de sua competência "técnica", dons de oratória, habilidade como caçador, capacidade de coordenar atividades guerreiras, ofensivas ou defensivas. E, de forma alguma, a sociedade deixa o chefe ir além desse limite técnico, ela jamais deixa uma superioridade técnica se transformar em autoridade política. O chefe está a serviço da sociedade, é a sociedade em si mesma o verdadeiro lugar do poder que exerce como tal sua autoridade sobre o chefe(...)."* (CLASTRES, 1990:143-144).

A virulência das idéias "subversivas" comprometendo a tal organização celular. Proliferação de forças afetando a célula, companheiros. Devir. Matilha.

Migração/ Deslocamentos

Retrato do Artista Quando Coisa

Manoel de Barros
II
Sobre o meu corpo se deitou a noite (como se
eu fosse um lugar de paina).
Mas eu não sou um lugar de paina.
Quando muito um lugar de espinhos.
Talvez um terreno baldio com insetos dentro.
Na verdade eu nem tenho ainda o sossego de
uma pedra
Não tenho os predicados de uma lata.
Nem sou uma pessoa sem ninguém dentro -
feito um osso de gado
Ou um pé de sapato jogado no beco.
Não consegui ainda a solidão de um caixote-
tipo aquele engradado de madeira que o poeta
Francis Ponge fez dele um objeto de poesia.
Não sou sequer uma tapera, Senhor.
Não sou um traste que se preze,
Eu não sou digno de receber no meu corpo os
orvalhos da manhã.

Nesta virada de milênio, dois importantes acontecimentos históricos instauraram-se como grandes novos cenários de produção de vida/morte. O primeiro, os atentados de 11 de setembro de 2001, quando passamos a assistir ao recrudescimento das

forças, imperialistas e fundamentalistas, as mais reacionárias do planeta, diga-se de passagem, ameaçando colocar em risco a vida planetária. Por outro lado, assistimos no Brasil um fato inédito na política mundial, que foi a vitória do candidato Lula a presidência do Brasil. Inédito em termos de sua trajetória de vida, como um homem "do povo", cuja formação política esteve muito longe dos bancos universitários, içado a essa condição por um partido de esquerda, Partido dos Trabalhadores, popular, de massas.

Ou seriam dobras das forças capitalísticas? *"Na verdade eu nem tenho ainda o sossego de uma pedra."*

Com os acontecimentos de 11 de setembro, vimos emergir duas potências de grande magnitude destrutiva, representando diferentes forças do ponto de vista das tecnologias e procedimentos empregados. O Estado Norte Americano, operando com as forças de concentração, no sentido de manter sua hegemonia como principal centro de poder em relação a todos os outros países do mundo; e o terrorismo, operando com as forças da dispersão, da fragmentação. Não mais um centro, mas vários.

A toupeira e a serpente, dobras capitalísticas. Diferentes mundos coabitando o mesmo eixo espaço/temporal. Temos aqui em disputa forças da sociedade disciplinar, e forças da sociedade de controle.[39]

Enquanto isso, nos trópicos, abaixo da linha do Equador, Brasil, vemos emergir algo absolutamente novo na história do país – a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva. Esta história está apenas começando, e, quem sabe, também aqui, as forças do silício estarão atuando no sentido de propagar uma nova forma homem?

Ao elegermos a república dos Silva, perdemos a vergonha de nós mesmos, recuperamos nossa dignidade.

O homem encarnado, em devir, liberando potências de vida e não mais agenciando pela falta.

Nestes últimos 16 anos, minha trajetória pessoal imbrica trabalho, estudos, vida familiar e "social" de uma maneira muito articulada, co-extensiva. Creio que sou fruto

[39] Sobre as Sociedades de Controle, consultar DELEUZE (1996:219)

do meu tempo, sofrendo as contradições e os paradoxos de viver na periferia do mundo e, ao mesmo tempo, estar antenada parabolicamente à globalização ou à mundialização. Perdendo-me e encontrando-me entre diferentes modos de subjetivação, às vezes daquele lugar do sujeito histórico, às vezes do lugar de um vetor, terminal, dando passagens às multiplicidades, em pleno devir. Às vezes daquele lugar de "bucha de consenso".

Tento me posicionar entre diferentes mundos que coabitam num mesmo eixo espaço-temporal, Sociedade de Disciplina/ Sociedade de Controle, com seus artefatos tecnológicos, seus procedimentos de controle e fuga. Devires da sociedade de controle atravessam as sociedades disciplinares. Para a sociedade de controle, a forma homem, o sujeito nos seus variados modos de subjetivação, o sujeito Cartesiano, o sujeito Freudiano. Para a sociedade de controle, agenciamento coletivo de enunciação.

1985:

'Sobre o meu corpo se deitou a noite (como se
eu fosse um lugar de paina).
Mas eu não sou um lugar de paina.
Quando muito um lugar de espinhos".

Mudamos para Campinas, deixamos o planeta Minas, e, como todo forasteiro em novos territórios, buscando novas oportunidades, outros devires, já em devir.

Com o tempo fui percebendo as delícias do anonimato, do desterramento, das possibilidades de produzir co-extensão sem o peso da identidade. Mudamos no plural, pois a grande novidade, o acontecimento, é que éramos, e ainda somos, três, embora sejamos muitos. Uma trindade, uma trinca, e hoje, um bando.

Em oitenta e cinco nasceu Isadora, e sem dúvida foi essa nova vida que agenciou nossos desejos para traçar novas cartografias. E assim, bem assim, "sem lenço e sem documento" escolhemos esta cidade para morar, ou talvez a despeito "de sua resistência fria", quem sabe tenhamos sido por ela escolhidos. Sou grata a esta cidade, aqui

iniciei e venho construindo minha vida profissional, e, sem a menor sombra de dúvida posso afirmar, esta cidade me concedeu amizades. Novas sociabilidades, novas familiaridades.

1987:

Através de um processo seletivo, ingressei na prefeitura. Desde a faculdade, meu projeto era trabalhar no setor público com o que, na época, chamáva-mos de psicologia comunitária. Embora, durante um bom tempo, tenha acompanhado (enquanto ainda era estudante) as discussões da reforma psiquiátrica e a formação de grupos operativos na linha de Pichon Riviere, em uma tentativa de democratizar e humanizar o hospital psiquiátrico, e tendo participado, ainda, de um grupo de pesquisa que pretendia rever posições políticas em relação à loucura, paradoxalmente denominado Núcleo de Defesa Da Saúde Mental (NUDESAM), lá pelos idos de oitenta, trabalhar em instituições totais, mesmo que para desmontá-las, nunca me atraiu. Ainda que se esboçassem algumas críticas em relação ao modelo "preventivista" em saúde mental, nosso debate acompanhava as linhas mais gerais que estavam em pauta, principalmente no Estado de São Paulo, em torno da organização do sistema, em atenção primária, secundária e terciária.

Em Campinas, o número de profissionais de saúde mental no município era pequeno e dividia- se entre o trabalho em algumas Unidades Básicas de Saúde e dois Ambulatórios de Saúde Mental, um Municipal, que priorizava o atendimento infantil, e outro do Estado, que mantinha o atendimento regional e privilegiava o trabalho com adultos .

Iniciei então meu trabalho no Ambulatório Municipal atendendo à população referenciada pelos Centros de Saúde, e nas Unidades Básicas de Saúde prestando atendimentos às gestantes, às mulheres em idade adulta, e às adolescentes. Nossas prioridades eram o trabalho com a população infantil, enfatizando a capacitação das funcionárias de berçários das creches municipais e das equipes de saúde que atuavam nos programas da criança, orientando a estimulação neuro-psico- motora para a faixa etária de 0

a 18 meses. Desenvolvi, naquela época, trabalhos em grupo com as gestantes que apresentavam alto risco biológico e psicológico durante a gravidez, como também, a discussão da sexualidade com jovens e mulheres que frequentavam as unidades de saúde. Conceitualmente, apoiávamos nossas ações na produção de diferentes autores, que abriram um leque de considerações socio-históricas à produção das práticas ditas psi.

Nós, os profissionais de saúde mental, fomos desafiados pelas circunstâncias históricas de constituir um espaço de produção de práticas e saberes para o setor, a construir referenciais de trabalho, incorporando as discussões da esquerda marxista, representada pelos institucionalistas, dissidentes das sociedades psicanalíticas, e pelos teóricos da antipsiquiatria, ou ainda, referenciais de outras escolas, cuja linguagem nos permitisse desenvolver uma clínica singular, que não fosse o mero transporte do modelo clínico privado para as práticas da saúde coletiva. Sem dúvida, esta era, e ainda é, uma discussão fundamental para a democratização das práticas psi.

Naquela mesma época, 1987/88, "o povo", organizado no "movimento sanitário", já conquistava espaço para o que viria a ser o SUS, momento fundamental da luta por um Estado de Direitos. Era uma grande fabulação. Segundo DELEUZE,1996:157

> *"É preciso pegar alguém "fabulando" em "flagrante delito de fabular"...Pegar as pessoas em flagrante delito de fabular é captar o movimento de constituição de um povo. Os povos não preexistem."*

Ao longo de todos esses anos, aprendi que o trabalho no setor público, por ser carregado de ambigüidades, pode tornar-se extremamente embrutecedor, serializado, principalmente na saúde, ao lidarmos com a vida e, quase sempre, com sua dose de sofrimento. Mas caso estejamos interessados em trabalhar cada impasse como desafio, é muito estimulante. As possibilidades de invenção e combates micro políticos, por incrível que possa parecer para alguns, são inumeráveis. Não passamos anos numa instituição impunemente, e ao longo deles, fui desenvolvendo estratégias de sobrevivência. Dentre elas, pensar a organização e a dinâmica das instituições em seu interior com o maior

alcance possível, para isso, mantenho-me sempre curiosa com relação a tudo o que acontece ao meu redor, procuro manter com minha equipe de trabalho um relacionamento em que o princípio básico é o da parceria, com uma certa dose de corporativismo quando necessário. Manter meu interesse e o do meu grupo de trabalho em torno de projetos que, de preferência, possam ser iniciados e concluídos ao longo de um período de tempo determinado, e assim não permitir que o tédio avassale o cotidiano, quando esse tédio se torna inevitável, é hora da mudança de local de trabalho. E, o que para mim é a verdadeira fonte de energia é a atenção aos processos, ao "E", ao "COMO", estar sempre interrogando, e, quando não é possível, dar o máximo de atenção às velocidades, ao ritmo. Estar atenta em defesa de alguns princípios que são básicos para o avanço da democracia interna e, conseqüentemente, para o aprimoramento do setor público, independente do partido que esteja administrando o município. Mas o que aprecio de fato são as amizades que vão se firmando como fruto do trabalho multiplicado e das dores divididas.

> *"A igualação na amizade não significa, naturalmente, que os amigos se tornem os mesmos, ou sejam iguais entre si, mas antes, que se tornem parceiros iguais em um mundo comum - que, juntos, constituam uma comunidade [...]*
>
> *O elemento político, na amizade, reside no fato de que, no verdadeiro diálogo, cada um dos amigos pode compreender a verdade inerente à opinião do outro. Mais do que o seu amigo como pessoa, um amigo compreende como e em que articulação específica o mundo comum aparece para o outro que, como pessoa, será sempre desigual ou diferente. Esse tipo de compreensão - em que se vê o mundo (como se diz hoje um tanto trivialmente) do ponto de vista do outro - é o tipo de insight político por excelência." (*ARENDT, 1993 : 99)

1988:

Tive a oportunidade de participar da capacitação pedagógica para monitores

do Projeto Larga Escala do Ministério da Saúde, projeto cujo propósito era formar e titular os profissionais que trabalhavam com a enfermagem, até então atendentes de saúde. Estes trabalhadores aprenderam suas práticas em serviço, e boa parte deles não tinham ensino fundamental completo. Os anos que se seguiram foram de muito aprendizado.

A metodologia apresentada inaugurou uma nova concepção de capacitação em serviço, em primeiríssimo lugar por respeitar as condições de produção de cada trabalhador em particular e do conjunto da categoria, por tratar-se de uma formação em serviço. O método contribuiu para que nós, profissionais de saúde, começássemos a nos preocupar seriamente com nossas concepções pedagógicas do "processo de aprender ao processo de ensinar", ao considerar que a educação em saúde poderia contribuir para a legitimação da cidadania ou, ao contrário, apenas para reproduzir autoritarismos e preconceitos disfarçados pela racionalidade técnica na relação com os colegas trabalhadores nos momentos de "treinamentos" em serviço, ou mesmo, com a população durante os trabalhos de "prevenção". A proposta não era a de "formar mão-de-obra" mas de agregar, através da capacitação, valores de uso e de troca social possibilitando a manutenção destes profissionais no mercado de trabalho, que estavam prestes a perder, devido às novas exigências da profissão.

Este novo papel social alargou os limites de atuação do setor saúde quanto a sua responsabilização para com seus trabalhadores, e, ainda, ampliou as possibilidades de atuação de seus profissionais. Esta foi sem dúvida uma experiência de interdisciplinaridade que me arrastou definitivamente dos meus limites disciplinares. A oportunidade de participar da equipe que formulou parte do currículo aqui, no Estado de São Paulo, foi uma experiência única, quando de fato aprendi a respirar na intersecção.

Outro aspecto que considero fundamental do projeto, e que mereceria um exame mais cuidadoso, é o de sua ressonância na área de Recursos Humanos. Penso que é uma questão de saber como todo este processo e seus resultados rebateram sobre a área em termos da gestão das relações de trabalho.

As repercussões deste projeto, e as demandas por "treinamentos" advindas

das propostas de implementação de diversos programas gerados pelo Ministério da Saúde, tornaram necessária a criação de um Núcleo de Educação na Secretaria de Saúde, cujos principais objetivos foram trabalhar as questões relacionadas à Educação e Saúde e Desenvolvimento de Recursos Humanos, o trabalho seria realizado com os trabalhadores da nossa rede de serviços e com parcerias intersetoriais. Aqui claramente novas ofertas[40] gerando novas demandas como nos ensina a análise institucional.

Durante um período, dividi meu tempo entre o trabalho no Centro de Saúde e o Projeto Larga Escala, porém, com a diversificação do trabalho do Núcleo, transferi-me definitivamente.

No ano de 1989, começaram a surgir demandas da população relacionadas à epidemia de AIDS, naquele momento, o medo da contaminação tomou conta das funcionárias das creches que começaram a receber crianças infectadas ou filhos de pais e mães infectados pelo vírus da Aids. As unidades de saúde, referências para as creches, encontravam-se, como todos nós, despreparadas para abordar essa nova questão, desafiando nosso cotidiano de saúde coletiva.

A equipe do núcleo, ao procurar atualização, organizou uma equipe multidisciplinar composta por profissionais da rede e universidade, e o que percebemos rapidamente, em um primeiro contato com a população, é que só a informação correta sobre o HIV ou a doença não diminuiriam o medo ou os preconceitos, tornando-se necessária a busca de novas abordagens. Neste período, buscou-se contato com o Ministério da Saúde, através da Divisão Nacional de AIDS, que estava formando multiplicadores utilizando técnicas de dinâmica de grupo, psicodrama, no sentido de trabalhar os aspectos subjetivos associados à epidemia. Após a realização de algumas oficinas aqui em Campinas, fizemos uma adaptação à nossa realidade local, produzindo um dispositivo que facilitaria a todos, técnicos e população, uma implicação com os aspectos clínicos, emocionais, éticos,

[40] A respeito da relação oferta/demanda a análise institucional nos diz o seguinte: " (...) não existe demanda espontânea, que toda demanda é produzida, é gerada, e que existe um cruzamento na natureza da demanda, de tal maneira que não é necessariamente a organização que oferece um serviço a única responsável pela demanda desse serviço(...) é produzida pela falência, por exemplo, de outras ofertas de outras organizações que são incompletas...(BAREMBLITT,1994:106)

políticos relacionados à epidemia. Foi relevante a formação de um grupo intersetorial para trabalhar com os próprios funcionários devido ao aparecimento de alguns casos em diferentes setores da prefeitura. Diante deste cenário, iniciamos o debate sobre a criação de um serviço municipal específico, dada a complexidade da doença. Foi quando uma equipe composta pela Secretaria elaborou um projeto para uma unidade assistencial de referência, com a proposta de trabalhar prevenção e assistência, já que, até então, só contávamos com as universidades PUCC e UNICAMP e uma entidade não governamental, o Centro Corsini, para atender à população. Essa movimentação em torno da AIDS agregou novas tecnologias a nossa "caixa de ferramentas" conceitual e técnica, em especial para o trabalho com educação em saúde.

Estes processos de criação de novos serviços foram bastante disputados, pois, em ambos os casos, houve polêmica sobre a necessidade da criação de espaços "especializados" ou se estas não seriam demandas que toda a rede de serviços deveriam estar assumindo na sua extensão. Porém, em ambos os casos, o tempo demonstrou que foram decisões acertadas. Em relação ao Núcleo de Saúde, a implantação do SUS e a crescente complexidade dos serviços criara a necessidade de formação para outras categorias profissionais de nível médio, e de educação continuada para os profissionais egressos das universidades, cuja formação, já naquele período, era marcadamente orientada para as especializações e para a atuação no setor privado.

No caso do ambulatório de DST/AIDS, a complexidade e o custo do tratamento, principalmente da AIDS, creio que falaram por si mesmos.

Assim que o Projeto do Ambulatório Municipal de DST/AIDS ficou pronto, houve uma seleção interna e, como já me encontrava bastante envolvida com a questão, fiz a opção de compor a equipe.

"Não tenho os predicados de uma lata.
Nem sou uma pessoa sem ninguém dentro-
feito um osso de gado
Ou um pé de sapato jogado no beco."

Foi um período bastante intenso, de muita aprendizagem profissional, embora os recursos tecnológicos fossem limitados, e, em conseqüência, os pacientes doentes terem a vida bastante abreviada, procurávamos nos preparar do ponto de vista ético e afetivo para apoiá-los, bem como as suas famílias. Havia setores da sociedade civil já bastante organizados, como o GAPA, o grupo Pela Vida, que nos serviram de parâmetros para a organização de um discurso "anti belicista" e tecnicista, tão em voga nas campanhas de prevenção da época. Aprendemos a "defesa da vida antes da morte". Estas discussões influenciaram fortemente o rumo das nossas campanhas de prevenção e o trabalho de capacitação da rede básica de saúde. Assumi a coordenação do serviço por algum tempo, de onde fui trabalhar no serviço de Reabilitação Física.

1992:

Retomei os estudos, ingressei no curso de Especialização em Saúde Pública. Foi quando me situei politicamente em relação à reforma sanitária, compreendendo as diferentes lógicas, privadas e públicas, dos modelos de gestão para a organização da atenção, nos planos macro e micro, e principalmente, durante os debates na disciplina de Educação e Saúde, pude compreender que os projetos nesta área só ganhariam potência se estivessem intrinsecamente associados à gestão, que as propostas deveriam necessariamente ser incluídas no fluxograma dos serviços, estrategicamente associadas ao processo de trabalho das equipes. Naquele período, através de grupos de estudos de Bio-Energética e de Esquizodrama, me reencontrei com Reich, Deleuze e Guattari.

O trabalho na Reabilitação foi um grande desafio, creio que para mim e para todos os profissionais de saúde que um dia tiveram a oportunidade de trabalhar com pessoas afetadas pela LER (Lesões por Esforço Repetitivo), e também por outras doenças crônicas como artrites, artroses, enfim, as doenças reumáticas e fundamentalmente as doenças auto-imunes, como, por exemplo, as escleroses múltiplas. Iniciamos uma

experiência multiprofissional, psicólogas e fisioterapeutas, de trabalho em grupo, na qual trocávamos com os pacientes nossos saberes mútuos, nossos arsenais terapêuticos, a experiência da "doença", principalmente sobre aquelas provenientes do trabalho repetitivo. O trabalho com LER, assim como o trabalho com AIDS, são típicos do nosso tempo. Deleuze nos chama a atenção para o fato de como o aparecimento de novos estilos de doenças coincidem com a política ou a estratégia mundiais.

> *"(...) mais recentemente, foi a descoberta das doenças auto-imunes, as doenças do si: mecanismos de defesa que não reconhecem mais as células do organismo que elas deveriam proteger, ou agentes externos que tornam essas células impossíveis de distinguir. A AIDS se insere entre esses dois pólos, o estresse e o auto- imune. Talvez estejamos indo em direção à doenças sem médicos nem doente, como diz Dagognet em sua análise da medicina atual: existem imagens mais do que sintomas, e portadores mais do que doentes (...)."* (DELEUZE, 1996:166)

São doenças - se é que assim podemos denominá-las -, em que os portadores ensinam, mostram o caminho para o tratamento. Os percursos são vários e diferenciados. São doenças "modulatórias". Aqui interessa mais do que nunca uma escuta apurada da conversa entre pares.

> *" O Corpo não é coisa (...) não é central de informações(...) não é recipiente passivo da atividade anímica, espiritual ou intelectual. Não é fato inspecionado pelo conhecimento(...).O corpo é um "sensível exemplar".* (CHAUÍ, 1998:58)

1996:

> *"Não consegui ainda a solidão de um caixote-*
> *tipo aquele engradado de madeira que o poeta*
> *Francis Ponge fez dele um objeto de poesia."*

Participei novamente de um processo seletivo interno e voltei a compor a equipe do Centro de Educação dos Trabalhadores da Saúde, onde trabalhei até julho de 2002.

No ano de 2000, prestei a seleção para o mestrado e todo o processo, desde a necessidade de compor um projeto, me preparar para o exame, cursar as disciplinas, participar dos trabalhos desenvolvidos no PRAESA e escrever a dissertação vêm contribuindo para a minha formação acadêmica e profissional ao possibilitar-me a compreensão da trajetória do conhecimento moderno, a crise dos paradigmas científicos, a necessidade de situar-me com maior rigor em relação a algumas opções que venho fazendo no meu cotidiano profissional. Ao procurar localizar de que lugar estamos produzindo, falando, propondo e sob que condições materiais se dá esta produção, abrem-se algumas possibilidades que nos permitem colocar sob suspeição o conservadorismo do senso comum.

Profanação do prático, do pragmatismo, e um tributo a uma nova pragmática.

"A verdade é a verdade, diga-a Agamenon ou o seu porqueiro.

Agamenon: De acordo

O porqueiro: Não me convence"

Antônio Machado/ Juan de Mairena

(LARROSA,2000: 149)

Meu trabalho desde então tem sido um tributo ao Porqueiro, que no anonimato nos ensina a colocar sob suspeita a neutralidade, as totalizações, o sentido de realidade fundada sob estes princípios.

Primeira raspagem: desconstruir o olhar soberano que opera a distinção entre sujeito e objeto, entre a natureza e a cultura, entre o objetivo e o subjetivo, entre a realidade e a subjetividade.

Dividir para reinar.

O porqueiro alertou me para um risco sempre iminente em que pode-se

incorrer, enquanto trabalhadores do CETS, de tomarmos uma posição 'a serviço de'..., do risco de nos tornarmos servidores do intelectual/técnico ou político de plantão. Por ser um lugar considerado como uma área meio e estratégica para o governo, como exemplo, todas as capacitações que são de interesse para as grandes mudanças de modelos de gestão, a política de acolhimento dos novos profissionais, dentre outras são ali elaboradas. Risco óbvio que correm os trabalhadores sociais de maneira geral. A própria denominação "técnicos", que procura marcar a diferença com os trabalhadores de nível médio, nos remete a divisão social e técnica do trabalho, produz esse lugar de pretensa neutralidade do operador.

> *"Porque seguramente terão observado vocês que o apólogo nos dá as palavras dos personagens rivais, de Agamenon e de seu porqueiro, porém nos furta o terceiro personagem.*
>
> *A primeira sentença, a afirmação " a verdade é a verdade, diga-a Agamenon ou o seu porqueiro", está aí de forma impessoal e anônima, como se caída do céu, como se não fosse dita por ninguém, como se essa verdade sobre o ser da verdade e sobre o dizer da verdade que se apresenta à consideração de Agamenon e do porqueiro estivesse ali por si mesma, como escrita no ar, como vinda de lugar algum, sem poder e sem proprietário. Quem fala na primeira sentença?*
>
> *Minha suspeita é que essa primeira sentença foi cunhada por outro servidor de Agamenon, ao qual poderíamos chamar seu " filósofo". Sem dúvida, Agamenon tem uns quantos servidores que garantem sua força física, seu poder sobre os porcos e a vida de seus súditos. Mas, certamente, conta também com alguns servidores que garantem sua força "simbólica", isto é, seu poder sobre as mentes e as consciências. Alguns reforçam o poder de seu braço, outros asseguram o poder de sua verdade. E para assegurar o poder de sua verdade é conveniente que essa verdade seja reconhecida como a verdade, isto é, apareça como independente da força. Por isso o que*

faz o filósofo de Agamenon é fixar as regras do jogo da verdade ou, se quiserem, as condições da luta pela verdade." (LARROSA, 2000:152)

Venho buscando constituir-me neste processo, como pesquisadora, buscando a desconstrução do meu olhar racionalizador.

Procedimentos/dispositivos disruptores de desconstrução: Filmes, músicas, artes plásticas, convivência, negociação permanente de sentidos.... Olhar encarnado. Desconstruir é estar informada para então ser prudente. *"Não sou sequer uma tapera, Senhor. Não sou um traste que se preze."*

No momento encontro-me novamente no Programa de AIDS do município, assumindo a coordenação do Núcleo de Prevenção à AIDS do Centro de Referência para as DSTs/AIDS. Na verdade, enquanto escrevo esta dissertação me encontro com a mente e o coração bem divididos entre os dois lugares. Pela intensidade com que me envolvi em todos os projetos dos quais participei, pelo aprendizado de cada dia com a equipe, queridos amigos do CETS, e com os colegas da rede, para os quais dedico inteiramente este trabalho e sem os quais o mesmo não seria possível.

" Eu não sou digno de receber no meu corpo os orvalhos da manhã."

CAPÍTULO IV - Acontecimentos

Prolegômenos

Para uma melhor compreensão do contexto no qual desenvolvo as reflexões deste capítulo, teço algumas breves considerações acerca do que percebo como um pano de fundo ou um cenário, onde as propostas que viriam a compor o "Módulo III: Processo de Trabalho e Sistematização da Assistência de Enfermagem" foram desenvolvidas, entre os meses de abril a outubro de 2000

As condições para a realização do Módulo III só se tornaram possíveis no último ano daquela administração municipal (1997/2000). A grande maioria do núcleo duro do governo já se desincorporava dos projetos, passando a investir energia apenas no que provocasse impacto político, de 'mídia'. A ordem geral nestes períodos é "tocar" o cotidiano, resolvendo os problemas ('pepinos', 'abacaxis') que surgem, sem grandes expectativas.

Os trabalhadores estavam esgotados, sofridos, em função de uma conjuntura trabalhista muito desfavorável, foram praticamente três anos entrecortados por movimentos grevistas. O Projeto de Qualificação das Práticas iniciou em março de 1998, sendo objeto de disputas permanentes em relação a sua concepção e implantação. No ano de 2000, as relações entre os grupos que faziam a gestão estavam muito desgastadas devido às tensões próprias de um projeto coletivo dessa envergadura, as disputas ora foram elucidadas, ora não, e os não ditos funcionavam como uma trava, e reverberavam, produzindo crises intensas, provocando o afastamento temporário ou permanente de pessoas envolvidas no projeto.

Nesta fase, ainda convivíamos com a dificuldade do "grupo condutor" em acompanhar e apoiar os enfermeiros nas unidades durante a execução das dispersões dos módulos anteriores, devido ao excesso de trabalho (todos nós tínhamos várias frentes de trabalho), e ao fato do projeto não ter ganho organicidade nas unidades. Não ganhara espaço no processo de trabalho. Convivíamos constantemente com a precariedade de recursos

materiais. As diferentes expectativas em relação a resultados, entre gestores, enfermagem, CETS e Universidade, demandavam negociações permanentes. No entanto, durante esse processo sempre procuramos recontratar sentidos e lugares, e assim chegamos ao final daquele ano produzindo e obtendo retornos positivos do que havíamos empreendido, apesar das dificuldades relatadas.

Os dois outros projetos (Projeto de Desenvolvimento e Gestão e Capacitação dos Clínicos), que comporiam com este a mudança nos processos de trabalho, não foram adiante.

O Conselho Regional de Enfermagem (COREN) vinha permanentemente, desde o ano de 1999, pressionando a Secretaria de Saúde a implementar a Sistematização das Ações de Enfermagem, segundo o que determinava a legislação de 1998 do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN).

A enfermagem viveu uma experiência ímpar em Campinas depois da implantação do Projeto Larga Escala, responsável pela formação de auxiliares de saúde em serviço (1989). Segundo Lelo,

> "*O processo de formação dos auxiliares de saúde, através do 'Projeto Larga Escala', legitimou o trabalho das enfermeiras, reordenando as suas práticas e a dos auxiliares de saúde pública. Esse período ficou marcado pela qualificação dos processos de inserção e valorização dos conhecimentos e experiências dos profissionais (...), Em 1989, foi elaborado um documento estabelecendo as atribuições das enfermeiras na Secretaria Municipal de Saúde, (...) na assistência direta ao usuário (...), transformando-se em referência para muitos outros municípios na questão da reorganização do processo de trabalho da enfermagem na área da saúde pública*" (LELO, 2002:128-133)

Em decorrência desse processo, diferentes práticas de cuidados desenvolvidas pela enfermagem não se enquadravam nas "Ações". As atribuições dos

auxiliares de enfermagem sofreram um alargamento, possibilitando uma relativa autonomia para a execução de uma série de atividades não legitimadas pelo COREN, atribuições, estas, reconhecidas como conquistas, e cujo impedimento redundaria em retrocesso profissional nos diferentes setores de atuação da saúde coletiva.

> *"De certa maneira, Taylor confirma o que Marx advogou, que o estabelecimento é um lugar de intensa dominação, porém partindo do princípio de que se essa dominação não for permanentemente pensada para os exercícios dos atos dos trabalhadores, estes tendem a abrir "linhas de fugas" no interior das lógicas de produção e construir uma produção a seu modo".* (MERHY, 2002:55)

Esta era, e ainda é, uma questão que não se limita a uma decisão corporativa, mas que coloca em jogo, no jogo, toda uma concepção de divisão técnica e social do trabalho, da organização do processo de trabalho, da gestão, do desenvolvimento profissional, e outros.

O Projeto de Qualificação das Práticas e seu conseqüente apoio à Sistematização das Práticas provinha do entendimento de que a Sistematização das Ações centrava-se na produção de procedimentos e obedecia a uma lógica definida pelo modelo hospitalar, enquanto a Sistematização das Práticas delinearia um perfil da enfermagem enquanto trabalho, voltada para a produção de cuidados na saúde coletiva.

Um dos objetivos da "Qualificação e Sistematização das Práticas" era abrir um debate institucional de negociação com o Conselho da categoria (COREN), tendo em vista a negociação de novos protocolos de assistência à "saúde individual e coletiva da população".

Tendo como principal parâmetro o redirecionamento do modo de oferecer os cuidados de enfermagem, vinculando a organização do processo de trabalho às necessidades do usuário, foram desencadeadas, neste período (2000), uma série de ações que possibilitariam a implantação da proposta na rede.

Inicialmente houve a composição de um grupo de estudos e trabalho (GT), com o papel de contribuir para a elaboração de estratégias metodológicas, que considerassem a Unidade de Saúde e o processo de trabalho como espaços privilegiados para o seu desenvolvimento.

> *"Quando um trabalhador de saúde se encontra com um usuário, no interior de um processo de trabalho, em particular clinicamente dirigido para a produção dos atos de cuidar, estabelece-se entre eles um espaço interseçor que sempre existirá nos seus encontros, mas só nos seus encontros em ato"* (MERHY, 2002:57)

Este era um desejo explicitado em diferentes momentos do projeto, por diferentes parceiros, enfermeiros, coordenadores e equipe do CETS. Este GT seria o responsável, em parceria com o "grupo condutor", pelo planejamento e gestão do trabalho. Havia uma indicação inicial de convidar os trabalhadores para a formação desta equipe depois do Seminário que estava sendo organizado pela e para a enfermagem. Porém, resolvemos adiantar esta agenda, por entendermos que esta seria uma nova experiência de adaptação ou criação de uma metodologia, demandando uma cota de investimento pessoal e profissional diferenciada.

Em maio de 2000 foi realizado o I Seminário de Enfermagem: "O SUS Que Está Dando Certo – As Práticas De Enfermagem Na Secretaria Municipal De Saúde De Campinas", quando os enfermeiros puderam apresentar e discutir suas diferentes práticas. (CAMPINAS, 2000;b)

O Seminário contou com vinte e sete trabalhos inscritos para sessões de comunicação coordenada, narrando diferentes experiências, nos campos da gestão, assistência, vigilância, educação continuada, educação popular, e outros, além da apresentação de dezenas de pôsteres.

Para o GT responsável pelo desenvolvimento das estratégias do módulo III, foi um momento ímpar de diagnóstico. Para tanto, elaboramos um roteiro de questões que

nortearia uma posterior discussão das propostas apresentadas: Quais os temas das comunicações coordenadas suscitaram maior interesse? Qual o principal enfoque na apresentação do trabalho: o procedimento, o usuário, o risco, os profissionais, a equipe, a unidade? Qual era a lógica da organização do processo de trabalho? Médico, procedimento ou usuário-centrado? Privilegiavam os princípios do SUS? Quais profissionais da equipe foram envolvidos nos trabalhos? Houve integração de áreas, projetos, profissionais?

No dia 13 de julho de 2000[41], o GT apresenta ao grupo condutor uma proposta que pretendia sintetizar, resgatar uma série de experiências históricas de formação em serviço na Secretaria Municipal de Saúde, e que seria o embrião de uma nova composição organizacional. Consistia na criação de pólos de educação ou formação continuada, a princípio para a enfermagem, em várias unidades dos nossos serviços de saúde. (CAMPINAS, 2000;b)

Devido à necessidade de organizarmos a recepção para 34 novos enfermeiros que estavam sendo contratados, começaríamos a experiência com o acolhimento dos mesmos e, conseqüentemente, com a formação em serviço nos pólos.

Após uma rodada de negociações com todos os fóruns decisórios da secretaria, no dia 31de agosto de 2000, realizou-se a primeira oficina de trabalho, com a participação de enfermeiros de toda a rede, cujo objetivo era discutir e propor estratégias para a implantação da experiência.

Para o início da proposta, as unidades ofereceram as mais diversas práticas, em diferentes áreas, todas foram incluídas no "cardápio" de ofertas. Variavam desde a organização do processo de trabalho de uma área para a prestação do cuidado, como por exemplo, área de saúde da criança, (todas as áreas foram incluídas, adulto, mulher, odonto e outras) até a de procedimentos, como curativos com uso de fitoterápicos, sala de vacina, visita e atendimento domiciliar, farmácia, Programa de Saúde da Família (PSF), grupos os mais variados, e outras.

Disponibilizaram-se para a experiência seis unidades do Distrito Sul, sete do

[41] Os registros desta experiência encontram-se no CETS

Distrito Leste, oito do Distrito Noroeste, seis do Distrito Sudoeste, oito do Distrito Norte, no total de trinta e cinco serviços, incluindo as VISAS (Vigilância Epidemiológica e Sanitária).

Um acordo firmado entre todos os parceiros facultou aos enfermeiros recém ingressos a possibilidade de, no primeiro mês de trabalho, permanecerem em processo de acolhimento e capacitação. Os enfermeiros foram recebidos em seus respectivos distritos, quando foi firmado um contrato de trabalho entre eles, o coordenador da sua futura unidade e o supervisor responsável pela mesma.

Para este momento, elaborou-se um instrumento que possibilitava um mapeamento dos conhecimentos e habilidade dos novos profissionais e as necessidades de capacitação, bem como a contratação das atribuições da enfermagem no SUS Campinas. Neste contrato, previa-se um programa de educação continuada, organizado segundo as necessidades daquele profissional e do serviço que iria recebê-lo, em seguida, construía-se um cronograma com as unidades que iriam oferecer as atividades de educação continuada.

Além da capacitação em serviço, foram oferecidos os módulos I e II adaptados para aquela circunstância e, um "tour" para conhecerem os serviços de referência, funcionamento e fluxo (Saúde Mental, AIDS, SAMU, e outros). A programação permitiu diferentes abordagens, uma singular, segundo as necessidades de cada um dos profissionais, e outra apresentando momentos de trabalhos coletivos.

Durante o período de concentração no CETS, foram feitas, sob diferentes aspectos, avaliações individuais e coletivas do projeto pelos novos enfermeiros acerca da recepção e do trabalho nos pólos, e, no dia 05 de outubro de 2000, realizou-se o segundo encontro com os enfermeiros responsáveis pelos pólos nas unidades, com o objetivo de avaliar o processo e aprimorar a proposta. Para esta oficina, foram elaboradas algumas questões para os debates referentes a repercussão da implantação do pólo nas unidades e a busca de sugestões para a organização e acompanhamento do processo.

A experiência dos pólos, avaliada positivamente pelos atores envolvidos, seguiu até o final do mês de novembro. A expectativa em relação ao desenvolvimento da

proposta era de que os enfermeiros, durante o processo de trabalho, elaborassem referenciais na lógica da produção do cuidado usuário-centrada, durante um processo que permitisse as equipes de saúde irem desconstruindo e construindo, a partir de suas experiências, a qualificação das práticas e a sistematização da assistência de enfermagem.

Segundo Antunes:

"O grande desafio colocado para a enfermagem brasileira é se fazer reconhecer e se firmar- no campo da prática em saúde - como profissão com saberes, intervenções e resultados diferenciados no cotidiano do seu exercício, nos espaços hospitalares e extra hospitalares".

Em relação à sistematização da assistência afirma que " A essência da assistência de enfermagem: cuidar da vida individual e coletiva.

Ações: Planejamento da assistência, consulta de enfermagem. Método: Processo de enfermagem.

Um dos instrumentos de trabalho ou tecnologia utilizada: Sistema Classificatório contendo: Diagnósticos de enfermagem (ou fenômenos) intervenções, resultados".

Dentre alguns argumentos apresentados para justificar a importância da sistematização encontra-se a necessidade de " Inter-relacionar a prática e o conhecimento qualificando ao trabalho da enfermagem... Dar maior visibilidade à prática de enfermagem, contribuindo para sua institucionalização enquanto profissão, diferenciando-a do rol de atividades classificadas como ocupações.

(intenção basicamente corporativa)." [42]

Tinha como perspectiva, em relação à continuidade da proposta, enquanto

[42] Antunes, Maria José, representando a ABEN (Associação Brasileira de Enfermagem), esteve em Campinas no dia 22/09/2000, em reunião com os grupos que gerenciavam o projeto e coordenadores distritais para apresentar o "Projeto de classificação Internacional da Prática de Enfermagem Em saúde Coletiva no Brasil". O texto apresentado em transparência encontra-se no CETS.

pesquisadora e enquanto "sujeito implicado", que nos pólos, locus desta experimentação, as equipes, como já acontecera, ofertassem suas práticas, escolhidas e discutidas previamente entre os distritos de forma a compor um cardápio variado e representativo, e, em torno delas, trabalhadores da enfermagem se agrupariam por afinidade ou outro critério, para tematizá-las, desenvolvê-las, sistematizá-las, buscando este "inter-relacionamento" entre "a prática e o conhecimento"[43].

Os trabalhadores teriam algumas horas mensais que seriam disponibilizadas para a produção coletiva e individual. O processo teria, a princípio, o apoio do CETS e do Departamento de Enfermagem, (parceiro do PGPE desde o início) , como facilitadores do processo. Os resultados seriam discutidos com a rede através de oficinas, pois o interesse aqui não se orientava pela lógica corporativa, e os acordos, naturalmente provisórios devido ao dinamismo das práticas, seriam documentados como novos protocolos, constituindo-se como parâmetros legitimadores das práticas e dos saberes da enfermagem na saúde coletiva. Estes protocolos nortearam a negociação com o conselho da categoria (COREM).

As enfermeiras, ao pesquisarem sobre sua própria prática, estariam contribuindo para o próprio desenvolvimento profissional, para o desenvolvimento da enfermagem enquanto trabalho e suas práticas na saúde coletiva e, conseqüentemente, contribuindo para o desenvolvimento da própria saúde coletiva enquanto um espaço de produção de conhecimentos.

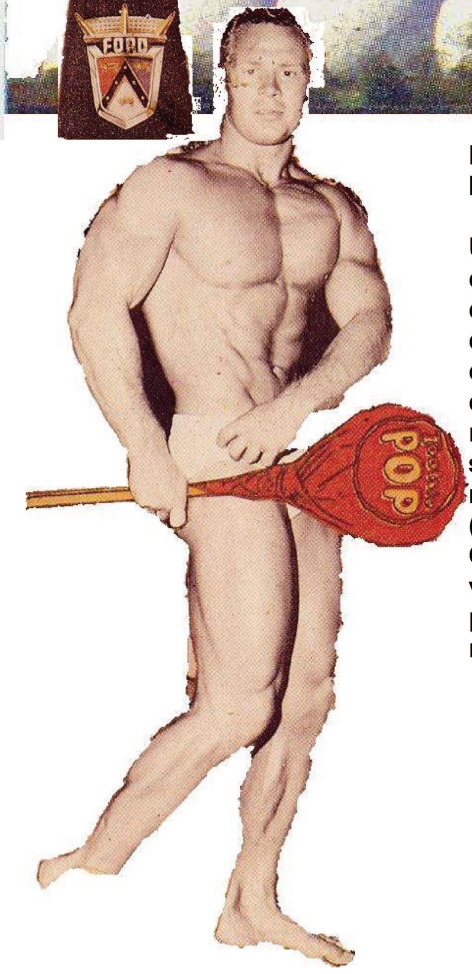
Os riscos e as tensões deste esquadrinhamento eram de que os diferentes modos se tornassem UM modo de execução, transformando-se em uma espécie de cânone, cristalizando o olhar para as inumeráveis espécies de linhas que compõem as práticas. Mas a vida irrompe, desmanchando e reinventando novos traçados, e as práticas e os praticantes

[43] A organização desta proposta foi inspirada no programa de formação continuada, junto a Universidade de Wisconsin, relatada por Geraldi: "Os professores que participam de programa de formação continuada apresentam-se voluntariamente e têm licença de um dia por mês para saírem da escola e se encontrarem em lugares aprazíveis da cidade, onde se reúnem em grupos. Cada um deles e delas seleciona um tema para o projeto de pesquisa que desenvolvem o ano inteiro e organizam grupos por região ou por temas. Cada grupo funciona como facilitadoras. Esses professores facilitadores, geralmente professores que já passaram pelo programa, auxiliam os pesquisadores e pesquisadoras a executarem as tarefas de pesquisa. Os trabalhos ...são socializados...publicam em revistas especializadas...fazem congressos...(Geraldi,sd:8-9)

ganham novos contornos.

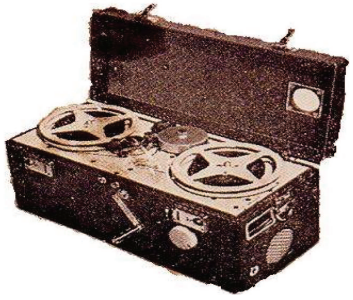
> *"Sendo o conhecimento efeito, este se dá tanto sobre o objeto quanto sobre o sujeito. O conhecimento não acontece pela soma das diferentes perspectivas, pois o mundo não se apresenta como um sistema integrado: ele é processo. Sujeito e objeto se constituem na interação, na processualidade. E, se assim, são as práticas que determinam os objetos ...*
>
> *As práticas são simplesmente o que as pessoas fazem. Este fazer, entretanto, é produto de forças em luta permanente, configurando determinadas condições histórico-políticas. O que a crença no objeto natural faz é dissimular o caráter heterogêneo das práticas. Cada prática tem como correlatos certos objetos (certas formas de objetivação) e certos sujeitos (certos modos de subjetivação). As práticas e seus correlatos são assim, construídos, datados.*
>
> *A realidade não está, portanto, repleta de objetos para serem conhecidos, decodificados por um sujeito que lhe transcenda. ela é feita de modos de iluminação e de regimes discursivos. O saber é a combinação dos visíveis e dizíveis de um estrato, não há nada antes dele, nada por baixo dele."*
> (BENEVIDES,1997:116)

Durante a produção das práticas, estão presentes os movimentos de reprodução, produção e até anti-produção da vida. A pesquisa-ação apareceria aqui como uma ferramenta, garantindo um espaço institucional para os trabalhadores produzirem diferentes, ou até novos sentidos para os "fazeres", provocando um desassujeitamento dos saberes, um espaço para os trabalhadores abordarem suas dificuldades como analisadores capazes de potencializar novos processos de subjetivação. Estes processos de subjetivação tornam-se possíveis na medida da implicação, da encarnação, dos sujeitos nos processos de produção. Esta experiência poderia ser estendida a diferentes propostas de capacitação dos trabalhadores da rede.



Ruína
Manoel de Barros

Um monge descabelado me disse no caminho: "Eu queria construir uma ruína. Embora eu saiba que ruína é uma desconstrução. Minha idéia era fazer alguma coisa ao jeito de tapera. Alguma coisa que servisse para abrigar o abandono, como as taperas abrigam. Porque o abandono pode não ser apenas de um homem debaixo da ponte, mas pode ser também de um gato no beco ou de uma criança presa num cubículo. O abandono pode ser também de uma expressão que tenha entrado para o arcaico ou mesmo de uma palavra. Uma palavra que esteja sem ninguém dentro. (O olho do monge estava perto de ser um canto.) Continuou: digamos a palavra AMOR. A palavra amor está quase vazia. Não tem gente dentro dela. queria construir uma ruína para a palavra amor. Talvez ela renascesse das ruínas, como o lírio pode nascer de um monturo." E o monge se calou descabelado.



Posto de Escuta na Inglaterra –
Projeto Echelon (vigilância mundial)
Foto: Paul Bates (Reuters) -
20/04/2000
Fonte: Folha de São Paulo -
27/07/2003

Richard Hamilton,
“Just what is it that makes today's
homes so different, so appealing?”,
1956

Ruínas

Experimentar uma escrita em Ruínas, trazer as Ruínas para a escrita deixando-a ser penetrada por estranhos devires, devires de arqueólogo, que raspa aqui, raspa acolá, tornando ora visíveis ora invisíveis os vestígios, as marcas de um trabalho, de uma experiência que ocupou um lugar, um tempo, um espaço, e que ali teria permanecido, caso tivéssemos dado as costas a esse acontecimento.

Acontecimento, um pequeno acontecimento poderia ser esquecido na memória, afinal, nada que revolucionasse uma vida, uma história, as instituições envolvidas, enfim... Mas ali tinha uma aposta, desejos foram agenciados, trabalhos realizados, e mesmo que esquecidos, continuariam pulsando no terreno pela sua imanência, até que algum curioso munido de uma simples forquilha, ou mesmo de algum sofisticado sensor infra-vermelho, encontrasse sinais de calor, matéria viva, sensível, ainda que encoberta pela poeira do tempo, pelo musgo do esquecimento, por outras inscrições, como em um palimpsesto. Ali ainda estaria a substância sutil, viva, pois um dia foi substância encarnada e, agora, retornou ao caos, habita no "caosmo"[44]. Os acontecimentos povoam o caos, "produzem-se em um caos". [45]

Trazer as ruínas para a escrita para dar lugar ao abandono, ao desmoronamento das certezas, para abrigar uma possibilidade de retornar ao acontecimento, apreendê-lo e poder suportar o tempo do acontecimento e suportar algumas de suas vibrações, suas intensidades, suas individuações, suas incompossibilidades, seus paradoxos. E, quando sucumbir às tiranias da razão prática, ainda assim, encontrar abrigo, e mesmo quando essa tirania limar minha alma a ponto de esquecer-me que "*A maior riqueza do homem é sua incompletude"*.(BARROS, 1998:79), ainda assim encontrar abrigo.

Três anos se passaram desde aquela experiência. Considerando a flecha do

[44]"Num mesmo mundo caótico, as séries divergentes traçam veredas sempre bifurcantes"

[45] " Quais são as condições de um acontecimento, para que tudo seja acontecimento? O acontecimento produz-se no caos, em uma multiplicidade caótica, com a condição de que intervenha uma espécie de crivo....O caos não existe, é uma abstração, porque é inseparável de um crivo que dele faz sair alguma coisa (algo em vez de nada)....A Dobra, pág 118. (Quem é o autor?)

tempo apontada para uma única direção, parecia uma eternidade (2000/2003). Estaria ainda valendo a pena revolvê-la? Do ponto de vista da pesquisa, quais seriam os "recortes" que proporcionariam melhor "visibilidade" ao que ali se passou, já que seria impossível do ponto de vista "objetivo" tomá-la por inteiro. Foram dezessete encontros transcritos, e a cada vez que retornava às transcrições, uma espécie de pavor tomava conta do corpo, a atualização do contato entre corpos me paralisava. Aquelas vozes..., suas ressonâncias..., os resquícios das memórias anotados em cadernos, pedaços de papel, guardanapos, lenços de papel ..., o esquecimento com seus barulhos... vibrando e fazendo vibrar meu organismo, sacudindo meus territórios, abrindo fendas, pedindo passagem, " salitre, enxofre, carvão"[46]. Era um desassossego misturado ao medo, a dor e a raiva.

Meu projeto parecia não ter sido muito bem sucedido do ponto de vista das pretensões iniciais. Bom, mas ainda restava o percurso. Afinal, as coisas se constituem no entre, no meio! Até onde minha vaidade, travestida de dignidade pessoal, permitiria a exposição do meu "fracasso"? Como a "aspirante" à pesquisadora (a pesquisadora funciona como uma máscara, um operador de intensidade)[47] poderia "vingar" neste contexto onde a " pesquisa" parecia também ter "gorado". A "aspirante" à pesquisadora, como a segunda noivinha[48] de Rolnick, tornou-se uma "pesquisadora-que-gora-e-gruda" (para essa noivinha, havia dois destinos possíveis: noivinha-que-gora-e-gruda e a noivinha-que-gora-e-*descola).*

" De medo de despedaçar, você percebe; de medo de fracassar, pensa ela certamente" (ROLNIK,1989:30)

Os afetos não podem passar, e, para que não passem, a aspirante à

[46] Salitre + Enxofre + Carvão, trata-se de uma "Instauração" do artista plástico Tunga, descrita no artigo de Sueli Rolnick, "Despachos no Museu" in Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas (2002:319)

[47] *" as intensidades em si mesmas não tem forma nem substância, a não ser através de sua efetuação em certas matérias* cujo resultado é uma máscara. Ou seja, intensidades em si mesmas não existem: estão sempre efetuadas em máscaras- compostas, em composição ou em decomposição...Não há máscaras que não sejam, imediatamente, *operadores de intensidade*...por trás da máscara não há rosto algum, um suposto rosto verdadeiro, autêntico, originário" (Rolnik,1989: 31)

[48] As noivinhas são personagens, subjetivações femininas, que tomam forma, se singularizam através de máscaras. Rolnik, nos convida a cartografar 3 diferentes itinerários (cartografias psicossociais), "procurando o desejo- processo de produção de universos psicossociais": "aspirante à noivinha que vinga", "aspirante ànoivinha que gora" e "noivinha que gora e descola"

pesquisadora busca o conforto nas estruturas molares. Na iminência de propagar-se nos rizomas, fixa-se em um bulbo. Gruda numa certa fórmula já consagrada de apropriar-se daquele material, naturalizando-o, esquadrinhando-o a partir de uma ordem racionalizadora, escrutinando-o para dali extrair eixos/categorias/produtos. A maquinaria social que produz esta ordem, produz também diferentes matérias de expressão, agenciando as noivinhas, as pesquisadoras, as mãezinhas, as filhinhas, as professorinhas, as psicologazinhas, as mediquinhas, as enfermeirinhas. Mas os afetos são nômades e suas variações/derivações causavam um mal-estar, um incômodo. Afinal, não se deixariam aprisionar impunemente pela racionalidade instrumental.

Para evitar que uma arbitrariedade fosse cometida contra o que a pesquisadora anunciara como possibilidades de desterritorialização desta mesma racionalidade,a banca de qualificação (multiplicidade matilha) chama pelo "acontecer no acontecimento", pelo "corpo sem órgãos", "pela revolução engraçada, a não fazer uma revolução em defesa do serviço do qual nós já tivemos bastante. Pela abolição do serviço e a ocupação compulsória", e por uma "escrita em ruínas". Convoca a aspirante à pesquisadora de volta a matilha, e porque não, ao bando.

> *"Não somente existem bandos humanos, como também, entre eles, alguns particularmente refinados: a "mundanidade" distingue-se da "socialidade" porque está mais próxima de uma matilha, e o homem social tem do mundano uma certa imagem invejosa e errônea, porque desconhece as posições e as hierarquias próprias, as relações de força, as ambições e os projetos bastante especiais. As correlações mundanas jamais recobrem as correlações sociais, não coincidem com estas. Inclusive os maneirismos (existem em todos os bandos) pertencem às micromultiplicidades e distinguem-se das maneiras ou costumes sociais*." (DELEUZE/GUATARRI,1995:47-48)

Ao ser capturada pelo bando e atirada à borda, em movimentos de

desterritorialização e reterritorialização, para que, "*pouco a pouco, uma nova máscara, uma série de novas máscaras, possam ir se delineando em seu corpo, de modo a compor um plano de consistência para seu afetos*". (ROLNIK,1989:30)

A aspirante à pesquisadora que gora e gruda (na máscara pseudo científica/ modelo standard), está em devir pesquisadora que gora-e-descola. Gora, porque o real não cabe nos modelos, os modelos apenas nos propiciam aproximações ao real. Gora, porque os tais modelos nos aprisionam em rotinas, e a vida nos arrebata das rotinas. Embora muitas vezes não o percebamos, mas fica o incômodo. O real é uma composição de matérias corporais e incorporais, de multiplicidades, intensidades, linhas, velocidades.

> *"Não se esforce tentando decifrá-lo...- O mundo é um mistério. Isto, o que você está olhando, não é tudo o que existe. O mundo é muito mais do que isso, tão mais na verdade, que chega a ser infindável. Por isso, quando você tenta decifrá-lo, só o que faz é tentar tornar o mundo conhecido. Nós estamos bem aqui no mundo em que você chama de real apenas porque nós dois o conhecemos..."* (CASTANEDA, 2001:138)

E agora, renasce nas ruínas, descola: " *Ela aguenta ir se equilibrando na corda-bamba sobre o abismo que a ausência de rosto - sua máscara desterritorializada - cava em sua alma"* (ROLNIK, 1989:30).

Embora durante o percurso inicial do texto desta dissertação, advogasse em favor da pesquisa como uma prática de dessassujeitamento dos saberes profissionais, no momento de proceder a análise do acontecimento, ao invés de um texto poroso, sem vontade de verdade, que produzisse o efeito de uma pequena máquina de guerra, fui capturada pela "máquina de Estado", me tornando a "presa", como diria D. Juan, o bruxo guerreiro. Penso que este tenha sido o primeiro grande tensionamento que, como trabalhadora pretendendo pesquisar sobre minha própria prática, vivi.

O processo de implicação borra os limites entre o que percebemos como

nossos previsíveis eus individuais e os outros corpos, tornando o caminhar entre luzes e sombras, a princípio uma errância, às vezes difícil de suportar. Uma possível tendência para escapar das estranhas sensações provocadas por esse atordoamento é a de naturalizar, objetivar o acontecimento, transformando-o em episódio, ou um mero evento. Um modo de escapar desta armadilha, dessa modelagem "drogadicta"[49] passa por compreender e incorporar as proposições esquizo-analistas relativas à produção de enunciados e sair do delírio de auto-referência para subjetivar.

> *"É sempre um agenciamento que produz os enunciados. (...) O enunciado é o produto de um agenciamento, sempre coletivo, que põe em jogo, em nós e fora de nós, populações, multiplicidades, territórios, devires, afetos, acontecimentos. (...) O agenciamento é o co-funcionamento, é a "simpatia", a simbiose. (...) A simpatia não é um sentimento vago de estima ou de participação espiritual, ao contrário, é o esforço ou a penetração dos corpos, ódio ou amor, também o ódio é uma mistura, ele é um corpo (...) A simpatia são corpos que se amam ou se odeiam (...) Os corpos podem ser físicos, biológicos, psíquicos, sociais, verbais, são sempre corpos ou corpus (...) É preciso dizer que é o próprio mundo que nos arma as duas armadilhas da distância e da identificação. (...) Nós só podemos agenciar entre agenciamentos.* (DELEUZE/PARNET,1998: 65-66)

Outro modo é compartilhar o processo, experimentar com o outro a possibilidade de diferentes leituras, diferentes relatos, diferentes sentidos para aquilo que está em processo de produção. Estranhar![50] 0lhar como se fosse um estrangeiro, devir estrangeiro. Logo: desfamiliarizar, desnaturalizar o presente.

---

[49] Rolnik chama de " drogadição de identidade': modos de constituição da subjetividade pautados pelo investimento de tudo que traga uma promessa de completude e estabilidade, e não por uma busca de sentido para aquilo que o corpo sinaliza, através dos estados gerados pelos novos arranjos de forças que o afetam"(Rolnik, 1995:208)

[50] Estranhamento: "Achar diferente do que seria natural esperar-se.(...) Não se conformar com; não familiarizar com ..." (Ferreira, 1986:726).

Uma escrita em ruínas para apreender o acontecimento, habitar no abandono abrigado pela tapera. O abandono habita nas desconstruções, um abandono para abrigar nossas angústias, medos. Esse abandono é ruidoso, nele, os corpos se apresentam entrelaçados como fios, as linhas, meio transparentes, como nossos fantasmas, “a demanda vem toda junta”, por onde começar?

As várias vozes que podem ser ouvidas e saem através de nossas bocas são as vozes da instituição, da organização, são as vozes de todas as pessoas que abordaram ou foram abordadas pela proposta, para singularizá-las será necessário um procedimento de raspagem:

Ai, meu Deus, como é isso, como é que eu entro nessa história?
Eu gostaria de estar aqui hoje mesmo
no início de tudo,
mas eu tenho algumas limitações de horário

Posto de Escuta na Inglaterra – Projeto Echelon (vigilância mundial)
Foto: Paul Bates (Reuters) - 20/04/2000
Fonte: Folha de São Paulo - 27/07/2003

Red Grooms,
Hollywood (Jean Harlow),
1965

Ah meu Deus, como é que é isso?

"Eu começo: eu gostaria de estar aqui hoje mesmo, no início de tudo, mas eu tenho algumas limitações de horário e algumas dificuldades para estar aqui, tenho a expectativa de contribuir, mas vou ter que ver os limites, ver com a gente vai se organizar para a produção deste módulo e definir então minha real participação. Eu gostei, fiquei triste porque o coordenador ficou de fora, então voltar agora, mesmo que só para ajudar na elaboração, eu fiquei feliz. Eu tenho um limite por conta do trabalho na unidade, a coordenadora pediu pra que eu viesse ver a proposta. No momento eu também fiquei bastante contente, por ter vivenciado vários períodos da administração, da enfermagem, como vinha caminhando, é mais uma oportunidade de ver o que está acontecendo, da gente ver o que pode melhorar, que rumo a gente pode tomar, gostei bastante (...) Não vejo a hora da gente começar. Eu tava esperando muito por esse dia. Isso me interessou, isso chega num momento de mudar a vida das pessoas completamente. Eu fui pego meio de surpresa, você recebe um convite, fica meio perdido e preocupado, no que eu posso ajudar? Uma coisa que é totalmente distante e nova, é meio distante da realidade da gente...Ah meu deus como é que é isso? Como é que eu entro nessa história?"

Ah meu deus, como é isso? Era a nossa primeira reunião com o propósito de criar um grupo de trabalho e estudos (GT). Eu coordenaria as reuniões no primeiro momento, até que criássemos um sistema de rodízio entre as pessoas presentes. Começaríamos levantando as expectativas, e, como o convite chegou à maioria das pessoas ali presentes através das supervisoras, conversaríamos um pouco sobre o entendimento de cada um do que foi apresentado como proposta.

Ah meu deus, como é que eu entro nessa história! Particularmente me sentia numa posição delicada, já que tinha um interesse, uma intenção, um desejo de que o grupo

fosse receptivo em relação a pesquisa-ação como pauta do estudo, como uma possível alternativa, naquele momento em que propúnhamos repensar nossa metodologia de trabalho, nossa abordagem pedagógica. Estava muito tensa, confusa, levei o gravador porque pensei ser importante assinalar esta primeira reunião caso o "povo" topasse a proposta, e se não topasse, o que eu faria? Continuaria mesmo que sozinha? Embora, naquele momento, tudo o que eu havia lido indicasse a importância do desenvolvimento em grupo. E o compromisso com o mestrado? Mudaria o projeto? Por outro lado, com a pesquisa-ação ou não, o PGPE seguiria adiante, com minha total implicação. Uma pequena tensão entre a trabalhadora em devir pesquisadora. Resolvi arriscar, sugeri a gravação, e o grupo aceitou, independente do que decidíssemos, as fitas ficariam como um registro do desenvolvimento dos trabalhos.

Ah! Meu deus! Com tantos limites, haveria alguma possibilidade? Por outro lado temos que considerar que, até então, foram 12 anos de variados exercícios com a metodologia da problematização, muitos de nós adentramos pelos caminhos da educação e saúde ao conhecer e vivenciar a chamada "Pedagogia da Problematização". A contemplação de uma ruína atualiza sentimentos variados, encantamento, melancolia, nostalgia, paixão, alegria... Baseados em que nos envolveríamos em uma aventura absolutamente desconhecida na cultura organizacional, institucional? Além do mais, quem autorizaria esta aventura? Estou feliz, quero colaborar, mas tenho limites? Tem o trabalho na unidade, tem a coordenadora. Eu resisto, resisto com os argumentos da pessoa, do serviço, da instituição. Estávamos apenas iniciando a reunião e já toda essa riqueza, essa intensidade de forças mobilizadas, eu confesso que estava muito tensa e grudada nas minhas próprias expectativas, fiquei confusa, nem tínhamos contratado nada e o "povo" já impondo os limites? Ou melhor, o "povo" já estava contratando! Tudo bem, vamos desterritorializar, mas dentro do tempo regulamentar. *"Só posso até meio dia, e só posso até às dezessete!"*

Estou feliz! Mas também lamento, já que as coisas que me dão prazer podem tornar-se minha danação. Construir ruínas para suportar os fluxos de prazer, danação. Me

protejo, lamurio, colocando-me de alguma forma externamente ao processo: *"fiquei triste porque o coordenador ficou de fora, então voltar agora, mesmo que_só para ajudar na elaboração, eu fiquei feliz"*. Eu posso ajudar, mas até onde posso me comprometer? *"Não vejo a hora da gente começar"*. Enquanto isso, os outros eus, (corpos) muito afoitos, emitindo fluxos, ondas, sinais de fumaça: *"Eu tava esperando muito por esse dia". "Isso me interessou, isso chega num momento de mudar a vida das pessoas completamente"*. O apito do alarme já soou, onde há fumaça, há fogo! *"Eu fui pego meio de surpresa, você recebe um convite, fica meio perdido e preocupado, no que eu posso ajudar? Uma coisa que é totalmente distante e nova, é meio distante da realidade da gente... Ah meu deus como é que é isso? Como é que eu entro nessa história?"* A simples proposição de uma novidade movimenta toda uma série de fluxos, de linhas, de forças, compossíveis e incompossíveis, produzindo um campo de intensidades, de multiplicidades, de vibrações, gerando afetos que são, ato contínuo, agenciados coletivamente por diferentes máquinas semióticas. Esta movimentação gera angústias: *"Ah meu deus como é que é isso?"*

Segundo Rolnik, *"são diferentes estratégias para lidar com as diferentes faces do medo : ontológico, psicológico, existencial"(indicações)*. Estas estratégias são desenvolvidas para nos protegermos da angústia, quando está em curso um movimento de desterritorialização.

> *"E isso, em termos subjetivos, traduz-se como sensação de irreconhecível, de estranhamento, de perda de sentido – em suma de crise. (...)*
>
> *Esta linha, de simulação, faz um vai e vem, um duplo traçado**, inconsciente e ilimitado**, que promove a desterritorialização, possui um caráter de "double- face": ' Um primeiro que vai, da invisível e inconsciente produção de afetos, para a visível e consciente composição de territórios. Percurso do movimento de territorialização. E um outro traçado inverso: ele vem do visível, consciente, dos territórios, para o invisível, inconsciente dos afetos,*

escapando. Percurso do movimento de desterritorialização.' Porém esta linha 'está sempre prestes a oscilar na direção do encantamento, da imediatez do movimento de simulação. É quando um território pega, ganhando credibilidade, o que em termos subjetivos se traduz como sensação de reconhecimento, familiaridade. E dá alívio'. Esta é uma segunda linha entre três. 'É nela que se opera a negociação entre o plano constituido pela primeira linha, ***invisível e inconsciente*** *(a dos afetos que nascem entre os corpos, em sua atração e repulsa) e o plano traçado pela terceira linha (a dos territórios)...* ***finita, visível e consciente'****. Esta terceira linha ' cria roteiros de circulação no mundo: diretrizes de operacionalização para a consciência pilotar os afetos. Ela é finita, porque finita é a duração dos territórios e a funcionalidade de suas cartografias. Sempre escaparam afetos aos territórios, e isso, mais cedo ou mais tarde, decreta o seu fim... Essa linha evolui por grande cortes perfeitamente designáveis. Por isso nela as rupturas são negociáveis. Os sujeitos (com sua classe, seu sexo, sua idade, sua profissão, sua identidade...), assim como os objetos, são recortados no plano de organização desenhado por esta linha: seqüência de uma biografia, constituição de uma memória... Toda e qualquer formação do desejo no campo social se dá através do exercício ativo dessas três linhas - sempre emaranhadas, sempre imanentes uma às outras.* (no grifo leia-se Deleuze e Guatarri apud Rolnik,)

De qualquer maneira, pelo fato de a ambiguidade ser inerente a essa segunda linha, e por isso mesmo insuperável. ***Há sempre uma angústia pairando no ar****. Angústia que tem uma* ***face ontológica*** *(medo de a vida se desagregar, de ela não conseguir perseverar;* ***medo de morrer****); uma* ***face existencial*** *(medo de a forma de exteriorização das intensidades perder credibilidade, ou seja, de certos mundos perderem legitimidade, desabarem;*

> ***medo de fracassar**); uma face psicológica (medo de perder a forma tal como é vivida pelo ego; **medo de enlouquecer**).*
>
> *Essa angústia gera uma tentativa, sempre recomeçada, de abolição da ambiguidade. É isso que vai definir diferentes estratégias do desejo. É em torno disso que se fazem todos os dramas, todas as narrativas, todas as personagens, todos os destinos. Dá para dizer que essa angústia é a própria nascente dos mundos"* (ROLNIK, 1989:47-49)

"No que eu posso ajudar, uma coisa que é totalmente distante e nova, é meio distante da realidade da gente, a gente tá acostumado com essa coisa de projetinho que você pensa alguma coisa..."

Qual é o diferencial aqui, nesta circunstância, em que todos nós nos encontrávamos? A que fomos chamados? A encarnar um processo de produção. Independente do fato de que o resultado viesse a ser algo original, esta experimentação seria, e ainda é, algo totalmente novo para nós, que até então reproduzíamos modelos. Gostaria de assinalar que não estou falando de reprodução como cópia, vimos aplicando a metodologia da problematização ao longo dos anos como uma ferramenta de trabalho, sem esvaziá-la de sua materialidade política, mas violando algumas de suas referências originárias, adaptando-a aos diferentes contextos e demandas de trabalho com efeitos sempre potentes, mobilizadores. O que é meio distante da nossa realidade? As práticas de enfermagem? Organizar processos de capacitação? Todos nós, ali presentes, já havíamos participado, em diferentes momentos, deste ou de outros projetos. O critério para estar ali era conhecer e ter participado da elaboração e aplicação dos outros módulos. "Meio distante" é a perspectiva de teorizarmos a nossa prática. Este é um espaço para o qual não estávamos preparados. Este novo território é legitimo, será reconhecido como trabalho? Movimento ambíguo, que gera estranhamentos e angústias.

E ESSA PESQUISA-AÇÃO DA UNICAMP?

Muitas vezes a rede já foi usada em pesquisa, é a primeira vez que ouço falar desse negócio

Trouxe os textos sobre pesquisa-ação

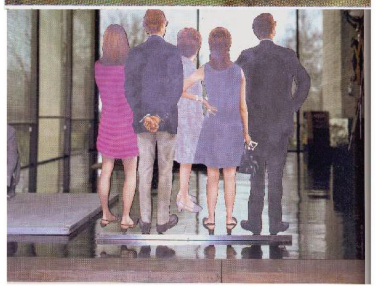
o que está começando eu não tenho muita clareza, do que é, como é que vai ser, no que vai dar

eu tenho muita ansiedade para ser resolutiva para a rede básica

Não é uma proposta da UNICAMP

Posto de Escuta na Inglaterra – Projeto Echelon (vigilância mundial)
Foto: Paul Bates (Reuters) - 20/04/2000
Fonte: Folha de São Paulo - 27/07/2003

Howard Kanovitz
“The People”, 1968



E essa pesquisa-ação da UNICAMP?

"Se o tempo não for muito prolongado, se for uma coisa objetiva que a gente consiga fazer, talvez dê para eu vir semanalmente... Agora uma expectativa que eu tenho é a de saber em relação da pesquisa-ação da UNICAMP, eu tenho muita ansiedade para ser resolutiva para a rede básica, aí quando fala de uma coisa assim, que tá me parecendo...eu fico um pouquinho ansiosa pra saber do que se trata. Hoje eu tô começando a minha pesquisa de mestrado que é o módulo III, eu vou pesquisar o meu trabalho neste módulo, vou pesquisar sobre o meu próprio trabalho neste módulo, a pesquisa-ação, eu vou esclarecer para vocês, o que está começando, eu não tenho muita clareza do que é, como é que vai ser, no que vai dar. No final do módulo I, várias pessoas conseguiram produzir alguns trabalhos que foram apresentados em congressos, os módulos estão a disposição para qualquer um que queira discutir sobre eles, pra instituição é importante, para nós é importante, valoriza os profissionais, existe essa proposta de pesquisa-ação, que é uma proposta em serviço, para melhorar a prática profissional, não é uma proposta da UNICAMP, não tem ninguém da UNICAMP que vem propor alguma coisa aqui pra gente, vamos entrar em contato com outros pesquisadores, a proposta é livre para quem quiser, não é uma coisa de fora, é uma pesquisa que o trabalhador faz sobre sua própria prática. Tem algumas tarefas a serem feitas, uma delas é estruturar o módulo III, essa pesquisa-ação vem como subsídio ou são coisas separadas? Aplicou, avaliou, isto em si poderia ser um trabalho. Eu tenho uma preocupação... a gente tá dando um corpo que possa ser mais facilmente trabalhado de maneira acadêmica, científica. Só tô introduzindo a questão porque trouxe essa ansiedade, colocou a questão da universidade. Trouxe os texto sobre pesquisa-ação, a idéia é que a gente vá se apropriando aos poucos, não tem uma fórmula pronta. Isso me preocupa, eu tenho uma expectativa que seja um trabalho nosso, que seja bastante objetivo, que a

gente possa fluir solto com isso, entendeu, desde que isso não entre em choque, essa pesquisa-ação em choque com o fluxo solto e rápido. Muitas vezes a rede já foi usada em pesquisa, é a primeira vez que ouço falar desse negócio, falar a verdade, mas eu não tô sentindo manipulação nesse sentido, vamos ter um suporte mais científico, enquanto estou aqui com o paciente, eu estou aqui fazendo e quem está lá estudando fazendo ciência são outras pessoas".

Mas não é que a pesquisa-ação é mesmo da UNICAMP? E eu levei três anos para compreender o óbvio. O tempo da ruína é a própria ruína. Hoje percebo que a desconfiança do grupo me atravessou violentamente, e isto, na ocasião, foi difícil suportar, me tornando surda, cega para o que de fato estava acontecendo ali, e me defendia explicando, explicando... As explicações, hoje, ao ler as transcrições, não resolveram porque a desconfiança permanecia.

Não desindividualizei a dúvida, reduzi ao ego a problemática que ali se constituía. Afinal, trabalhamos juntos há anos, meu interesse ali era justamente pesquisar para "melhorar a prática profissional". Como poderiam duvidar da honestidade dos "meus" propósitos? Como poderia passar pela cabeça de alguém que "eu" estivesse querendo auferir vantagens pessoais?

Entre as diferentes possibilidades de leitura, percebo dois movimentos, um molar, que diz respeito às linhas de força poder/ saber, Serviço/ Universidade, e o outro molecular, que diz respeito as linhas de subjetivação.

Imagino um solilóquio em "off", todas as nossas vozes em uma, ou em coro: Na rede, temos nosso próprio modo de produzir, nossa lógica de disparar nossos processos de produção. Nesse momento, não estamos preocupados se nesses processos produzimos conhecimentos ou não, esse é um tema estranho ao nosso cotidiano. Não é uma preocupação nossa, se reproduzimos ou até contra- produzimos, o importante é que até agora esse jeito tem funcionado, bom, e se não tem, precisamos, enquanto grupo, avaliar e buscar outras alternativas, será que essa alternativa passa por essa pesquisa-ação da UNICAMP? Eu tenho muita ansiedade para ser resolutiva para a rede básica!

Temos inúmeras experiências para nos subsidiar! A universidade produz a partir de uma outra lógica A pesquisa sempre esteve desvinculada da prática, e a gente não tem essa prática, então a gente vai ter que tomar cuidado para não cair nisso também, entendeu, de querer separar essas coisas, porque a gente tende a funcionar compartimentalizado mesmo, se eu estou aqui com o paciente, eu estou fazendo, eu estou aqui fazendo, e quem está lá estudando, fazendo ciência, são outras pessoas, não sou eu, eu não consigo ler aqueles textos, eu não entendo nada do que eles falam, e eu acho que eles também não tem prática nenhuma. Eu é que sei fazer, ele não sabe fazer nada. O que é interesse para eles não tem a ver com nossas necessidades: Porque fulano estava estudando aquilo, a gente tinha que se debruçar sobre a ficha de esquistossomose, porque fulano fazia um trabalho, não era nossa prioridade, não era o que a gente queria, e aí a gente ficava gastando aquele tempo. São diferentes territórios, constituídos para funcionar exatamente assim, cada qual trabalhando no seu espaço instituído. Essa coisa de misturar, o que isso pode virar? O que vai sair disso? E você Bete, de que lugar está falando? Deste lugar que é nosso, onde nossos saberes são legitimados por nós, onde nos reconhecemos como parceiros, temos nossos regimes de semiotização, de singularização ? Ou daquele lugar, que não nos legitima, que a produção se relaciona aparentemente a outro tempo que não é o nosso, a um espaço aparentemente estranho às nossas sensibilidades e necessidades? Cada qual no seu lugar. Como é que você pretende borrar esses limites? Quais seriam os riscos? Quem nos autoriza a corrê-los?

Hoje percebo o quanto aquele momento era significativo para uma reconfiguração de forças no grupo. Ao ser portadora de uma oferta[51] para aquele coletivo: estudar e desenvolver a proposta de pesquisa-ação como opção metodológica para o módulo III, fui porta voz do grupo gestor (grupo condutor), e de meus próprios interesses, aliás, colocados muito balbuciadamente, envergonhadamente, sob o impacto das tensões e ambigüidades, que me assolavam durante a reunião...

[51] "...a toda oferta (de prestação de serviços) subjaz a duvidosa mensagem que consiste na suposição de se saber e se ter o que o outro precisa, que por sua vez não sabe que não tem e não entende o que é porque é complexo, sutil, técnico." (Baremblitt 1994:153)

"...porque hoje eu também estou começando a minha pesquisa-ação".

De qualquer forma, passei também a ocupar, a partir daquele momento, um lugar que era o da "pesquisadora da UNICAMP", o que produziu um paradoxo – de um lado o estranhamento e a desconfiança em relação a alguém que propõe, que pertence àquele território conhecido, cuja legitimidade está fundamentada em um outro território, estrangeiro, sobre o qual as pessoas ali presentes não tinham qualquer governabilidade; e, de outro, devido a nossa cultura organizacional ser muito centralizadora e movida por uma lógica "obreirista", termos muita dificuldade de nos autorizar a " praticar" no campo teórico. A "pesquisadora da UNICAMP" poderia, a partir deste lugar externo, mas socialmente regulado, apoiar, legitimar esta "autorização" para que aquele território de reflexão e produção teórico-prático viesse a se constituir.

Porém, ao "dessubjetivar" o grupo e alienar as questões à minha pessoa, não saí do centro, construí uma armadilha, na qual me enredei durante boa parte do processo, tentando escapar daquele lugar de onde não conseguia sair, lugar insuportável e asfixiante de portadora de uma suposta verdade ou de um suposto lugar de saber, em que eu me encontrava e os outros não. A trabalhadora não deu passagem aos afetos necessários para a pesquisadora vingar. Renunciei por um tempo à máscara pesquisadora. Coloquei em circulação, para aquele coletivo, questões que me afetavam e que ainda me afetam, como, por exemplo, a possibilidade de sistematização teórica dos referenciais que animam as nossas diferentes práticas, e com elas, pretendia agenciar o desejo do grupo para uma espécie de aventura por territórios aparentemente pouco habitados em nosso contexto, sem um mapa, apenas com uma bússola, mas me vi em "apuros" ao enfrentar as forças ativas e reativas que nos atravessavam, recorro a uma observação feita por Orlandi, que define bem aquele momento em especial:

> "*A coisa se complica um pouco mais quando se pensa no apuro em que alguém se encontra quando começa a jogar um jogo que o afeta como*

algo a ser inovado, mas para cuja inovação ele próprio não dispõe ainda daquilo tudo de que precisa"[52].

Esperava um devir pesquisadora daquele coletivo, a partir de algum marco zero, enquanto ali já ia se praticando no debate este lugar, quando apontávamos preocupações fundamentais, como as diferentes lógicas do processo de produção do trabalho (serviço e academia), o risco de, nestas parcerias, nos tornarmos objetos, e não sujeitos do processo de pesquisa, devido a grande maioria das pesquisas realizadas nos serviços não abrir espaço para os trabalhadores opinarem nos procedimentos, tratando-os como 'cobaias' ou mera mão-de-obra dos pesquisadores externos. A diferença entre os tempos e os espaços necessários à produção, o risco de não imprimirmos nossas marcas a esta produção, devido a "incorporação" de uma metodologia "importada".

Estas questões surgem impregnadas por ambigüidades, que podem nos conduzir a diferentes caminhos, dependendo do tratamento a elas dispensado. Este tratamento, por sua vez, depende do jogo de forças ativas e reativas que são mobilizadas no processo.

"Sucintamente: uma força é considerada ativa na medida em que é plástica, dominadora e apropriadora, no sentido em que o artista "domina" e "se apropria" de sua matéria prima - dando-lhe uma forma, criando sentidos, valores. [...] A força ativa como força de metamorfose. A força reativa, ao contrário, preenche as tarefas de conservação da vida, de adaptação, de utilidade, todas as funções de regulação, de reprodução. Nesse sentido, pode-se dizer que a consciência é reativa, assim como o hábito, a memória, a nutrição.

Por um outro critério, é considerada ativa a força que vai ao limite do que ela pode, que afirma sua diferença e faz dessa diferença um objeto de gozo. É reativa a força que separa a força ativa daquilo que ela pode e

[52] Orlandi, Luiz B.L. Marginando a Leitura Deleuzeana do Trágico em Nietzsche UNICAMP e PUC-SP.s/d:4 mimeo

que, ao separar-se ela mesma do que pode, nega-se a si mesma. A força reativa, é por definição, reação, acomodação, adaptação: ela é, em suma, Segunda derivada. [...]

Se a história equivalesse, grosso modo, à hegemonia das forças reativas, o verdadeiro problema acaba sendo o da descoberta das forças ativas. Embora essas forças sejam dominantes e as reativas dominadas, isso constitui um princípio hierárquico e não um produto empírico factual. O fato, aliás, é sempre dos fracos contra os fortes. Não só é um fato que os fracos triunfam, mas é a essência do fato, diz Deleuze. Não se confundirá pois, vitória (na história) e superioridade (hierárquica), já que é próprio da história que vença o vil, o baixo, o fraco, o reativo. Fraco não designa o que perde empiricamente, factualmente, mas o escravo, aquele que está separado do que pode, o reativo. Daí também uma recomendação provocativa: é preciso defender os fortes contra os fracos." (PELBART 1998:105-106)

A intenção de estender a citação foi compartilhar este pensamento que possui uma virulência, uma capacidade ímpar para promover deslocamentos paradigmáticos na percepção dos modos, dos argumentos que usamos para nos proteger ao procedermos nossas escolhas, em boa parte das vezes, justificadas pela superioridade das decisões ditas democráticas, ou de maioria. Assim, mesmo que permaneça o mal-estar, nos refugiamos ali da nossa própria servidão. O pensamento "funcionário".

O debate sobre a pesquisa nos trouxe para o lugar do pesquisador, proporcionando ao grupo a experiência de um certo deslocamento das temáticas corriqueiras da educação e saúde que vínhamos praticando, remetendo-o a um outro lugar, de certo modo, ao lugar de pesquisador da situação em que está emergindo. O desejo busca ininterruptamente ser tocado e tocar outras possibilidades. A proposta de pesquisa-ação reconfigurou o campo do debate, favorecendo outras conexões para o pensamento, estimulando indagações: que lugar pode ocupar o trabalho de educação e

saúde, enquanto educação continuada, desenvolvido pelos próprios trabalhadores da área de saúde na instituição pública? Até que ponto este processo de produção de conhecimentos é reconhecido e validado como tal pela própria organização? Como situar estes nossos saberes na relação de força com o que está instituído historicamente como sendo o "verdadeiro" processo de produção de conhecimento? Em que medida estas pequenas obras, produzidas no dia-a-dia, para serem legitimadas, precisam realmente de um estatuto científico, corroboradas por um outro contexto de investigação? Até que ponto a proposta de pesquisa–ação não traz consigo uma captura, na medida em que, aparentemente, não eliminou a necessidade de um rito de reconhecimento que permanece, em última instância, sob o controle da universidade?

Algumas oportunidades anunciadas, caso assumidas, poderiam nos ajudar a esboçar um contorno para a experiência. Estabelecer contato com pesquisadores que estivessem produzindo em serviço para uma avaliação do potencial da proposta. Ler os textos sobre pesquisa-ação no grupo, formulando uma análise crítica à luz do que estava sendo questionado e depois proceder a escolha dos caminhos a serem seguidos. Com base nas preocupações levantadas, conceber um contrato coletivo de intenções que nortearia possíveis parcerias com a universidade, enfim, firmar naquele momento a possibilidade de construir alguns dispositivos que mantivessem a chama desse lugar, trabalhador/pesquisador, acesa.

Mas de que pesquisador estávamos falando? De que espécie de pesquisa? Para melhorar a prática? Melhorar sob que ponto de vista? Para servir a que propósitos?

Este devir pesquisador (que se instaura no processo, que pretende desconstruir, borrar as margens entre o sujeito e o objeto e ser apreendido pelo acontecimento), tanto para o serviço, quanto para a universidade, poderá vir a acontecer se nos instalarmos em um nomadismo, numa relação de bando que sempre estará em atrito com os estriamentos do aparelho de Estado. Essa modalidade de pesquisa encontra confluência com a idéia de uma *"'ciência menor' ou 'nômade', que é muito difícil de classificar [...] não são 'técnicas', segundo a acepção costumeira. Porém, tampouco,*

são ciências, no sentido régio ou legal estabelecido pela história." (DELEUZE-GUATTARI,1997:24-26)

Chama pelo *"(...) devir, pelo modelo hidráulico dos fluxos, pela ocupação do lugar sem medi-lo, a ir de um problema aos acidentes que o condicionam e o resolvem [...] o problema não é um "obstáculo", é a ultrapassagem do obstáculo, uma pro-jeção, isto é , uma máquina de guerra"* (Ibid.)

O modo de produção desta pesquisa é algo que demanda uma outra ordem de subjetivação destas coletividades, pois a relação entre pesquisadores universitários e pesquisadores em serviço não pode se reduzir apenas ao encontro de diferentes lógicas e diferentes práticas, o encontro da "forma" com o "conteúdo", supostamente capaz de produzir uma nova espécie de liturgia, algo como se as duas faces da mesma moeda pudessem se reencontrar no mesmo plano, de onde se descortinaria a possibilidade do nascimento de uma grande "fraternidade epistêmica".

> [O Estado introduziu] *"em todas as divisões do trabalho a distinção suprema do intelectual e o manual, do teórico e o prático, copiada da diferença "governantes-governados"[...] O Estado não confere um poder aos intelectuais ou aos conceptores; ao contrário, converte-os num órgão estreitamente dependente, cuja autonomia é ilusória, mas suficiente, contudo, para retirar toda potência àqueles que não fazem mais do que reproduzir ou executar. O que não impede que o Estado encontre dificuldades com esse corpo de intelectuais que ele mesmo engendrou, e que no entanto esgrime novas pretensões nomádicas e políticas. Em todo caso, se o Estado é conduzido perpetuamente a reprimir as ciências menores e nômades [...], não é em virtude de um conteúdo inexato ou imperfeito dessas ciências, nem de seu caráter mágico ou iniciático, mas porque elas implicam uma divisão do trabalho que se opõe á das normas de Estado. A diferença não é extrínseca: a maneira pela qual uma*

> *ciência ou uma concepção de ciência participa na organização do campo social, e em particular, induz uma divisão do trabalho, faz parte dessa mesma ciência." Uma das características do modelo "hilemórfico"*[53] *do qual as 'ciências régias' é inseparável [...] é que toda matéria é colocada do lado do conteúdo, enquanto toda a forma passa para o lado da expressão."* (DELEUZE-GUATTARI, 1997: 34- 35)

Gostaria de incluir, dentre as tensões decorrentes do relacionamento entre professores-pesquisadores e acadêmicos (tão bem denunciados e trabalhados por diferentes autores da pesquisa-ação em educação, entre eles Elliot e Zeichenner), está provavelmente a hipoteca dos sujeitos aos seus territórios de origem durante o encontro. Ao permanecerem "fiéis" às suas lógicas (conteúdo ou expressão), a tendência será a permanência do estranhamento e, conseqüentemente, de conflitos que não se resolverão apenas pela criação de critérios de legitimidade para as pesquisas em serviço, ou da assunção, pelos sujeitos, da autoria de seus trabalhos. Procedimentos, sem a menor sombra de dúvida, vitais para o reconhecimento público das produções e pela desprivatização destes espaços estatizados. Porém, ao operar em um contexto, propondo-se a superar a ruptura positivista entre sujeito e objeto, parece-me ser preciso deixar-se capturar por uma outra territorialidade, em que o princípio do encontro seria mais afeito ao da formação de um "bando" como modo de subjetivação, como um modo de romper intrinsecamente com a forma que induz a divisão do trabalho. Na subjetivação do bando, as relações não homogeinizam as identidades, a força do bando está na singularidade de cada elemento, no talento de cada um posto a disposição do grupo. Compõe-se um território pela força do encontro, mas as linhas são fluidas, nômades. Tribalismo. Este modo de subjetivação promove um estranhamento produtivo, um breve fora, em relação

[53] Hilemorfismo: " Doutrina aristotélico-escolástica segundo a qual os seres corpóreos resultam de dois princípios distintos e complementes, um deles indeterminado e comum a todos, que é a matéria, e outro determinante e que faz que uma coisa seja tal como é distinta de todas as outras, que é a forma" (Ferreira...)

aos modos de fixação identitária e ao disciplinamento dos corpos e da subjetividade promovidos pelo aparelho de Estado.

> *"As maltas, os bandos são grupos do tipo rizoma, por oposição ao tipo arborescente que se concentra em órgãos de poder. É por isso que os bandos em geral, mesmo de bandidagem ou de mundanidade, são metamorfoses de uma máquina de guerra, que difere formalmente de qualquer aparelho de Estado, [...] Não cabe dizer, pois, que a disciplina é o próprio da máquina de guerra: a disciplina torna-se a característica obrigatória dos exércitos quando o Estado se apodera deles; mas a máquina de guerra responde a outras regras, das quais não dizemos, por certo, que são melhores, porém que animam uma indisciplina fundamental do guerreiro, um questionamento da hierarquia, uma chantagem perpétua de abandono e traição, um sentido de honra muito suscetível, e que contraria, ainda uma vez, a formação do Estado [...] Não é em termos de independência, mas de coexistência e de concorrência, num campo perpétuo de interação, que é preciso pensar a exterioridade e a interioridade, as máquinas de guerra de metamorfose e os aparelhos identitários de Estado, os bandos e os reinos, as megamáquinas e os impérios. Um mesmo campo circunscreve sua interioridade em Estados, mas descreve sua exterioridade naquilo que escapa aos Estados ou se erige contra os Estados."* (DELEUZE-GUATTARI:1997; 21-24)

Aqui é preciso dar passagem a intensas "forças ativas", DESCOLAR , e construir uma ruína para instalar-se ás margens, livres da vontade de verdade. Este modo de produção estabelece uma relação com um fora, está dentro mas escapa, ao escapar é recapturado, e uma nova inventividade, com suas diferentes freqüências de intensidades, o faz de novo escapar...

A ruína é uma "concrescência"[54] de afetos, uma ruína desconstruída para abrigar o amor e por abrigar o amor suporta sem ruir a contemplação do nosso "fazer" domesticado, gregário, do nosso sentido de conservação. Uma ruína para contemplar linhas num louco movimento, vibrações lascando as máscaras, para, através de suas rachaduras, agenciar novas matérias de expressão. O pensamento ainda não encontrara o conceito que favorecesse esta conexão com as forças do fora. Era só o mesmo, rodopiando, desejando uma transubstanciação. E um incômodo: *"no nosso caso, nosso objeto não vai ser a rede, é o nosso próprio trabalho... Não tem essa coisa da pesquisa que a pessoa vai ser usada... a gente vai se formando pesquisador nesse grupo... a proposta é a gente conseguir tá elaborando alguma coisa, colocar em andamento e depois dar continuidade dessa pesquisa-ação, vai acompanhar todo o período do módulo pra só depois ter o fechamento?... eu acho que a gente não deve se preocupar com isso agora, a gente vai amadurecendo isso aos poucos... É sair do pragmatismo deste primeiro momento..."*

A tensão entre a pesquisadora e a trabalhadora era intensa e produzia uma cegueira em relação ao que se produzia em ato. Tínhamos em comum o lugar de trabalhadores e o propósito de desenvolver o Módulo III, a pesquisa-ação viria como acréscimo, e dependeria do grupo estar convencido da necessidade. Nesta posição, era instada a oferecer garantias e respostas objetivas. Daí, a proposta vir a se tornar um peso. Recuei, optei por aguardar a leitura dos textos, os debates, aguardei pelo momento em que um referencial teórico seria solicitado, os meses foram passando, muito foi realizado. Pura "expressão". A pesquisadora gorou, a trabalhadora grudou e descolou.

[54] " A concrescência é uma coisa distinta de uma conexão ou de uma conjunção, é uma preensão...A preensão é uma unidade individual. Toda coisa preende seus antecedentes e seus concomitantes, e de próximo em próximo preende o mundo. O olho é uma preensão da luz. Os viventes preendem a água, a terra, o carbono os sais. Em certo momento, a pirâmide preende os soldados de Bonaparte ("quarenta séculos vos contemplam"), e reciprocamente...O acontecimento é, inseparavelmente, a objetivação de uma preensão e a subjetivação de uma outra; ele é ao mesmo tempo público e privado, potencial e atual, entra no devir de outro acontecimento e é sujeito do seu o próprio devir. Há sempre algo psíquico no acontecimento." (Deleuze, 1988: 120)

Este modo de fazer circular os afetos assegurava, mesmo que momentaneamente, a manutenção de um território aparentemente confortável e familiar. Estava de novo em uma relação de "igualdade", de proximidade. O medo da captura e do aprisionamento por uma outra lógica, por uma outra ordem, estava momentaneamente afastado, nosso mundo habitual estava aparentemente conservado, aparentemente sustentado com o nosso "fazer"... O diálogo que se segue, entre Dom Juan e Carlos Castañeda expressa bem o jogo de forças imanentes à "manifestação dos mundos" "à feitura dos mundos".

Certa feita, quando Dom Juan andava pelas montanhas com Carlos, encontraram quatro jovens índios a procura de cristais de quartzo, sentaram-se em torno de uma fogueira, e, depois de conversarem, Dom Juan disse aos rapazes que ia lhes mostrar "uma coisa". Deu a volta a uma pedra grande, desaparecendo, enquanto isso, as chamas da fogueira tornaram-se compridas... e, quando aparece*, "olha para todos os membros do grupo, varrendo os olhos lentamente da direita para a esquerda. Depois olhou para cima de nós, para a escuridão. Ficou naquela posição por um momento; depois, voltou para trás da pedra e desapareceu".*

Os movimentos foram sincronizados com o tamanho das chamas e a intensidade do fogo. Ao narrarem o acontecido, perceberam que Dom Juan havia "aparecido" para cada um deles usando diferentes vestimentas.

> *" Dom Juan parecia estar descansado; seus olhos reluziam com um brilho malicioso. Senti-me encorajado e comecei uma barragem de perguntas. Sobretudo, queria saber a respeito da fantasia dele.*
>
> *- Eu lhes mostrei um pouco do meu não fazer - disse ele, e seus olhos pareciam brilhar.*
>
> *- Mas nenhum de nós viu o mesmo disfarce – retruquei, - Como foi que você conseguiu isso?*
>
> *- É tudo muito simples- respondeu- Só eram disfarces, pois tudo que fazemos é, de certo modo, apenas um disfarce. Tudo o que fazemos, como*

já lhe disse, é uma questão de fazer. Um homem de conhecimento poderia ligar ao fazer de qualquer pessoa e aparecer com coisas estranhas. Mas não são estranhas, não realmente. Só são estranhas para aqueles que estão presos no fazer. Aqueles quatro rapazes e você ainda não estão cientes do não fazer, de modo que foi fácil lograr vocês todos.

- Como é que nos logrou?

- [...]

- Digamos que, quando cada um de nós nasce, traz consigo um circulozinho de poder. Esse pequeno círculo é posto em uso quase que imediatamente. Assim, cada um de nós já está preso desde que nasce, e os nossos círculos de poder são ligados aos de todos os outros. Em outras palavras, os nossos círculos de poder estão girando e formando esta sala neste momento mesmo.

- Dê um exemplo para que eu possa entender.

- Por exemplo, nossos círculos de poder, o seu e o meu, estão ligados neste momento ao fazer desta sala. Nossos círculos de poder estão girando e formando esta sala neste momento.

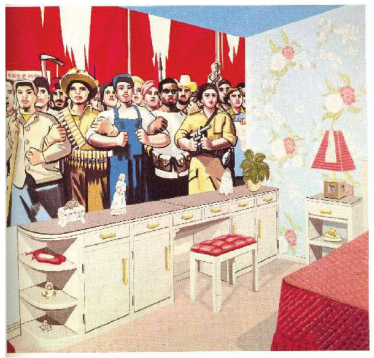
- [...]

- Entende, - continuou - cada um de nós conhece o fazer das salas porque, de uma maneira ou de outra, já passamos grande parte de nossas vidas nas salas. Um homem de conhecimento, por outro lado, desenvolve outro círculo de poder. Eu o chamaria de não fazer. Com esse círculo, portanto, ele pode fazer girar outro mundo"

(CASTAÑEDA, 2001:203-204).

o caminho da qualificação não tá operando mudança
para os coordenadores, tem que ser muito uma encomenda,
ter a cara de encomenda dos distritos, dos coordenadores dos distritos
Quem está com medo de falar com o coordenador põe o dedo aqui
...nossa eu to pensando! Eu posso pensar, eu posso falar
Como escapar da ordem dentro da ordem?

Posto de Escuta na Inglaterra – Projeto Echelon (vigilância mundial)
Foto: Paul Bates (Reuters) - 20/04/2000
Fonte: Folha de São Paulo - 27/07/2003



Erró,
Interior Americano Nº 7,
1968

Como escapar da ordem dentro da ordem?

Como escapar da ordem dentro da ordem? Até onde é possível pensar nomadicamente no interior de um aparelho de Estado, ou melhor, do aparelho do Estado? Criar bolhas, vacúolos, vácuos, para ali se instalar e nos autorizarmos a pensar. Pensar é escapar. Mesmo que o pensamento seja tímido, pequeno, acanhado, balbuciante.

"*Eu acho que os módulos I e II foram um investimento no enfermeiro como pessoa, quem sou, a coisa da identificação, da minha prática, mas não da minha prática para eu sair mudando o que eu estou fazendo aqui, entender onde estou, que SUS é esse, quem paga, quem compra, eu acho que ele tinha essa característica, eu acho que ele cumpriu bem esse papel... Essa característica acabou gerando uma angústia nas pessoas, principalmente nos coordenadores... eles esperavam reverter mais a coisa da prática, os coordenadores acharam que nessas uma ou duas semanas que o enfermeiro saísse, ia acontecer isso, entendeu... Eu fico preocupada de não ter coordenador da região neste grupo. Eu queria que a gente pensasse um jeito de envolver o coordenador.. tem que ter algum jeito de participação... faz criar uma birra. Para os coordenadores da região, o caminho da qualificação não tá operando mudança. Para os coordenadores, tem que ser muito uma encomenda, ter a cara de encomenda dos distritos, dos coordenadores dos distritos, tem que dar uma resposta às expectativas que gerencialmente cada distrito tem... a tua colocação de que o problema maior é do pessoal assimilar o modelo, na região não é. Não é pra quem? Para os coordenadores, a clientela que vocês estão trabalhando? E o restante da equipe? Quem está com medo de falar com o coordenador põe o dedo aqui?"*

"[O] que ficou presente para mim é a necessidade da gente ir se trabalhando, porque a construção do módulo é bastante árdua. Mas a discussão em si, como vai ser o módulo, os objetivos, essa não foi feita. Para

mim o que ficou, e o que tá bastante preocupante é a coisa da gente dar um retorno meio breve para as unidades, os coordenadores estão ansiosos. Uma coisa que me marcou ...os desafios que a gente vai estar enfrentando dentro do trabalho da gente na unidade, dentro da própria instituição para ver a parcela de contribuição que a gente pode dar... a questão dos textos a gente vai ter que arrumar um tempo para estar lendo, então realmente é um desafio, que a gente espera grandes frutos. Nós estamos esperando agregar o grupo todo, até para trabalhar com a coisa mais formatada... é importante a gente se constituir enquanto um grupo, um grupo que pode produzir, entrar em conflito... aparecem divergências e a gente precisa ter uma certa maturidade para lidar com isso."

"Qual é o nosso interesse? Todos os atores envolvidos têm interesses: tem os interesses da organização, da enfermagem, desse grupo aqui, cada um de nós... o importante é a experiência, a gente vai trabalhar com as nossas experiências, a gente faz tantas coisas, só que aquilo vai se perdendo, como a gente pode dar um rosto, um jeito para essas experiências, como elas podem contribuir com o coletivo? Foi um contraste muito grande com o período em que trabalhei no hospital, com aquela repreensão, ...aquela coisa muito técnica, muito fechada, militar até. E daí, no momento eu que eu me vi na saúde pública, foi uma descoberta, uma coisa muito prazerosa, de falar, nossa eu tô pensando! Eu posso pensar, eu posso falar. Vim de um hospital onde a administração mandava e a divisão cumpria, era faz e tem que ser assim! Quando eu cheguei na prefeitura, eu não me conformava. A gente ia na reunião e eu conseguia falar, a gente conseguia ir para a reunião que a gente tivesse vontade, que era voltada para a área de enfermagem, isso não acontecia ...A gente não tinha voz, não tinha vez, não tinha nada. Eu ia nas reuniões, aí eu via as pessoas, parece que se colocavam com tanta convicção, com tanta experiência, e eu não falava, eu não falava. Eu sempre achava que a minha experiência, aquilo que eu tava pensando, ela não tinha importância

para aquele momento, parece que eu não tinha com o que contribuir... Eu tinha medo de colocar o meu medo. Então eu só participava, eu era o corpo presente. A gente quer mais, porque eu acho que falta ainda conquistar muito da nossa independência, muito da nossa força, muito de nosso trabalho... Tá faltando a gente conquistar e se encontrar dentro dessa conquista... eu quero ser feliz , eu quero fazer as coisas, de dentro. Não porque a instituição determina, ou porque mandam isso e aquilo, mas porque dentro do meu trabalho eu posso fazer muita coisa boa!"

Como sobreviver às "encomendas", às "linhas de mando", à força da racionalidade instrumental? Como sobreviver a angústia de termos tão pouca autonomia, e, de quatro em quatro anos, assistirmos o desmoronamento de propostas que foram tomando forma ao longo de um caminhar, e que, sem pestanejar, a cada administração, passa-se o "trator" por cima, em nome de um projeto mudancista, de um modelo mais ousado, progressista, que vem sempre em defesa de algo, dos sujeitos de direitos, da vida, de uma comunidade saudável, da qualidade de vida, da saúde da família, da humanização do atendimento. Quantas "pequenas" ou grandes atrocidades nos micro e macro espaços de poder são cometidas em defesa de algo! Em nome de uma suposta humanização (ainda somos humanos?). O que está em questão aqui não é um posicionamento favorável ou desfavorável em relação à concepção dos modelos, mas às estratégias adotadas para a implantação dos mesmos, no momento mesmo da ocupação do aparelho de Estado. Tais estratégias estão em conformidade com um tipo de violência necessária aos procedimentos de *" 'duplo constrangimento' político, que é a simultânea individualização e totalização próprias às estruturas do poder moderno".* (FOUCAULT,1995:239).

Havemos ainda de compreender com Foucault que tais processos ou procedimentos são constituintes do Estado.

> *"Não acredito que devêssemos considerar o 'Estado moderno' como uma entidade que se desenvolveu acima dos indivíduos, ignorando o que eles são e até mesmo sua própria existência, mas, ao contrário, como uma*

estrutura muito sofisticada, na qual os indivíduos podem ser integrados sob uma condição: que a esta individualidade se atribuísse uma nova forma, submetendo-a a um conjunto de modelos muito específicos." (Ibid.p.239)

Em um primeiro momento, a ordem é sempre alinhar as diferenças, as pequenas singularidades a uma certa totalização, a uma marca identitária. Desde então, as diversas produções dos diferentes "sujeitos coletivos" ou todo o "agenciamento coletivo de enunciação" fica subsumido a essa lógica, ou, também dizendo, os modelos sobrecodificam as miríades invenções cotidianas. É o efeito modelo, modelo centrado no modelo. Somos dessapossados de nossas singularidades e porque não, de nossas autorias.

Por outro lado, o modelo também pode ser um espaço continente para que determinadas práticas possam ganhar vida, pode ser um grande agenciador de novidades, um grande vetor para a manifestação de forças singulares. Para tanto, teria que agregar minimamente nossas marcas e não ignorá-las, apagá-las, provocando o desmonte de um grande capital social de relações, construído com o esforço, empenho, horas de trabalho de dezenas e dezenas de trabalhadores. Estas marcas muitas vezes sequer tornam-se pautas, inúmeros relatórios são produzidos, a cada fim de governo, com a expectativa de que sejam apreciados pelos novos "chefes". Ficam sem resposta, já fazem parte de um passado. Uma espécie de um marco zero sempre a ser reinaugurado.

Como é possível praticar a tal "razão comunicativa", a "disputa de projetos" a "grande roda" tão anunciados pelas teorias de planejamento e gestão, quando não se dispõem a produzir territórios no espaço organizacional e institucional que minimamente dêem visibilidade a essas produções antes de atirá-las ao limbo?

"Qual é o nosso interesse? Todos os atores envolvidos têm interesses: tem os interesses da organização, da enfermagem, desse grupo aqui, cada um de nós... o importante é a experiência, a gente vai trabalhar com as nossas experiências, a gente faz tantas coisas, só que aquilo vai se

perdendo, como a gente pode dar um rosto, um jeito para essas experiências, como elas podem contribuir com o coletivo?"

Entendo que a proposição "disputar projetos" deva assegurar condições mínimas indispensáveis para que uma disputa de poderes não redunde em violência institucional.

> *"Uma relação de violência age sobre um corpo, sobre as coisas; ela força, ela submete, ela quebra, ela destrói; ela fecha todas as possibilidades; não tem, portanto, junto de si, outro pólo senão aquele da passividade; e, se encontra resistência, a única escolha é tentar reduzi-la. Uma relação de poder, ao contrário, se articula sobre dois elementos que lhe são indispensáveis por ser exatamente uma relação de poder: que "o outro" (aquele sobre o qual ela se exerce) seja inteiramente reconhecido e mantido até o fim como sujeito em ação; e que se abra, diante da relação de poder, todo um campo de respostas, reações, efeitos, invenções possíveis."* (FOUCAULT, 1995: 243)

Nas ruínas estão registrados os vestígios de nossos pequenos acontecimentos. Memória para uns, esquecimento para outros, permanências, mudanças. Por mais que se retirem os escombros, sobram os depósitos, uma poeira, o barulho, o vazio, que, ao sofrerem a ação do tempo, dos ventos, das chuvas, sofrem transformações, aparecendo novos contornos, reentrâncias, saliências, que servem de habitação para outras formas de vida. O tempo da ruína é lento. A desconstrução é uma valorosa experiência. As ruínas são concreções de afetos. Potências. Na medida que raspamos suas superfícies, entre luzes e sombras, vamos nos deparando com pequenas jóias. *"Uma coisa que me marcou ...os desafios que a gente vai estar enfrentando dentro do trabalho, da gente na unidade, dentro da própria instituição para ver a parcela de contribuição que a gente pode dar... a questão dos textos a gente vai ter que arrumar um tempo para estar lendo, então realmente é um desafio, que a gente espera grandes frutos"* ou ainda: *"A gente quer mais, porque eu*

acho que falta ainda conquistar muito da nossa independência, muito da nossa força, muito de nosso trabalho... Tá faltando a gente conquistar e se encontrar dentro dessa conquista... eu quero ser feliz , eu quero fazer as coisas de dentro. Não porque a instituição determina, ou porque mandam isso e aquilo, mas porque dentro do meu trabalho eu posso fazer muita coisa boa!".

> *"O que está em jogo é como cada um se situa no próprio mistério da vida, como cada um acolhe a força de um Eros que, para lá de qualquer principio moral ou utilitário, aparece como manifestação secreta do espírito germinativo"* (LARROSA, 2000:83)

"Eu quero ser feliz, eu quero fazer de dentro. Não porque a instituição determina, ou porque mandam isso e aquilo, mas porque dentro do meu trabalho eu posso fazer muita coisa boa!" Paradoxalmente o "fazer as coisas de dentro" expressa a potência das forças do fora agindo em favor de um autorizar-se, aqui, uma linha anunciou uma possível fuga do controle, foi gerado um acontecimento contra a história, contra o Estado. "O meu trabalho" é mais do que um lugar de visibilidade de um modelo, de uma prática. O meu trabalho é uma linha de subjetivação *"quando uma força, em vez de entrar em relação linear com outra força, se volta para si mesma, actua sobre si mesma e afecta a si mesma [...] é um processo de individuação que diz respeito a grupos ou pessoas, que escapa tanto as forças estabelecidas quanto aos saberes constituídos (...)"* (DELEUZE, 1993:84).

"O meu trabalho" é fonte de vida. Estas linhas de vida, instituintes, estarão em disputa, permanentemente, com as linhas de forças, de poder. Linhas molares, instituídas, que tendem à fixação, à normatização, ao controle das identidades .

"Eu acho que os módulos I e II foram um investimento no enfermeiro como pessoa, quem sou, a coisa da identificação, da minha prática, mas não da minha prática para eu sair mudando o que eu estou fazendo aqui, entender onde estou, que SUS é esse, quem paga, quem compra, eu acho que ele tinha essa característica, eu acho que ele cumpriu bem esse papel ... Essa

característica acabou gerando uma angústia nas pessoas, principalmente nos coordenadores... eles esperavam reverter mais a coisa da prática, os coordenadores acharam que essas uma o duas semanas que o enfermeiro saísse ia acontecer isso, entendeu... Eu fico preocupada de não ter coordenador da região neste grupo. Eu queria que a gente pensasse um jeito de envolver o coordenador.. tem que ter algum jeito de participação ... faz criar uma birra".

"Para os coordenadores da região, o caminho da qualificação não tá operando mudança. para os coordenadores, tem que ser muito uma encomenda, ter a cara de encomenda dos distritos, dos coordenadores dos distritos, tem que dar uma resposta às expectativas que gerencialmente cada distrito tem... a tua colocação de que o problema maior é do pessoal assimilar o modelo, na região não é".

"Não é pra quem? Para os coordenadores, a clientela que vocês estão trabalhando? E o restante da equipe?"

"Quem está com medo de falar com o coordenador põe o dedo aqui?"

A constituição de um GT, por si só, instaura um território, entre outros, no interior da organização. Benevides, nos propõe a pensar o grupo como um dispositivo:

> *"Ele é um composto, um emaranhado de linhas [...] de visibilidade, a de enunciação, a de força e a de subjetivação [...] o grupo é um dispositivo conectado não mais a unidades/totalidades, mas a processualidades [...] o jogo das forças se faz pelo mapeamento da manutenção/desmanchamento das instituições, da naturalização/desnaturalização dos modos de viver, sentir, do acompanhamento dos fluxos que se deslocam no tempo, produzindo modificações nos territórios constituídos [...] Um primeiro destaque é que no trabalho grupal, estabelecem-se conexões não apenas entre pessoas diferentes, como também entre modos de existencialização*

diferentes... as falas portadoras de cristalizações, os afetos congelados em territórios fechados, quando acionados pelo dispositivo grupal, se vêem na adjacência de uma inquietação podendo, se intensificados, se deslocar do lugar naturalizado a que estavam remetidas [...] O estar a frente a outros pode disparar movimentos inesperados porque é o desconhecido - não só enquanto experiência, como também enquanto modos de experimentar que passa a percorrer a superfície dos encontros. O sentido de outro, aqui, é tanto o de outra pessoa - nível molar -, quanto de outrem - nível molecular. [...] Outrem não é nenhum objeto/sujeito particular. Outrem é multiplicidade, é coletivo [...] O plano molar recorta o molecular, e este não pára de o atravessar. É justo no encontro dos dois planos – o primeiro que codifica e generaliza, e o segundo que cria e comporta variações -, que os embates se dão, que as linhas se entrecruzam. (BENEVIDES,1996:101-102)

Ao instaurar-se um novo território, as pessoas que ali estão, colocam os seus "círculos de poder" para "fazer este mundo", que estará sempre em relação de alteridade com os outros coletivos da organização. Os territórios tendem a se estranhar, produzindo, por vezes, reações paranóides: *"Quem está com medo de falar com o coordenador põe o dedo aqui?"... "faz criar uma birra".* Até que se estabeleçam os mecanismos de negociação dos diferentes sentidos que vão sendo produzidos nos diferentes espaços.

Cinco meses depois, durante as negociações dos pólos: *"Eu achei que foi ótima a reunião (com os coordenadores e supervisão) da região..., todo mundo gostou, aprofundaram bastante, deram algumas idéias bem interessantes. Quem mais discutiu foi ..., mas a gente percebia que todos estavam apoiando... faziam que sim com a cabeça, foram bem receptivas... O final da reunião foi manda ver que nós estamos apoiando".*

Em outra região: *"Teve mais questionamentos, o pessoal*

demonstrou um pouco as dúvidas, ansiedades, supervisão e coordenadores, mas todos apoiaram, concordaram, querem participar."

CAIXA DE PANDORA?

Posto de Escuta na Inglaterra – Projeto Echelon
(vigilância mundial)
Foto: Paul Bates (Reuters) - 20/04/2000
Fonte: Folha de São Paulo - 27/07/2003

Andy Warhol,
“Caixas de cartão sobrepostos de
Brillo, Del Monte e Heinz”, 1964

A Caixa de Pandora?

> *"A primeira mulher chamava-se Pandora. Foi feita no céu, e cada um dos deuses contribuiu com alguma coisa para aperfeiçoá-la. Vênus deu-lhe a beleza, Mercúrio, a persuasão, Apolo a música etc. Assim dotada, a mulher foi mandada à Terra e oferecida a Epitemeu, que de boa vontade a aceitou, embora advertido pelo irmão para ter cuidado com Júpiter e seus presentes. Epitemeu tinha em sua casa uma caixa, na qual guardava certos artigos malignos, de que não se utilizara, ao preparar o homem para a sua nova morada..."* (BULFINCH,1999:22-23)

A trabalhadora que grudou e descolou estava mais a vontade, se permitiu algumas provocações. Combinamos que a organização das reuniões sempre ficariam sob responsabilidade de uma dupla de trabalho, na segunda e terceira reunião, que fazem parte deste conjunto de narrativas, o grupo sugeriu que R. e eu ficássemos como referência. Como a proposta era encontrar novos caminhos metodológicos que dessem sustentação ao PQPE, sugerimos então alguns dispositivos que permitiriam, a partir de trabalhos corporais e lúdicos, a configuração de territórios existenciais até então bastante subsumidos pela lógica instrumental. A idéia era provocar um certo estranhamento, uma certa desterritorialização das linhas molares, identificadas através de insistentes pedidos de "objetividade", "resolutividade", "componente teórico prático eminente" ou através das falas homogeinizadoras, desmobilizadoras, que extraem a possibilidade de percebermos lugares, pessoas, que estão fazendo práticas diferenciadas, *"tanto no acolhimento quanto na assistência a gente precisa capacitar nossos profissionais para fazer isso. A maioria dos profissionais não está capacitada"*, e outras.

Ao montar os dispositivos, nossa intenção foi propiciar passagem a certos blocos de invisível: *"Não há oculto a ser revelado, há incisões a serem feitas nos*

estratos, para que o invisível, já presente, se torne visível. São blocos de invisível buscando passagem e que, ao fazê-lo, produzem rachaduras". (BENEVIDES,1993:100)

Raspar, raspar e raspar as linhas duras, molares, que vão se inscrevendo em nossas máscaras, cristalizando-as, permitindo que os afetos circulem mais livremente, "sem peias". Para tanto, utilizar dispositivos que nos façam mudar as "chaves" da nossa percepção, abrindo os poros, encarnando o olhar. Exercícios corporais... lúdicos:

"...naquela caixa temos vários materiais: revistas, papel, lápis, cola, tintas, giz de cera, tesoura... com eles vamos pensar nossas trajetórias na saúde, enfatizando os momentos de mudanças significativas, momentos instituintes, dos quais participamos, como estes momentos foram vividos?" O que saiu da nossa Caixa de Pandora?

Uma caixa velha, de papelão, bem ao gosto de Manuel de Barros, deu abrigo para as coisas que aparentemente não funcionavam para a faina, como o " '*Guindaste para Mosca'. Esse engenho, pra bem funcionar, havia que estar ligado por uma correia aos ventos da manhã. Funcionava ao sabor dos ventos. Imitava uma instalação. Mas penso que seja um desobjeto artístico*" (BARROS, 1998:45)

Da caixa saiu:

A História: *"A saúde pública foi onde mais ocorreram mudanças... a gente sempre tinha um embate em relação às mudanças... a gente resistia e, ao mesmo tempo, evoluía com estas discussões... eu acho que você se torna essencial nesse processo, você é um produto integrante daquilo e, sem você, aquilo não vai evoluir... Eu coloquei o fora F.H.C (Fernando Henrique Cardoso) porque em todas estas épocas tivemos "os fora", desde os militares até as diretas... e as coisas evoluíram, a nossa telecomunicação evoluiu, vieram as privatizações, a internet grátis, os discursos continuam os mesmos... vem governo, vai governo, e a gente está sempre lutando para que a saúde melhore... a gente continua com a febre amarela e achando que as coisas*

induzidas pela globalização estão melhorando o país"

O Não Pertencimento: *"Eu me senti num isolamento muito ruim, foi uma fase terrível na minha vida, eu era questionada por coisas que eu não tinha feito... Você pode ver que nessa fase aqui... é uma fase de muito isolamento"*

A Pertença: *"Eu fui tomando conta da minha praia, do que eu entendia da enfermagem, de capacitação de pessoal... eu fui me encontrando, reencontrando as pessoas e aprendendo a lidar com as dificuldades, tem muito a ver com a coisa de ter participado, aqui no CETS, do Módulo I."*

As Ousadias nas Práticas: *"Era o trabalho que a gente desenvolvia fora do Centro de Saúde, atender nas casas, conseguir entrar nas casas e fazer um vínculo, atendimento domiciliar, depois a equipe foi assumindo... E o trabalho em grupo, na comunidade, com a participação de outro profissionais, médicos, auxiliares de enfermagem... a gente dançava, fazia caminhada, fazia comida com grupo de obesos... os grupos ficavam lotados, não cabia na sala, porque era um jeito diferente de trabalhar, não tinha muito limite, você acolhia as pessoas e ia trabalhar com o que tinha ali. Foi uma fase muito boa, uma fase que eu consegui chegar mais próxima das pessoas... o que de mais interessante que aprendi aqui foi a solidariedade, o respeito".*

As Emoções: *"Tem que ter uma emoção nas coisas que você faz. As emoções são lanças, eu acho que você vai lançando de você para os lados, e também vai absorvendo, vai captando as coisas".*

Os Devires: *"A gente nunca entra no rio duas vezes, porque o rio já não é mais o mesmo, você também não é mais a mesma"* .

O Pensar: *"No momento em que eu me vi na saúde pública, foi uma descoberta, uma coisa muito boa, muito prazerosa, de falar: nossa eu tô pensando, eu posso pensar, eu posso falar".*

Os Preconceitos: *"Eu assumi a coordenação da unidade, no início isto foi bastante traumático... Ficou bastante evidente na época uma questão, é*

claro que não foi da equipe toda, mas de um ou dois profissionais, a questão do racismo pegou bastante, então vinha o preconceito por ser enfermeira, era da própria equipe , e era negra também... os conflitos foram ficando mais e mais , e aos poucos essa questão foi ficando um pouco mais clara e eu consegui acompanhar o que realmente estava acontecendo. Nesse momento, eu adquiri mais confiança, que logo de início eu não tinha realmente... não dá para ir abandonando o barco, se está aqui tem que viver. Vamos invadir pra ver o que dá, não é? E foi muito interessante... então essa questão da identidade, da confiança, da personalidade mesmo, a coisa profissional foi formada ali."

Os Medos: *"Eu era uma pessoa muito fechada, eu tinha medo de falar... eu sempre achava que a minha experiência, aquilo que eu estava pensando, ela não tinha importância para aquele momento, parece, sabe, que eu não tinha com o que contribuir... eu tinha medo de colocar o meu medo! Então eu só participava, eu era um corpo presente" .*

O Trabalho Coletivo: *"Eu espero que realmente as pessoas cresçam em equipe. Cresçam em conjunto, e passem a ser mais felizes. O que me marca muito é a questão de saber trabalhar com a equipe, eu cheguei muito individualista, muito enfermeira chefe. Hoje, aquilo lá não serve para mais nada".*

A Transversalidade: *"Nosso grupo começa a perceber, discutir e elaborar um novo modo de pensar... partindo do pressuposto de que não dá para discutir relações de equipe descolado do projeto político, descolado do modelo, descolado da organização dos processos de trabalho, porque estas coisas estão todas juntas... trabalhar as relações de trabalho e não só as relações humanas".*

A Esperança: *"Assim eu aprendi, que eu tinha que ir passo a passo, que eu não podia perder a esperança, ... eu nunca mais seria a mesma, eu tinha aprendido, eu tive lições de vida, que jamais seria a mesma... eu tô numa fase que é assim, daqui para amanhã. Não sei o que vai acontecer depois.*

Sempre com dúvidas, sempre com esperanças, mas, mais próxima" .

> *"(...)Pandora foi tomada por intensa curiosidade de saber o que continha aquela caixa, e certo dia, destampou-a para olhar. Assim, escapou e se espalhou por toda a parte uma multidão de pragas que atingiram o desgraçado homem. Pandora apressou-se em colocar a tampa na caixa, mas infelizmente, escapara todo o conteúdo da caixa, com exceção de uma única coisa, que ficara no fundo, e que era a esperança (...)"* (BULFINCH, 1999:22)

E as pragas acima (subjetivações) que são esconjuradas dos processos de trabalho em nome de uma pretensa neutralidade, de uma pretensa separação do sujeito de seu objeto de trabalho, ao se espalharem, agenciaram a produção das práticas à subjetividade.

A vida transbordou, e o que antes parecia irremediavelmente colonizado pela racionalidade instrumental, técnica, por um olhar racionalizador, ao dar passagem aos afetos, criou um espaço de acolhimento, onde as palavras de uns tocaram as palavras de outros, processando construções e desconstruções, alçando as individualidades à condição de subjetivações. A relação dos sujeitos com seu trabalho, com as práticas que desenvolvem, deu espaço à entrada e saída das potências que territorializam e desterritorializam a vida. Potências a serviço das forças ativas ou reativas. Mas linhas de vida, que se manifestam na "micro política do trabalho vivo". Quando estou abrigado, sinto-me a vontade, quando o outro tangência coisas e histórias que me são próximas, torna-se possível a produção de uma alteridade.

Já íamos para o terceiro encontro, e, para contribuir com o debate, transcrevi a fita relativa a nosso segundo encontro, proporia, a partir dali, a produção de um primeiro texto. O conteúdo era riquíssimo, possibilitando uma reflexão dos processos de subjetivação do grupo, de onde poderíamos partir para organizarmos a discussão com a rede. O material nos interrogava e revelava que espécie de olhar e sensibilidade precisaríamos desenvolver para abrirmos o debate. Estava empolgada,

excitada, o grupo afinal exteriorizara seus afetos, podendo experimentar outras referências para abordar a relação com as práticas.

Entre uma semana e outra, algo aconteceu... Começamos o dia com os trabalhos corporais, como combinado anteriormente, inclusive sobre usarmos roupas mais confortáveis durante os encontros, o grupo "meio travado", algumas pessoas não quiseram tirar os sapatos como foi sugerido, mas depois de aquecido, todos se envolveram. Diante dos incômodos, frustração, desanimo, irritação. Foi difícil suportar o vai e vem do grupo...

Os movimentos do desejo expandem as linhas de vida, às vezes, para tornar suportável o processo, tendemos a amortecer as vibrações, as sensações provocadas, objetivando, naturalizando a experiência, tornando-a banal, esvaziando-a de seus sentidos. Justificando essa arbitrariedade para conosco a partir de uma falta. É um constante tensionamento entre as *"forças ativas e reativas, forças plásticas e forças de utilidade e regulação"* (PELBART, 1998:105)

"[É] o terceiro encontro que a gente vem e eu tô vendo que, pra mim, assim, não tá saindo do lugar, é isso, é essa a minha angústia ..."

" Eu compartilho disso, é um terceiro encontro, reconheço que temos que construir esse contrato, a que o grupo se propõe, mas a gente precisa estar clareando algumas estratégias...Que instrumentos vamos usar para atingir tal coisa, qual é o nosso real objetivo e caminhar para isso. Ter uma coisa assim concreta, que a gente visualize entendeu, eu tenho a impressão às vezes que a coisa está meio abstrata".

> *"Quando o pensamento funciona exclusivamente no registro dessa lógica, a macro... provavelmente a vida que nele vigora morre de medo do finito ilimitado... esse tipo de pensamento guia-se, exclusivamente pelo mapa do mundo social vigente e visível - oficial ou não-, considerando-o natural e universal. É um pensamento obediente, incapaz de embarcar no devir e criar cartografias. Em outras palavras, é uma estratégia de pensamento a serviço da conservação."*

(ROLNIK,1989:64)

"[Eu] sei que se está querendo consistência, mas eu vou voltar um pouco na coisa da inconsistência,...o fator surpresa no Centro de Saúde é que sempre leva você a fazer alguma coisa... você é pego de surpresa e aí você procura a coisa do norte , que estava procurando aqui hoje, e às vezes você vê que o norte, sabe lá deus onde está esse norte"

"Eu não estou achando que está sem direção"

"Eu acho que, mais do que calma, a gente vai precisar de confiança,...hoje a gente trabalhou um pouco isso, é difícil a gente ter confiança quando está num desconhecido, a gente não sabe direito onde vai chegar, tem expectativas muito diferentes,...a gente trabalhou isso um pouco quando a gente fecha o olho e tem que andar, você trabalha um pouco com o desconhecido, é difícil você confiar... A desestruturação faz parte do nosso trabalho na equipe e a gente não quer ver, a gente fica o tempo todo negando essa desestruturação e se sentindo pessoalmente incompetente por não ter estruturado tão certinho. Então a desestruturação, se a gente não encarar ela aqui, a gente vai se danar é lá (risos). E nós vamos ter que acolher a desestruturação no trabalho, na equipe, ...tenho que trabalhar com relações humanas, não tem outro jeito... por outro lado, eu acho que também tem uma coisa, uma vez que isso é uma ansiedade do grupo, a gente tem que considerá-la e trabalhar com isso, eu acho que agora nós estamos numa cegueira situacional mesmo, eu acho que a gente tá no meio dessa coisa e a gente não consegue ver muita luz ainda... nós, enfermeiros, somos muito pragmáticos, temos mais dificuldades, então, eu tô propondo que a gente faça isso em conjunto, que a gente possa ir trabalhando uma parte mais desestruturada e ver em que isso vai mexendo... Queria pedir licença para contar o que vocês me contaram: A (...) saiu super mexida do trabalho, entrou em contato com questões muito pessoais, a (..) saiu do último encontro e

passou mal terça a tarde, isso mexe, uns mais, outros menos, para mim eu já percebo algumas mudanças, estamos trabalhando lá na... com planejamento, esse trabalho aqui já me deu um monte de clareza na inserção lá."

Construir uma ruína para a palavra 'imprevisto', para que as coisas que vêem de súbito tenham abrigo e não sucumbam no abandono do nosso desespero, do nosso mal-estar. Construir uma ruína para suportar o mal-estar, sem sucumbir à nossa "razão explicativa". Razão que nos leva a querer entender tudo, desde o primeiro momento, um pensamento sem frestas, claustrofóbico, que não permite a volatização do que foi "desestruturado". Desconstruir uma ruína para suportar o peso da história, da nossa história de trabalho que imprimiu ritmos, modos, Qual é o objetivo? Em que tempo? Todos somos cobrados por isso. A transgressão de certos limites provoca dor, "saiu do último encontro e passou mal". às vezes é insuportável fazer um caminho caminhando, somos cobrados de antemão para apresentarmos todos "os nortes", mas na prática estes nortes são transgredidos todo o tempo: *"...você é pego de surpresa e aí você procura a coisa do norte , que estava procurando aqui hoje, e às vezes você vê que o norte, sabe lá deus onde está esse norte".*

> *"A idéia que pretendo desenvolver é que, se por um lado, tanto as experiências de desestabilização e estranhamento, quanto o mal-estar que elas provocam são inevitáveis, a intensidade com que tais experiências são vividas no contemporâneo faz com que o mal- estar deixe de ser fonte de reivenção da existência para se tornar traumático. Uma das respostas que tem sido dadas a este trauma é o recalcamento no corpo, na tentativa de anestesiar o mal estar. Um exemplo é o que chamo de " drogadição de identidade"* . (ROLNIK, 1995: 208).

"Quando saímos daqui a semana passada, eu transcrevi a fita, transcrevi a nossa produção. ...O que aparece em nossas falas que são do interesse do projeto?"

As pragas da Caixa de Pandora ainda teriam o mesmo poder de

inoculação? A mesma força? Agora que transformadas em um proto-texto, ainda teriam o mesmo poder de revelação e ocultamento. Porém, segundo Larrosa: *"Entre ler e escrever... algo se passa... talvez. Entre ler e pensar... algo se passa... talvez. Entre ler e viver... algo se passa... talvez..."* [55]

"A gente foi apontando nas nossas falas um monte de indicações de como trabalhar, caminhos para seguir, trabalhar com a equipe, conflitos, relações humanas, usar a experiência do outro, a importância de ter o coordenador apoiando o desenvolvimento dos trabalhos, a importância dos sonhos, da necessidade de revolucionar as coisas, de trabalhar com risco, a importância de descentralizar... eu fui escrevendo uma frases do lado, conforme fui lendo... a gente vai poder trabalhar com várias contribuições. Foi bom reler para pensar em coisas que, no momento, a pessoa colocou, e a gente não pensou. O que eu fiquei impressionada é com o quanto a gente produziu de coisas"

"Lendo o meu e o dos outros, eu senti um pouco mais de consistência em alguma coisa, eu acho que era o que estava faltando, a gente falando, falando e não vê... a gente tem necessidade de ver algo produzido ou escrito. ...alguns caminhos, algumas deixas por onde a gente pode ir.... deu para mostrar alguns caminhos, vários por sinal, que até dá um alívio, mas você vê a gama de coisas que se tem para trabalhar, vários caminhos"

"Não consegui enxergar nada."

O proto-texto funcionou como um dispositivo, produziu um estranhamento, permitindo ao grupo aproximar-se e percorrer o que lhe aconteceu. Possibilitou que aquela experiência ganhasse um sentido plausível de negociação no território do trabalho. A objetividade é um "dogma" que agrega valor e dá sentido ao trabalho. Senão como justificar o tempo que estou gastando ali, qual é o retorno? "Time is money", *"eu tenho a impressão, às vezes, que a coisa está meio abstrata."* Aconteceram coisas, mas ficariam soterradas nos escombros da memória. O texto deu

[55]Aula proferida no programa de pós- graduação da Faculdade de Educação no dia 25 de agosto de 2003

visibilidade aos estratos, ganharam existência ao serem iluminados *"deu para mostrar alguns caminhos, vários por sinal, que até dá um alívio"* as coisas estiveram lá, na penumbra, o texto, como uma ferramenta, permitiu uma reapropriação da experiência. A reapropriação institucionalizou a experiência. Existiu um fora? Haveria outras saídas? Larrosa, é implacável:

> *"(...) a experiência é cada vez mais rara por excesso de trabalho. Este ponto me parece importante porque ás vezes se confunde experiência com trabalho. Existe um clichê segundo o qual nos livros e nos centros de ensino se aprende as teorias, o saber vem dos livros e das palavras, e no trabalho se adquire a experiência, o saber que vem do fazer ou da prática, como se diz atualmente. ... minha tese não é somente porque a experiência não tem nada a ver com o trabalho, mas, ainda mais fortemente, que o trabalho, essa modalidade de relação com as pessoas, com as palavras e com as coisas que chamamos trabalho, é também inimiga mortal da experiência (...)"* (LARROSA, 2001:4)

E o organismo que se desorganizou? Alguma coisa, ali, aconteceu, deixou vestígios, marcas, e um bom analisador foi o organismo ter se desorganizado, alguém passou mal! Nós passamos mal. Talvez, por termos sido atirados para as bordas, nossa indigência tocou outras possibilidades de existência ainda não atualizadas no real.

Ou não seria meu desejo, que por não se cansar de querer, na busca de novas conexões para tornar a minha vida menos domesticada, tornar o dia-a-dia menos medíocre, acabou por me levar para um buraco negro. E eu, confundindo alhos com bugalhos, presa na "matrix", me agenciei à crença de que é possível recuperar o trabalho para a vida, ou a vida no trabalho e, nesse empreendimento, vou me mantendo presa nesta teia insuportável, sem rebelar-me contra o presente em favor de um devir. E o que é pior, acreditando estar fazendo o melhor de mim mesma. Súcubos da sociedade de controle!

> *"Tomar a mim mesmo como espaço–tempo ocupado por multidões*

intensivas capazes de fluir com prudência por linhas de fuga, de resistir ao controle das Potências e de estabelecer relações ardilosas com o duplo incontrolável que me atravessa. Não vejo nisso uma constatação psicológica e nem um programa moral, mas sinalizadores éticos-políticos que me ajudam a avaliar, a propósito de minha participação, cada ocorrência, o que eu estou ajudando a fazer de mim mesmo a cada instante em face da inovação que brilha num acontecimento, seja ele pequeno ou grande. Não se trata, portanto, do trajeto curto que se acomoda entre uma ética da intimidade e uma moral da objetividade. O que pulsa nesses sinalizadores é uma ético-política da singularização, na qual incontáveis fios diagonais tramam o contínuo das metamorfoses." (ORLANDI, 2002: 237)

Esta produção conduziu-me a lugares absolutamente inesperados e imprevisíveis, foi dolorosa e apaixonante, solitária e populosa, alterou minha pressão arterial, meus hormônios, meus ritmos corporais. Escrever é experimentar novos territórios, outras singularidades. Se a escrita nos arrasta ou se nos fixa, independe, o ato de exercitar o pensamento torna nossa vida menos "Severina". Não há conclusão possível, não há um porto seguro. Especialmente para nós, "práticos", escrever, mesmo quando nos faltam as palavras, é DESTERRO.

Encerro este texto com as palavras de Pelbart chamando pelo encontro com a desrazão, contra a tirania das Razões de Estado, instrumental, técnica, explicativa, contra o pensamento estratégico.

"A nossa razão, a forma hegemônica de racionalidade vigente é carcerária, mesmo quando ela é edulcorada pelos burocratas do desejo com uma terminologia inefável. É preciso desmontar esta racionalidade, é preciso deixar nosso pensamento ser invadido pela desrazão [...] a desrazão não é uma nova ideologia, muito menos uma nova tecnologia – mas o exercício, no seio do próprio pensar e das práticas sociais, de uma

nova forma de relacionar-se com o Acaso, com o Desconhecido, com a Forças e com a Ruína. Trata-se de não burocratizar o Acaso com causalidades secretas ou cálculos de probabilidade, mas fazer do Acaso um campo de invenção e imprevisíbilidade, de não recortar o Desconhecido com o bisturi da racionalidade explicativa. Trata-se de não fazer da ruína um momento de uma superação dialética, mas uma linha de fuga micropolítica. Trata-se enfim de um pensamento que não transforma a Força em acúmulo, mas em diferença e intensidade. Isso tudo implica, naturalmente, inventar uma nova relação entre corpo e linguagem, entre a subjetividade e a exterioridade, entre os devires e o social, entre o humano e o inumano, entre a percepção e o invisível, entre o desejo e o pensar [...] É provável, porém, que seja preciso incluir nesse programa insensato que acabo de esboçar sem nenhum rigor um lugar também para o não sentido – um lugar que não seja mais o lugar do manicômio". (PELBART, 1990:136)

FIM

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANTUNES, Arnaldo, BROWN, Carlinhos, MONTE, Marisa. **Os Tribalistas**. Rio de Janeiro, RJ. Monte Criação e Produção Ltda., 2002. (CD)

ARENDT, Hannah. "Filosofia e Política". In: ARENDT, Hannah. **A dignidade da política: ensaios e conferências**. Antônio Abranches (org.). Trad. Helena Martins et al. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará, 1993. 91-115p.

BAGNATO, Maria Helena. "Fazendo uma Travessia: Em Pauta a Formação dos Profissionais da Área da Saúde". In BAGNATO, M. Helena S; COCCO, M. Inês M; DE SORDI, Mara Regina L, (orgs.). **Educação, Saúde e Trabalho: antigos problemas, novos contextos outros olhares**. Campinas, SP: Alínea, 1999. 9-23p.

BAREMBLIT, Gregorio. "A clínica como ela é". In. **Saúde e Loucura**, v.5. São Paulo, SP:HUCITEC, [s.d.], 5-10, 192p.

BAREMBLITT, Gregorio. **Compêndio de Análise Institucional e Outras Correntes-Teoria e Prática**. Rio de Janeiro. RJ: Rosa dos Tempos, 1994. 204p..

BARROS, Manoel de. **Retrato Do Artista Quando Coisa**. Rio de Janeiro, RJ: Record, 1998. 81p.

BARROS, Manuel de, RANGEL, Pedro Paulo. **Manuel de Barros**. Coleção Poesia Falada vol. 8. Rio de Janeiro, RJ. Luz da Cidade Produções Artística e Fonográfica, 2001. (CD)

BARROS, Regina Benevides. " Subjetividade Repetente". In: GUIMARÃES, Eloisa, Paiva, Elizabeth, (orgs.). Revista Semestral **Contemporaneidade e Educação: revista semestral de Ciências Sociais e Educação.** Rio de Janeiro, RJ: Instituto de Estudos da Cultura e Educação Continuada (IEC), Ano II, nº 02,1997. 112-129p.

BENEVIDES, Regina. “Dispositivos em ação: o grupo”. In. **Cadernos de Subjetividade.** São Paulo, SP: Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade:Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica:PUC-SP, num.esp., jun/1996, 97-106, 262p.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas- sobre a teoria da ação**. Trad. Mariza Corrêa . Campinas, SP: Papirus, 2001.224p.

BULFINCH, Thomas. **O Livro de Ouro da Mitologia (A Idade da Fábula: Histórias de Deuses e Heróis).** Trad. D. Jardim, Rio de Janeiro, RJ: Ediouro, 1999, 19-26, 417p.

CAMPINAS,2000;a. Projeto de Qualificação da Relações de Trabalho. Secretaria Municipal de Saúde

CAMPINAS, 2000;b. Relatório dos trabalhos desenvolvidos pelo CETS no ano 2000. Secretaria Municipal de Saúde

CAMPINAS, 1999. Relato de Atividades do Centro de Educação dos Trabalhadores da Saúde. Secretaria Municipal de Saúde

CAMPINAS, 1998/1999. Projeto de Qualificação das Práticas de Enfermagem: Módulo I . Secretaria Municipal de Saúde

CAMPOS, Gastão Wagner de Souza. "Subjetividade e Administração de Pessoal: Considerações sobre Modos de Gerenciar o Trabalho em Equipes de Saúde". In: MERHY, Emerson Elias & ONOCKO, Rosana. (Orgs.). **Agir em Saúde: um desafio para o público**. São Paulo, SP: HUCITEC, Buenos Aires: Lugar Editorial, 1997. 229-266p.

CAMPOS, Silmara de & PESSOA, Valda Inês Fonteneli. "Discutindo a Formação de Professoras e de Professores com Donald Schön". In: GERALDI, Corinta Maria Grisolia, FIORENTINI, Dario, PEREIRA, Elisabete M. A. (Orgs.). **Cartografias do**

Trabalho Docente: Professor(a)- Pesquisador(a). Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil- ALB, 1998.182-206p.

CASTANEDA, Carlos. **Viagem a IXTLAN.** Trad. L.M. da Costa, Rio de Janeiro, RJ: Record:Nova Era, 2001, 254p.

CECÍLIO, Luiz Carlos de Oliveira (Org.). **Inventando a Mudança na Saúde.** São Paulo, SP: HUCITEC, 1994. 11-27p.

CHAUÍ, Marilena. "Janela da Alma, Espelho do Mundo". In: NOVAES, A. (org.). **O Olhar**. São Paulo, SP: Cia. Das Letras, 1998. 31-63p.

CHAUÍ, Marilena. " O Ideal Científico e a Razão Instrumental". In: **Convite à Filosofia**. São Paulo, SP: Ática, 2000. 278-187p.

CHAUÍ, Marilena. **Ideologia Neoliberal e Universidade**. Palestra proferida como atividade da Calourada da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos,SP: 1997. 24p.

CLASTRES, Pierre. **A Sociedade Contra O Estado**. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves, 1990. 323p.

CONSELHO MUNICIPAL DE SAÚDE – CAMPINAS. "IVª Conferência Municipal de Saúde: O Município como Gestor Pleno 1997", Relatório Final. Campinas, SP, Secretaria Municipal de Saúde, 1997, 27p.

DELEUZE, Gilles, GUATARRI, Félix. "1914- Um Só Ou Vários Lobos?". In: **Mil Platôs- Capitalismo e Esquizofrenia**. Trad. Aurélio Guerra Neto, Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro, RJ: 34 Literatura S/C Ltda., 1995. 39-52p.

DELEUZE, Gilles, GUATARRI, Félix. **O Anti-Édipo – Capitalismo e Esquizofrenia**. Trad. Joana Moraes Varela, Manuel Maria Carrilho. Lisboa, Portugal: Assírio & Alvim, 1996. 430p.

DELEUZE, Gilles, PARNET, Claire. **Diálogos**. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo, SP: Escuta, 1998. 179p.

DELEUZE, Gilles. "A Vida como Obra de Arte". In: **O Mistério de Ariana**. Trad. Edmundo Cordeiro. Lisboa, Portugal: Veja Passagens, 1996. 69-81p.

DELEUZE, Gilles. **A Dobra: Leibniz e o Barroco.** Trad. L. B. L. Orlandi, Campinas, SP: Papirus, 1991, 212p.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro, RJ: 34 Literatura S/C Ltda., 1996. 226p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia – vol. 5**. Trad. PELBART. P., CAIAFA, J., São Paulo, SP :Editora 34, 1997, 235p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2ª ed. aum. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1986. 1838p.

FONSECA, André L.C. [www]. Texto de Apresentação. In: Encontro "**Del Manicomio a la Integración Social**", 2002, Santiago, Chile. Disponível em http://www.candido.org.br/biblioteca/artigos.

FORTUNA, Cinira Magali et al. **Perspectivas da Enfermagem, ser sujeito da história e autonomia em saúde coletiva**. Apresentado no I Seminário de Enfermagem "O SUS que está dando certo" da Secretaria Municipal de Saúde Campinas. Campinas, SP: Mimeo, 2000.

FOUCAULT, Michel. "AULA DE 7 DE JANEIRO DE 1976"- "AULA DE 14 DE JANEIRO DE 1976". In: FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2000. 3-73p.

FOUCAULT, Michel. "O Sujeito e o Poder". In: Dreyfus, Hubert L, Rabinow, Paul –

Uma Trajetória Filosófica- Para Além do Estruturalismo e da Hermenêutica. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária,1995. 231-249p.

FOUCAULT, Michel. Surveiller et Punir, 139p. Apud MACHADO, Roberto. "Introdução- Por uma Genealogia do Poder". In: FOCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** Trad. Roberto Machado (org.). Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1979. VII- XXIIIp.

GERALDI, Corinta M. G. **A pesquisa-ação nas ciências sociais e nas pesquisas sobre/no ensino.** Campinas, 2000a. Faculdade de Educação/UNICAMP. 13p

GERALDI, Corinta M. G. Aula ministrada pela professora Corinta Maria Grisolia Geraldi. Faculdade de Educação/UNICAMP, 17/04/2000b.

GERALDI, Corinta Maria Grisolia, MESSIAS, Maria da Glória Martins, GUERRA, Miriam Darlete Seade (orgs.). "Refletindo com Zeichner: Um Encontro Orientado por Preocupações Políticas, Teóricas e Epistemológicas". In: GERALDI, Corinta, FIORENTINI, Dario, PEREIRA, Elisabete Monteiro de A (orgs.).**Cartografias do Trabalho Docente Professor(a)- Pesquisador(a)**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil- ALB, 1998. 237-274p.

GUATTARI, Félix, ROLNIK, Suely. **Micropolítica – Cartografias do Desejo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. 327p.

LARROSA, Jorge. "Nota sobre a Experiência e o Saber da Experiência". In: **Leituras SME.** Campinas, SP:Rede Municipal de Educação de Campinas/FUMEC, 2001, n.4.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana- Danças, Piruetas e Mascaradas**. Trad. Alfredo Veiga- Neto. Belo Horizonte, BH: Autêntica, 2000. 208p.

LÉVI- STRAUSS, Claude. "A Ciência do Concreto". In: **O Pensamento Selvagem**. Trad. Tânia Pellegrini. Campinas, SP: Papirus, 2002.15-49p.

Ministério da Saúde, Secretaria de Modernização Administrativa e Recursos Humanos. LUCCHESI, Geraldo et al. **Capacitação Pedagógica para Instrutor/Supervisor Área da Saúde**.Brasília, 1989. 58p.

MACHADO, Roberto. "Introdução- Por uma Genealogia do Poder". In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 2002. VII- XXIII p.

MEHRY, Emerson Elias. "Em busca da qualidade dos serviços de saúde: os serviços de porta aberta para a saúde e o modelo tecno-assistencial em defesa da vida". In: CECILIO, Luiz Carlos de Oliveira. **Inventando a Mudança na Saúde**. São Paulo, SP:HUCITEC, 1994, 117-160, 334p.

MEHRY, Emerson Elias. "O conhecer militante do sujeito implicado: o desafio em reconhecê-lo como saber válido". Campinas, SP:mimeo, Outubro/2002, 19p.

MEHRY, Emerson Elias. **A gestão do cotidiano em saúde e o ato de governar as tensões constitutivas do seu agir: desafio permanente das estratégias gerenciais adotadas**. Departamento de Medicina Preventiva- Faculdade de Ciências Médicas-UNICAMP. Campinas, SP: Mimeo, 1999. 27p.

MEHRY, Emerson Elias. **Introdução à Saúde Pública: (e os sentidos das ações de saúde)**. Departamento de Medicina Preventiva- Faculdade de Ciências Médicas/UNICAMP. Campinas, SP: Mimeo, 1999. 25p.

MEHRY, Emerson Elias. **SAÚDE – a cartografia do trabalho vivo.** São Paulo, SP: HUCITEC, 2002, 189p.

MELLO NETO, João Cabral de. **A Educação Pela Pedra**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, [s.d]. 92p.

MORIN, Edgar. "Epistemologia da Complexidade". In: Schnitman, Dora Fried, org.

Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1996. 274-286p.

NASCIMENTO, Elisabet Pereira (LELO). **As Enfermeiras E Suas Práticas na Rede Básica de Saúde de Campinas nas décadas de 70 e 80.** Campinas, SP, 2002. Tese de Mestrado, Departamento de Enfermagem, Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 233p.

ORLANDI, Luiz B. "Que estamos ajudando a fazer de nós mesmos". In. RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz Benedito; NETO, Alfredo Veiga. (orgs.).**Imagens de Foucault e Deleuze – ressonâncias nietzschianas.** Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2002, 217-238, 359p.

PELBART, Peter Pál. "Direitos Humanos e Subjetividade". In: **Psicologia, Direitos Humanos e Sofrimento Mental**. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo; Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2000. 59-65p.

PELBART, Peter Pál. "Manicômio Mental – A outra face da clausura". In. **Saúde e Loucura,** v.2. São Paulo, SP:HUCITEC, [s.d.], 131-138, 148p.

PELBART, Peter Pál. **O tempo não-reconciliado.** São Paulo, SP: Perspectiva: FAPESP, 1998, 192p.

PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar. "Professor como Pesquisador: O Enfoque da Pesquisa- ação na Prática Docente". In: GERALDI, Corinta, FIORENTINI, Dario, PEREIRA, Elisabete Monteiro de A (orgs.). **Cartografias do Trabalho Docente Professor(a)-Pesquisador(a)**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil- ALB, 1998. 154-167p.

ROLNIK, Sueli. "Despachos no Museu – sabe-se lá o que vai acontecer". In. RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz Benedito; NETO, Alfredo Veiga. (orgs.) **Imagens de**

Foucault e Deleuze – ressonâncias nietzschianas. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2002, 309-323, 359p.

ROLNIK, Sueli. "Sueli Rolnik". In. **Cadernos de Subjetividade.** São Paulo, SP: Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade:Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica:PUC-SP, v.3,n.2,pp.189-428,set/fev. 1995, 205-209.

ROLNIK, Suely. "Notas de Abertura". In: **Cartografia Sentimental: Transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo, SP: Estação Liberdade, 1989. 15-17p.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo (1970-1980)**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1988.

SARTRE, Jean- Paul. **As Palavras**. Trad. J. Guinsburg. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2000. 183p.

SILVA, Eliete Maria et al. " Práticas das Enfermeiras e Políticas de Saúde Pública em Campinas, São Paulo, Brasil". In: **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, 17(4): 989-998,jul-ago,2001.

SILVA JUNIOR, Aloísio Gomes. **Modelos Tecnoassistenciais em Saúde: O Debate no Campo da Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, RJ, 1996. Tese (Doutorado em Saúde Pública), Escola Nacional de Saúde Pública, FIOCRUZ, Ministério da Saúde. 151p.

VALENTINI, Williams, VICENTE, Cenise Monte. "A Reabilitação Psicossocial em Campinas". In: PITTA, Ana (org.). **Reabilitação Psicossocial no Brasil**. São Paulo, SP: HUCITEC, 1996.

BIBLIOGRAFIA

BAPTISTA, Luis Antonio dos S. **A Fábrica de Interiores: A formação psi em questão**. Niterói: EdUFF,2000. 121p

CHOMSKY, Noam. **11 de setembro**. Trad. Luiz Antonio Aguiar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 150p.

COLLARIS, Cecília Azevedo Lima, MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso, GERALDI, João Wanderley. "Educação Continuada: A Política da Descontinuidade". In: **Rev. Educação & Sociedade**. Campinas, SP: Cedes, n.68, Dezembro de 1999. 202-219p.

GERALDI, João Wanderley. **A Linguagem nos Processos Sociais de Constituição da Subjetividade- Questões para pensar a cidadania: a língua e o imaginário**. Campinas, SP: mimeo, [s.d].

GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas, SP: Papirus, 1999. 56p.

HANDKE, Peter**. História de Uma Infância**. Trad. Nicolino Simone Neto. São Paulo: Compahia das Letras. 95p.

HARVEY, David. "A Experiência do Espaço e do Tempo". "O Tempo e o Espaço no Projeto do Iluminismo". In: **Condição Pós- Moderna- Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural**. Trad. Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1998. 185-194/ 219-235p.

LÖWY, Michael. **Ideologias e Ciência Social: Elementos para uma análise marxista.**

13 ed. São Paulo: Cortez,1999. 112p.

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. Trad. Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória- 3.ed. rev. e mod. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,199. 350p.

PIRANDELLO, Luigi. **O Falecido Mattia Pascal; Seis Personagens à Procura de um Autor.** Trad. Mário da Silva, Brutus Pedreira e Elvira Rina Malerbi Ricci. São Paulo: Abril Cultural, 1981. 465p.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Reinventar a Democracia**. 1. ed. Lisboa: Gradiva, 1998. 75p.

SANTOS, Gildenir Carolino, PASSOS, Rosemary (colab.). **Manual de Organização de Referências e Citações Bibliográgicas para Documentos Impressos e Eletrônicos.** Campinas, S.P.: Autores Associados; Ed. UNICAMP, 2000. 92p.

SILVA, Tomaz Tadeu (org.): **Pedagogia dos Monstros: Os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Trad. Tomaz Tadeu Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 200p.

SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Nunca Fomos Humanos: nos rastros do sujeito**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 208p.

SONTAG, Susan**. AIDS e SUAS METÁFORAS**. Trad. Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das letras, 1989. 111p.

VASCONCELOS, Eymar Mourão (org). **A Saúde nas Palavras e nos Gestos: Reflexões da Rede Educação Popular e Saúde**. São Paulo: HUCITEC,2001. 281p.